UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

BÁRBARA MACHADO MAZZETTI

**Permane (sendo) na Cidade:
valores, atores e ações de Permacultura no Município de São Paulo.**

São Paulo
2018

BÁRBARA MACHADO MAZZETTI

**Permane (sendo) na Cidade:
valores, atores e ações de Permacultura no Município de São Paulo.**

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Versão corrigida contendo alterações solicitadas pela comissão julgadora em 26 de Setembro de 2018. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de Outubro de 2011.

Área de Concentração:
Estudos Culturais

Orientadora:
Prof. Dra. Madalena Pedroso Aulicino

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)
CRB 8 - 4936

Mazzetti, Bárbara Machado

Permane (sendo) na cidade: valores, atores e ações de
Permacultura no município de São Paulo / Bárbara Machado
Mazzetti ; orientadora, Madalena Pedroso Aulicino. – 2018
186 f.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-
Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e
Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.
Versão corrigida

1. Permacultura - São Paulo (SP). 2. Meio ambiente
urbano. 3. Valores. 4. Identidade cultural. I. Aulicino,
Madalena Pedroso, orient. II. Título

CDD 22.ed.- 307.1412

Nome: MAZZETTI, Bárbara Machado

Título: Permane (sendo) na Cidade: valores, atores e ações de Permacultura no Município de São Paulo.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração:
Estudos Culturais

Aprovado em: 26/09/2018

Banca Examinadora

Profa. Dra.	Vivian Grace Fernandez Davila Urquidi	Instituição:	Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo
-------------	---	--------------	--

Julgamento:	Aprovada	Assinatura:	_____
-------------	----------	-------------	-------

Prof. Dr.	Renato Braz Oliveira de Seixas	Instituição:	Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo
-----------	-----------------------------------	--------------	--

Julgamento:	Aprovada	Assinatura:	_____
-------------	----------	-------------	-------

Prof. Dr.	Arthur Schmidt Nanni	Instituição:	Instituto de Geociências – Universidade Federal de Santa Catarina
-----------	----------------------	--------------	---

Julgamento:	Aprovada	Assinatura:	_____
-------------	----------	-------------	-------

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito à minha família pela vida, por toda a educação, amor, incentivo, estímulos, ideias, provocações e reflexões ao longo dos anos, que fizeram ser quem sou.

Agradeço a colaboração dos colegas de mestrado, professores, à Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo e, em especial, à minha orientadora, Madalena Pedroso, por todo o suporte, dicas, conselhos, correções, reflexões e ideias dadas e trocadas comigo, que sem dúvida contribuíram muito para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço as organizações Pra Melhor Ambiental, o espaço Arboreser, a Vila Itororó, o Ponto de Cultura Quebrada Sustentável, a UMAPAZ e o Instituto Casa da Cidade, que aceitaram o convite para participar, colaborar e construir esta pesquisa.

Agradeço ao programa de mobilidade internacional Santander Universidades por ter proporcionando-me a oportunidade de realizar um semestre do mestrado na Universidade Autônoma de Madrid, algo que, sem dúvida, agregou e ainda está agregando muitos conhecimentos, experiências e reflexões.

Agradeço ao meu atual trabalho, São Paulo Turismo, por ter colaborado, dentro do que foi possível, para compatibilizar dias e horários de trabalho e aulas, possibilitando também a realização deste Mestrado.

Por fim, agradeço e dedico este trabalho à comunidade de adeptos à Permacultura existente em São Paulo e em outras regiões, aos colegas e professores do *Permaculture Design Course* feito no Instituto Casa da Cidade, e aos amigos por todo o conhecimento trocado, inspiração, confiança e vontade plantada.

“Tentaram nos enterrar, mas não sabiam que éramos sementes”.
(Provérbio Mexicano)

RESUMO

MAZZETTI, Bárbara Machado. **Permane (sendo) na Cidade:** valores, atores e ações de Permacultura no Município de São Paulo. 2018. 186 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Versão corrigida.

Fruto da junção dos ideais e da contração das palavras “agricultura” e “permanência”, a Permacultura é uma filosofia que consiste em um conjunto de princípios de *design* para a “criação permacultural do espaço”, baseando-se no manejo altamente eficiente e, ao mesmo tempo, ético e ambientalmente sustentável da terra, em assentamentos humanos. A Permacultura é baseada na união de técnicas ancestrais com as novas tecnologias, que promovem a autossuficiência de comunidades, por meio do plantio agroecológico, bioconstrução, captação e tratamento da água da chuva, produção e uso de energias sustentáveis, entre outras ações que compõem a gama de princípios e técnicas práticas da Permacultura. No Brasil, o movimento teve início oficial em 1992, a partir da realização do primeiro curso de formação de Permacultura por Bill Mollison e Scott Pittman, em Porto Alegre, na ECO 92, na mesma década em que também se consolidou no mundo. Frente a uma notável importância social e cultural que a Permacultura vem conquistando ao longo dos últimos anos, para além de sua esfera ambiental e política, no Brasil e no mundo, a pesquisa objetivou verificar como ocorre e é praticada a Permacultura, enquanto cultura alternativa – e, no caso, urbana - pelas organizações e grupos presentes e atuantes no Município de São Paulo. A metodologia consistiu em: breve revisão bibliográfica sobre os Estudos Culturais, sobre o processo histórico de expansão urbana do Município e da revisão conceitual sobre o próprio objeto de estudo: a Permacultura; na compilação do Estado da Arte da Permacultura no Brasil, clareando como e em quais linhas as pesquisas nacionais na área estão caminhando; no levantamento de dados e formulação de um quadro das organizações e grupos de Permacultura atuantes no Município, o qual foi a base para o mapa online interativo que foi elaborado e para a realização de entrevistas semi estruturadas abertas e registro em diário de campo com 6 das 38 organizações identificadas, as quais foram registradas em audiovisual, possibilitando também a produção de um mini documentário sobre a Permacultura no Município de São Paulo. Assim, a ocorrência de um fenômeno sociocultural de contracultura foi confirmada, baseando-se em valores compartilhados e traços de

identidade cultural que, ao se convergirem, se conectam e se materializam por meio de ações no espaço urbano, fortalecendo vínculos entre atores e a formação de uma rede que promove a expansão do movimento de Permacultura em São Paulo.

Palavras-chave: Permacultura. Meio Urbano. Valores. Identidade. Município de São Paulo.

ABSTRACT

MAZZETTI, Bárbara Machado. **Permanent (being) in the City**: values, actors and actions of Permaculture in São Paulo. 2018. 186 p. Dissertation (Master in Philosophy) - Postgraduate Program in Cultural Studies, School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2018. Revised version.

As a result of the combination of ideals and the contraction of the words "agriculture" and "permanence", Permaculture is a philosophy that consists of a set of design principles for the "permacultural creation of space", based on highly efficient management, at the same time, ethical and environmentally sustainable land in human settlements. Permaculture is based on the union of ancestral techniques with the new technologies, which promote the self-sufficiency of communities, through agroecological planting, bio-construction, rainwater harvesting and treatment, production and use of sustainable energy, among other actions that make up the range of principles and practical techniques of Permaculture. In Brazil, the movement began officially in 1992, starting with the first Permaculture training course by Bill Mollison and Scott Pittman, in Porto Alegre, at ECO 92, in the same decade in which it also consolidated in the world. In the face of a remarkable social and cultural importance that Permaculture has been conquering over the last few years, in addition to its environmental and political spheres, in Brazil and in the world, this research was aimed at verifying how Permaculture occurs and is practiced as an alternative culture by the organizations and groups presents and active in the Municipality of São Paulo. The methodology consisted of: a brief bibliographic review on Cultural Studies, on the historical process of urban expansion of the Municipality and the conceptual revision on the object of study: Permaculture; in the compilation of the State of the Art of Permaculture in Brazil, clarifying how and in what lines the national surveys in the area are moving; in the data collection and formulation of a table of permaculture organizations and groups operating in the Municipality, which was the basis for the interactive online map that was elaborated and for semi structured open interviews and field diary registration with 6 of the 38 organizations identified, which were recorded in audiovisual, also enabling the production of a mini documentary on Permaculture in the Municipality of São Paulo. Thus, the occurrence of a socio-cultural counterculture phenomenon has been confirmed, based on shared values and traits of cultural identity that, when converging, are connected and

materialized through actions in the urban space, strengthening ties between actors and the formation of a network that promotes the expansion of the Permaculture movement in São Paulo.

Keywords: Permaculture. Urban Environment. Values. Identity. Municipality of São Paulo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Éticas da Permacultura e Princípios de Planejamento.....p. 26

Figura 2 – Mapa Virtual de Locais e Organizações de Permacultura em São Paulo.....p.57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 2.1. – Estado da Arte em Permacultura e subcategorias.....	p.44
Gráfico 2.2. – Área de atuação dos grupos de Permacultura em de São Paulo.....	p.52
Gráfico 2.3. – Distribuição por zonas do Município dos grupos de Permacultura.....	p.55

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1 - Institutos de Permacultura no Brasil.....	p.28
Quadro 2.2 - Quadro 2.2. Levantamento bibliográfico de Teses e Dissertações....	p.36
Quadro 2.3. – Levantamento e cronologia dos estudos.....	p.39
Quadro 2.4. - O Estado Acadêmico dos Estudos.....	p.40
Quadro 2.5. - Análise do Caráter das Instituições.....	p.41
Quadro 2.6. - Áreas de Estudo abordadas.....	p.41
Quadro 2.7. – Estudos relacionados à Permacultura e meio urbano.....	p.45
Quadro 2.8. - Relação de Organizações e Grupos de Permacultura do Município de São Paulo, 2018.....	p.50
Quadro 2.9. - Distribuição por categoria.....	p.52
Quadro 2.10. - Distribuição por zonas do Município dos grupos de Permacultura.....	p.54
Quadro 4.1. - Detalhes de realização de entrevistas.....	p.83
Quadro 4.2. – Análise objetiva de respostas.....	p.86

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

CADES - Conselho Municipal da Secretaria do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CTB - Cidade em Transição de Brixton

IPA - Instituto de Permacultura da Amazônia

IPAB - Instituto de Permacultura Austro Brasileiro

IPB - Instituto de Permacultura da Bahia

IPC - *International Permaculture Conference*

IPEMA - Instituto de Permacultura da Mata Atlântica

IPES - Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado

IPEP - Instituto de Permacultura dos Pampas (Rio Grande do Sul)

UMAPAZ – Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz

PDC – *Permaculture Design Course*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 PERMACULTURA: A ANSCENSÃO DE UMA CULTURA	21
2.1. CONTEXTO HISTÓRICO: O QUE É A PERMACULTURA?	21
2.2. ESTADO DA ARTE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A PERMACULTURA NO BRASIL.....	33
2.3. LEVANTAMENTO E ANÁLISE	35
2.3.1. A cronologia dos estudos	39
2.3.2. O estado acadêmico	40
2.3.3. Sobre o caráter das Instituições.....	40
2.3.4. Sobre as áreas de estudo abordadas	41
2.3.5. Análise dos resultados	43
2.4. A PERMACULTURA EM SÃO PAULO	49
3 PARADOXOS? PERMACULTURA, IDENTIDADES E CIDADE	59
3.1. ESTUDOS CULTURAIS E PERMACULTURA: UMA PERFORMÁTICA SOCIAL.....	59
3.2. EM MEIO AO MEIO URBANO: URBANIDADE E PERMACULTURA NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.....	68
3.3. O MEIO AMBIENTE E AS CIDADES: LAZER, IDEOLOGIA E PERMACULTURA.....	75
4 PLANTANDO A SEMENTE.....	79
4.1. A PESQUISA.....	79
4.2. ROTEIROS DE ENTREVISTAS E IDAS À CAMPO.....	81
4.3. IDAS A CAMPO.....	83
4.4. RESULTADOS OBTIDOS	85
5 PERMANE (SENDO) EM SÃO PAULO	88
5.1. HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DE PERMACULTURA EM SÃO PAULO	88
5.2. REDE DE COMUNICAÇÃO PERMACULTURAL: VALORES E IDENTIDADES EM COMUM.....	90
5.3. DESAFIOS E OPORTUNIDADES: PERSPECTIVAS DAS ORGANIZAÇÕES DE PERMACULTURA NO MEIO URBANO.....	91
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
6.1. LIMITES E SUGESTÕES.....	98
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICE A – Referências Bibliográficas do Estado da Arte em Permacultura	104
APÊNDICE B – Quadro descritivo do Estado da Arte em Permacultura ¹	108
APÊNDICE C – Relação de Grupos e Organizações de Permacultura no	

Município de São Paulo (2016).....	116
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	121
APÊNDICE E – Entrevista 1 – Pra Melhor Ambiental.....	122
APÊNDICE F – Entrevista 2 – Arboreser	128

APÊNDICE G – Entrevista 3 – Vila Itororó.....	135
APÊNDICE H – Entrevista 4 – Ponto de Cultura Quebrada Sustentável	141
APÊNDICE I – Entrevista 5 – UMAPAZ	148
APÊNDICE J – Entrevista 6 – Instituto Casa da Cidade e Coletivo Permasampa.....	158
APÊNDICE K – Folhas das escaneadas das entrevistas	169

1 INTRODUÇÃO

Permacultura significa cultura da permanência, onde, segundo Bill Mollison (2002), criador da Permacultura, busca-se trabalhar com a natureza e não contra ela, por meio da observação prolongada e pensativa, em vez de mão-de-obra prolongada e irrefletida; de olhar para plantas e animais em todas as suas funções, em vez de tratar qualquer área como um sistema de produto único. É uma filosofia e uma ciência de *design* ecológico, pautado por três princípios éticos: cuidar das pessoas – esfera social, cuidar da terra – esfera ambiental - e partilhar os excedentes – esfera econômica. A Permacultura visa tornar os assentamentos humanos ambientalmente sustentáveis, socialmente justos e economicamente viáveis, promovendo a autossuficiência por meio de uma gestão horizontal e colaborativa e da máxima utilização da matéria prima local, ou seja, que tudo que seja necessário para viver e se desenvolver possa ser utilizado e/ou produzido no próprio espaço permacultural. No meio urbano, sua atuação se volta para a redução dos impactos ambientais, resiliência e regeneração socioambiental, transição para a economia de baixo carbono, construção de políticas públicas e direito à cidade, além de técnicas e tecnologias que circulam desde o ambiente doméstico até áreas comerciais, promovendo soluções ambientais mais eficientes e integradas ao dia a dia. A partir da revisão sobre a Permacultura, suas particularidades e seu trajeto histórico até o cenário atual no Brasil, a presente pesquisa visou, partindo da identificação de organizações e grupos de Permacultura no Município de São Paulo, compreender que valores em comum existem entre eles e quais as particularidades e desafios que enfrentam no espaço urbano em que estão inseridas. Em prol de verificar a existência de traços em suas identidades culturais que se convergem e se conectam, a pesquisa buscou compreender, por meio dos atores, valores e ações, como ocorre a promoção e difusão da Permacultura na Cidade. Dessa maneira, o problema central deste estudo esteve baseado em verificar a ocorrência de um fenômeno sócio cultural, ou seja, a crescente adesão de uma nova “filosofia de vida”, enquanto cultura alternativa, por parte de algumas pessoas, comunidades e

organizações, observando, assim, a Permacultura na sociedade e, mais especificamente, no meio urbano.

A metodologia da presente pesquisa foi composta por autores e referências conceituais chave da área da Permacultura, como David Homlgren (2004) e Bill Mollison (2002) que trabalham o conceito de Permacultura, Joseph Jenkins (2005) e Jordi Romero (2002) que discorrem sobre a temática da Permacultura urbana, entre outros da área. Também foram consideradas ideias de autores como Richard Sennett (1999) e Milton Santos (1988), que fazem referência à relação entre natureza, sociedade e cidade e a metamorfose dos espaços habitados, entre outros autores que agregaram conceitos e reflexões pertinentes a esta investigação. Autores do campo dos Estudos Culturais, como Stuart Hall (2013), Raymond Williams (1958), Amílcar Cabral (1984), entre outros, também foram importantes para este estudo, a fim de dar luz a algumas temáticas, a exemplo das identidades culturais, compreendida por Stuart Hall (2013) como pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história, sempre considerando, também, a natureza intrinsecamente hibridizada de toda identidade e das identidades diaspóricas em especial, tendo identidade como um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada. Identidade cultural pode, então, ser entendida - para fins desta pesquisa - como a maneira e os valores com que o indivíduo ou grupo se reconhece e representa, seja por meio de ações práticas, colocações ideológicas ou representações artísticas.

Visando constatar e compreender como o tema de Permacultura é entendido no meio acadêmico em nosso País, a revisão bibliográfica feita sobre Estado da Arte da Permacultura no Brasil teve o intuito de clarear e identificar as linhas e as áreas de pesquisa estudadas dentro do tema central, Permacultura na Cidade de São Paulo, a fim de apresentar um rápido panorama sobre como este assunto está se desenvolvendo academicamente no Brasil e no Município de São Paulo, destacando, também, quais são as áreas de estudo comumente associadas à pesquisa em Permacultura e em qual âmbito são realizadas. Tendo em vista os

objetivos específicos da pesquisa de primeiro: identificar as regiões do Município de São Paulo em que grupos e organizações de Permacultura ocupam e atuam, considerando quais as influências com seu entorno e como dialogam com o meio urbano; e como segundo objetivo: verificar a ocorrência de um fenômeno sociocultural ambiental e a existência de valores culturais compartilhados entre atores, grupos e organizações de Permacultura no Município de São Paulo, a presente pesquisa delimitou a amostra em função de considerar ao menos uma organização de cada zona da Cidade – Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro, considerando também a zona Virtual, tida para fins desta pesquisa como o ambiente *online* de compartilhamento de informações, organização e promoção de atividades e/ou divulgação profissional, por meio de *sites*, redes sociais e/ou plataformas de informação. A fase de identificação e mapeamento dos grupos e organizações de Permacultura existentes e atuantes no Município de São Paulo, realizadas por meio de pesquisa *online*, consistiu em compreender como as ações relacionadas à Permacultura estão distribuídas, como ocupam e como ocorrem na Cidade. Este levantamento, que consistiu em identificar organizações e grupos de Permacultura existentes no Município de São Paulo, possibilitou a produção de um mapa virtual¹ de Locais e Grupos de Permacultura em São Paulo, elaborado pela autora e disponibilizado na internet¹, reunindo as 38 organizações, grupos, ações e movimentos de Permacultura que foram identificados entre os meses de Agosto de 2016 a Fevereiro de 2018. O mapeamento também viabilizou a aplicação de ferramentas metodológicas práticas, como a observação participante e a realização de entrevistas semiestruturadas abertas, feitas com 6 das 38 organizações e grupos identificados previamente, a fim de compreender como começaram, em qual contexto, quais são seus objetivos, ações e desafios, como se relacionam entre si, buscando verificar a existência de valores e princípios éticos, sociais e culturais compartilhados por estes. Ademais, o mapeamento e ida a campo também

¹Disponível no domínio público virtual:

<https://pt.batchgeo.com/map/4a4859cea515c876bb098c889d515414>

possibilitaram verificar certas particularidades, orientações e restrições de como a Permacultura é exercida em cada região da Cidade.

A realização do processo metodológico teórico e prático possibilitou a análise dos dados obtidos e levou a confirmação das hipóteses previamente estabelecidas, onde, em relação a primeira hipótese, constatou-se que as organizações e grupos de Permacultura estão distribuídos nas cinco zonas do Município de São Paulo - Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro -, porém ainda que estejam concentradas na Zona Oeste e Sul, há uma atuação diversificada, desde o ramo empresarial até mutirões de voluntários em áreas periféricas, tendo suas ações diretamente ligadas à região em que estão inseridos, ao público e demanda que se apresentam. Ademais, há grupos e organizações de Permacultura que estão presentes estritamente na Zona Virtual, e atuam através do compartilhamento de informações, na prestação de serviços e na venda de diversos produtos. Quanto ao segundo objetivo e respectiva hipótese, verificou-se que os atores envolvidos com ações, projetos e ensino de Permacultura no Município de São Paulo evidenciam valores e traços de identidades culturais em comum, que promovem e repercutem o saber desta cultura alternativa, que une contracultura espacial, economia solidária e colaborativa, ambientalismo e ecologia, fazendo com que eles se tornem agentes ativos política, ambiental e socialmente, imersos em um fenômeno sociocultural ambiental que eles mesmos promovem e aumentam a cada ação. Exaltou-se, assim, a existência de uma rede pragmática de compartilhamento de saber, colaboração alimentar, energética e cultural, sustentando e fortalecendo a Permacultura na Cidade, justamente, pela conexão das diversas identidades culturais entre atores envolvidos, as ações promovidas e áreas e comunidades que interagem, convergindo pontos de ação e atuação, com sensibilização por meio da militância e modo de vida que a cultura da permanência promove.

2 PERMACULTURA: A ANSCENSÃO DE UMA CULTURA

Buscou-se aqui retomar o processo histórico de surgimento da Permacultura no Brasil e no mundo, exaltando pontos históricos chaves e pessoas importantes para seu desenvolvimento, crescimento e ascensão, além de também dialogar com demais autores que discorrem sobre o tema da Permacultura na contemporaneidade, exaltando como o termo e movimento surge e quais suas relações e raízes com outros movimentos, técnicas e culturas ancestrais que influenciaram direta ou indiretamente o surgimento da Permacultura.

2.1. CONTEXTO HISTÓRICO: O QUE É A PERMACULTURA?

A Permacultura foi fruto de um processo longo e dinâmico de estudos, experimentações práticas e formulações de conhecimentos empíricos entre Bill Mollison e David Holmgren. Segundo Ferreira Neto (2009), foi na década de 70, na Austrália, que David Holmgren havia recentemente ingressado na faculdade da Tasmânia, como estudante do curso de Design Ambiental, em Hobart. Holmgren já demonstrava conhecimento histórico junto a sua família na militância ecológica e ambientalista e na faculdade estava buscando alguém que pudesse lhe orientar e possibilitar expandir suas pesquisas na linha que almejava. Em paralelo a isso, Bruce Charles (Bill) Mollison, que por anos já havia vivido em proximidade à natureza e de seus ciclos, e que havia sido docente na mesma faculdade por dois anos, até pedir demissão porque decide “isolar-se” um processo de imersão e experimentações em um terreno de dois hectares, acaba por conhecer David Holmgren em 1974, ao retornar do sua imersão para a faculdade, que o procura em busca de orientação. Porém foi justamente neste terreno de Bill Mollison, campo de imersões, observações e experimentações conjuntas, que tornou-se o ponto de encontro entre diversas pessoas e de partida para muitas das formulações viriam a ser alguns dos pilares da Permacultura anos depois.

. A partir da contração das palavras permanência e agricultura, a ideia de uma cultura permanente tem em sua essência a busca por resultados de equilíbrio social,

cultural, e, principalmente ambiental, que partem de um manejo ambiental e eficientemente sustentável e ético da e para a terra. Para tanto, há de se compreender que se a Permacultura é uma filosofia, ela é pragmática e toma os limites ecológicos de nosso poder e inteligência como fundamento para tudo o que é feito (HOLMGREN, 2013), o que também pode ser melhor explicado por Braham Bell (2005) quando diz que a Permacultura é o *design* consciente e a manutenção de sistemas agrícolas produtivos que têm a diversidade, estabilidade e resiliência dos ecossistemas naturais. É a integração harmoniosa das pessoas com a paisagem, que por meio do *design* permacultural produzem seus alimentos, energia, moradia e outras necessidades básicas materiais e não-materiais de forma sustentável e resiliente, ou seja, regenerativa e emancipadora. Portanto, a filosofia da Permacultura se amplia e materializa a partir da união harmônica dos potenciais humanos somados e do meio ambiente, potencializando a eficiência do racionalismo e consciência humana ao promover maior conexão com a natureza, com nossos saberes ancestrais, sobre o meio e sobre nós mesmos. De acordo com Silva (2013), há diversas facetas do percurso histórico da Permacultura no mundo e na América Latina. Chegando até ao cenário atual, alguns traços marcantes da Permacultura podem ser identificados e apresentados, assim como o trecho a seguir demonstra:

Sem embargo, um dos aspectos mais notáveis e potencialmente emancipatórios engendrados pela Permacultura é a maneira pela qual o espaço é produzido, ou melhor, criado. Tendo por norte uma ética específica, a “criação permacultural do espaço” segue certos princípios de *design* e costuma valer-se de determinados objetos técnicos (tecnologias, materiais e técnicas de manejo e construção) que lhe conferem um caráter de contraponto em relação à destruição criativa, à homogeneização, à ineficiência energética, ao desperdício, à alienação generalizada, à super exploração dos seres vivos e dos bens naturais, entre tantas outras características que têm singularizado, até hoje, a produção capitalista do espaço. (SILVA, 2013, p. 181)

Segundo o autor, a “criação permacultural do espaço” é uma oponente à tendência de mercantilização do espaço, desperdícios, desigualdades e consequente destruição dos recursos naturais, é a resultante de técnicas, práticas e materiais, que foram desenvolvidos ao longo de estudos práticos e teóricos de

adaptação e aprimoramento dos saberes ancestrais, unidos às novas práticas de *design*. A Permacultura, enquanto filosofia pragmática de uma cultura da permanência, traça as linhas norteadoras para um *design* eficiente ambiental, social e energético em qualquer ação de manejo ético e sustentável da terra, visando também possibilitar uma cultura de permanência humana no planeta, que se opõe à produção capitalista do espaço. De acordo com o livro “Os fundamentos da Permacultura”, escrito por David Holmgren (2013), o conjunto de valores éticos e princípios práticos desta filosofia pragmática foram definidos desde o estabelecimento da Permacultura, tendo o tripé do **cuidado com a Terra, o cuidado com as pessoas e a partilha justa** (grifo nosso) como base para toda e qualquer ação permacultural. Segundo Holmgren (2013) são doze os princípios estabelecidos e que seguem sendo aplicados e ensinados até hoje, sendo eles descritos e explicados a seguir²:

1 - Observe e interaja - capacidade de observação e interação atenta, livre, cuidadosa e criativa das pessoas para com a natureza e o local e/ou objeto de observação, promovendo inspiração para o *design* aplicado a cada caso.

2 - Capte e armazene energia - Opondo-se a conceitos inapropriados de riqueza, acúmulo e consumo desenfreado, este princípio prega a busca por capturar e otimizar o uso de formas, fluxos e energias renováveis - tal qual o Sol, vento, fluxos de escoamento de água - e não-renováveis de energias - como recursos que sobram ou são desperdiçados de atividades agrícolas, industriais ou comerciais. Busca-se com esse princípio utilizar as riquezas existentes de modo a se fazer investimentos de longo prazo no capital natural.

3 - Obtenha rendimento - Significa planejar um sistema para que seja possível obter autossuficiência em todos os níveis - incluindo nós mesmos e o momento presente - por meio de uma produção útil e imediata que satisfaça as necessidades de sobrevivência.

²HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. / David Holmgren; tradução Luzia Araújo. – Porto Alegre: Via Sapiens, 2013. 416p.

4 - Pratique a autoregulação e aceite o feedback - Com um melhor entendimento de como atuam na natureza os *feedbacks* positivos e negativos, torna-se possível desenhar sistemas que são mais autorreguláveis, reduzindo assim o trabalho despendido em ações corretivas desagradáveis. É a busca pelo ideal de um sistema que se auto alimente.

5 - Use e valorize os serviços e recursos renováveis - Serviços e recursos renováveis são aqueles que são renovados e repostos por processos naturais ao longo dos períodos de tempo razoáveis, sem a necessidade de grande insumos não renováveis. Busca-se, portanto, utilizar da melhor forma os recursos naturais renováveis para administrar e manter os rendimentos.

6 - Não produza desperdícios - Significa não poluir e não deixar escapar energias de processos dentro do sistema permacultural. Significa reaproveitar, equilibrar ou realizar a manutenção de elementos do sistema para que a energia não “escoe” e se perca, sendo inutilizada e desperdiçada. A minhoca é o símbolo deste princípio, pois remete a ideia da minhoca, como todos os organismos vivos, é parte da rede onde o que uns produzem serve de insumo para outros.

7 - Design partindo de padrões para chegar aos detalhes - Este princípio evoca o planejamento por zonas e setores - sendo este o aspecto mais conhecido e aplicado no *design* de Permacultura. Compreender e identificar qual é o padrão adequado para determinado *design* é mais importante do que entender todos os detalhes dos elementos do sistema. Busca-se a aplicação de modelos e sistemas comuns e simples para que depois seja possível aprimorar em função das especificidades de cada projeto.

8 - Integrar ao invés de segregar - Conscientização sobre a importância dos inter relacionamentos no *design* de sistemas autossuficientes, tendo em vista a ideia de que cada elemento exerce muitas funções e que cada função importante é apoiada por muitos elementos. Este princípio também faz referência à noção cultural de cooperativismo e de inter-relacionamentos benéficos e simbióticos, enquanto construção de uma comunidade ou sistema integrado forte.

9 - Use soluções pequenas e lentas - Os sistemas devem ser projetados para executar funções na menor escala que sejam práticos e eficientes no uso de energia para aquela função. A escala e a capacidade humanas deveriam ser a unidade de medida para uma sociedade sustentável democrática e humana.

10 - Use e valorize a diversidade - A grande diversidade de formas, funções e interações na natureza e na humanidade são a fonte da complexidade sistêmica que evolui ao longo dos tempos. O papel e o valor da diversidade na natureza, cultura e Permacultura são dinâmicos, complexos e, às vezes, aparentemente contraditórios em si mesmos. A diversidade necessita ser vista como o resultado do equilíbrio e da tensão existente na natureza entre variedade e possibilidade de um lado, e de produtividade e força do outro. A diversidade proporciona um seguro contra peças que a natureza e a vida cotidiana nos pregam.

11 - Use as bordas e valorize os elementos marginais - O *design* que vê a borda como uma oportunidade ao invés de um problema tem maior probabilidade de êxito e de ser mais flexível. Este princípio funciona com base na premissa de que o valor e a contribuição das bordas e os aspectos marginais e invisíveis de qualquer sistema deveriam não apenas ser reconhecidos e preservados, mas que a ampliação desses aspectos pode aumentar a estabilidade e produtividade do sistema.

12 - Responda criativamente às mudanças - Realizar um *design* levando em conta as mudanças de uma forma deliberada e cooperativa, e responder criativamente ou adaptar o *design* às mudanças de larga escala do sistema que escapam ao nosso controle e influência. A Permacultura diz respeito à durabilidade de sistemas vivos naturais e da cultura humana, mas essa durabilidade paradoxalmente depende em grande parte de certo grau de flexibilidade e mudança.

Estes 12 princípios de ação, ou práticos, da Permacultura também são representados pela seguinte imagem:

Figura 1 – Ética da Permacultura e Princípios do Planejamento

Fonte: HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade.** / David Holmgren; tradução Luzia Araújo. – Porto Alegre: Via Sapiens, 2013. 416 p. Página 12.

A imagem representa a exposição das práticas e dos princípios de planejamento por meio de símbolos e frases chave, trazendo ao centro os três princípios éticos – Cuidar da Terra, Cuidar das Pessoas e a Partilha Justa, e no círculo os 12 princípios de ação, ordenados em sentido circular horário.

Retomando o processo de estabelecimento e desenvolvimento histórico da Permacultura, foi ao longo da década de 1970 que Bill Mollison (2002) e David Holmgren (2013) começaram a desenvolver diversos estudos práticos, teóricos e acadêmicos sobre o tema da Permacultura, e em pouco tempo pessoas e grupos de toda Austrália já estavam aderindo aos preceitos da filosofia assim como as técnicas envolvidas, disseminando e praticando o conjunto de conhecimentos que estavam sendo elaborados e desenvolvidos a cada vivência. Ainda segundo Silva (2013), já na década de 80 a filosofia começa a ser absorvida por outras partes do mundo, a partir da elaboração do curso de formação PDC (*Permaculture Design Course*), organizado com base em uma estrutura curricular básica e universal, e que em pouco tempo se consolidou como modelo para a formação de integrantes e instrutores e estimulou a criação de diversos institutos ao redor do mundo, bem como o estabelecimento de redes de contato e de intercâmbio, configurando-se, posteriormente, em diversos encontros em níveis regionais, nacionais e internacionais e, por fim, nas primeiras conferências internacionais, ou IPC's (*Internacional Permaculture Conference*), tendo a primeira Conferência Internacional de Permacultura realizada no início dos anos 1980 em Rowlands, Austrália, como exemplo, que oficializa e legitima o crescimento do debate internacional em torno do tema da Permacultura. No decorrer da década de 1980 e década de 1990, o movimento se intensifica com mais publicações acadêmicas, periódicos, revistas e até programas de televisão, e, em paralelo ao crescimento de grupos alternativos de organização social e de produção espacial, a Permacultura se consolida nos anos de 1990, em simultânea oposição à globalização do capitalismo neoliberal.

A Permacultura no Brasil, ou o movimento permacultural brasileiro, segundo Silva (2013), tem o início marcado oficialmente a partir do curso de formação realizado por Bill Mollison e Scott Pittman em 1992, em Porto Alegre, à convite da

Prefeitura Municipal da Cidade. Impulsionado pelas discussões da ECO 92, o movimento ganha força rapidamente através da criação dos primeiros, e até hoje muito influentes, institutos nacionais de Permacultura, dedicados à formação, capacitação e difusão da Permacultura no Brasil. O quadro a seguir reúne as informações centrais sobre estes institutos:

Quadro 2.1 - Institutos de Permacultura no Brasil*

Instituto	Sigla	Local	Região/Estado	Duração
Instituto de Permacultura da Pampa	IPEP	Rio Grande do Sul	Bagé	Criado em 2000 e funciona até hoje.
Instituto de Permacultura da Amazônia	IPA	Amazonas	Manaus	Criado em 1997 e funcionou até 2012. Hoje se converteu na Escola Agrotécnica Federal de Manaus – IFAM (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM)
Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado	IPEC	Pirenópolis	Goiás	Criado em 1999 e existe até hoje.
Instituto de Permacultura da Bahia	IPB	Bahia	Salvador	Fundado em 1992 e funciona até hoje
Instituto de Permacultura Austro Brasileiro	IPAB	Florianópolis	Santa Catarina	Se transformou na Rede Permear
Instituto de Permacultura da Mata Atlântica	IPEMA	Ubatuba	São Paulo	Criado em 1999 e existe até hoje

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2018.

* Dados extraídos de: IPEP, 2018; Guedes, 2014; IPEC, 2018; IPB, 2011; IPEMA, 2018.

O quadro reúne os institutos nacionais já criados e os que ainda existem. Vale ressaltar que dos 6 institutos nacionais criados, dois se converteram em outras iniciativas, sendo o Instituto de Permacultura Austro Brasileiro - IPAB, que se transformou em Rede Permear, um coletivo de permacultores que promovem diversas ações de formação e difusão de conhecimentos em locais distintos, e o Instituto de Permacultura da Amazônia, que passou a fazer parte da Escola Agrotécnica Federal de Manaus – IFAM. O crescimento e difusão da Permacultura, assim como foi apresentado no quadro 1.1, ocorreu ao longo da década de 1990, e, em sua expansão, segue influenciando a criação de novas organizações e institutos, como o Instituto de Permacultura da Mata Atlântica – IPEMA, criado em 1999, e o Instituto de Permacultura e Ecovilas de Pampa – IPEP, criado em 2000, estabelecendo, assim, a Rede Brasileira de Permacultura, composta pelos institutos até então criados.

Segundo Silva (2013) a consolidação da Permacultura no Brasil ocorreu em 2007, com a realização da 8ª Conferência Internacional de Permacultura (IPC8), organizada pela ONG Permacultura Latino-americana (PAL) e pela Rede Brasileira de Permacultura, e que reuniu em suas atividades o total de 570 pessoas, dentre permacultores, pensadores, empresários, representantes de instituições financeiras e de Organizações Não Governamentais – ONGS - advindas de 42 países, que se reuniram na Cidade de São Paulo, Brasil. No mesmo ano da 8ª Conferência, David Holmgren, um dos criadores da Permacultura, também veio para o Brasil e ministrou cursos avançados de Permacultura em Brasília, Bahia, São Paulo e em Santa Catarina.

O desenvolvimento e crescimento da Permacultura no Brasil e no mundo seguiu em progressão nos anos subsequentes, porém marcados cada vez mais pela presença dos interesses privados em absorver o ideal ambientalista como imagem empresarial de responsabilidade e sustentabilidade ambiental, uma vez que a problemática ambiental ganhava espaço nas discussões globais e, por consequência, nos grandes canais de comunicação, onde, a exemplo do efeito estufa, a população mundial começou a voltar mais atenção para as questões

ambientais, assim como as empresas, que também detectaram neste contexto, novas estratégias de *marketing*. Ou seja, o mercado tentando se aproximar com vistas ao marketing. Dentro dessa perspectiva, Silva (2013), discute sobre as facetas deste processo ao dizer que

[...] se é verdade que a popularização mundial da Permacultura, ocorrida ao longo dos últimos vinte anos, se deu em acordo com a absorção e a domesticação do discurso ambientalista pelo *establishment*, é igualmente correto que, no mesmo período, abriram-se-lhe novas possibilidades que reforçam seu caráter “contracultural” e potencialmente liberador, sobretudo devido ao acercamento com os movimentos de oposição despontados na década de 1990 e, mais significativo ainda, ao estabelecimento de alianças horizontais construídas com as classes trabalhadoras que conseguiram ir para muito além da filantropia capitalista. (SILVA, 2013, p. 173)

Assim, o fenômeno permacultural, sua criação e seu *boom* de disseminação pelo mundo proveio de fortes discussões políticas, culturais e ambientais que permearam o mundo entre os anos de 1960 e 1970 e que repercutiram e seguem se reinventando até os dias de hoje, mas foi a partir dos anos 90 que o movimento de reivindicação ambientalista passou também a ser um discurso integrado pelo setor privado. Neste cenário, a Permacultura se aproxima, principalmente, acerca das experiências de organização social e produção espacial “alternativa”, que buscavam romper com a “cultura espacial”, marcada entre outras coisas, pela supremacia do valor de troca e da propriedade privada, pela superexploração dos seres humanos e dos bens naturais, pela alienação generalizada e pela tendência à homogeneização (SILVA, 2013). Torna-se possível, assim, identificar no bojo da Permacultura neste caso, o ideal de contracultura frente às facetas homogeneizadoras de produção do sistema capitalista, partindo, a princípio, de uma compreensão mais aberta e abstrata de contracultura, definida por Pereira (1986) como

Um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica (...) que de certa maneira “rompe com as ordens do jogo” em termos de modo de se fazer oposição a uma determinada situação (...). Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações e costuma ter um papel fortemente revigorador na crítica social. (PEREIRA, 1986, p.73)

Uma contracultura torna-se, portanto, a resultante de diferentes modos de contestação, estranhamento e até oposição frente às diversas imposições da ordem dominante e *statu quo*, que emergem de maneira orgânica, dinâmica e contextual ao contrapor os valores e condutas dominantes, promovendo, por consequência, que novos paradigmas sociais surjam, conceituados por Capra (2006) como uma constelação de concepção, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base como a comunidade se organiza. A “contracultura espacial” é uma possível esfera de contracultura que a Permacultura representa, compreendendo o termo como expressões pontuais de valores, princípios e práticas distintos daqueles que costumam guiar a produção capitalista do espaço (SILVA, 2013), **podendo ser conceituada mais brevemente como microexperimentos de produção socioespacial, geralmente de caráter comunitarista, que nascem como tentativas de subversão à ordem dominante** (DAMIANI, 2001, grifo nosso). É importante destacar também a grande influência que o meio urbano representa para o desenvolvimento desta contracultura espacial contemporânea e para o próprio crescimento e expansão mundial da filosofia e práxis da Permacultura, já que a cidade muitas vezes representa o ponto de encontro e de troca cultural e intelectual. Verifica-se que a contracultura espacial pode ter seus primeiros vestígios identificados desde o século XIX, na Europa, frente às implicações e múltiplas crises que a industrialização, provocando os primeiros esboços da sociedade urbana, estava gerando, permitindo, assim, compreender este tipo de experimentação espacial já naquela época (SILVA, 2013). Nota-se, porém, como esta relação entre sociedade, meio urbano e sua influência aos movimentos “alternativos”, acabam por filtrar as pessoas que aderem a movimentos de contracultura espacial, pois na contemporaneidade a Permacultura e, conseqüentemente, seu efetivo desenvolvimento ocorre em determinadas regiões, assim como discorre o autor:

[...] na maior parte das vezes, os princípios, técnicas e práticas Permaculturais acabaram restritos a um reduzido círculo de indivíduos (compostos por basicamente ambientalistas,

agroecologistas, entusiastas do movimento de ecovilas e integrantes de movimentos “alternativos”), vindos quase todos das classes médias urbanas e para os quais a mudança do estilo de vida e a edificação dos espaços auto gerenciados e sustentáveis configuram as principais estratégias de luta para superar a situação de alienação e de estranhamento generalizado vivenciada na modernidade capitalista. (SILVA, 2013, p. 166)

Dessa maneira, pode-se entender que quanto maior o potencial crítico de determinado grupo urbano, ocorrido em função do acesso à informação que se tem, torna-se igualmente possível o potencial destes para aderir a ideologias alternativas, a fim de “superar a situação de alienação e de estranhamento generalizado vivenciada na modernidade capitalista.”, como exalta Silva (p.166, 2013). Portanto, ainda considerando o autor, por mais que a Permacultura seja um filosofia altamente inclusiva e comunitária e de aplicação prática ambiental em espaços que sejam capazes de receber e possibilitar tais ações, ainda sim está mais voltada, acessível ou, até mesmo, restrita aos círculos urbanos e aos seus moradores, pois é neste recorte espacial que informações sobre esta nova filosofia/ideologia circulam inicialmente. No meio urbano, alguns indivíduos que compartilham de diferentes interesses “alternativos”, modos de contestação, estranhamento e oposição, relacionados à contracultura, frente às imposições da ordem dominante, acabam por se contatar, organizar e promover novos movimentos, dentre eles, a Permacultura, enquanto forma de combater princípios da modernidade capitalista que julgam estar errados.

Assim, compreendendo o longo percurso desde o surgimento da Permacultura na Austrália nos anos 1970, oficialmente em âmbito acadêmico, seguido de grande crescimento e rápida adesão fora dele, a Permacultura foi e é uma filosofia apropriada rapidamente por movimentos alternativos no mundo – e ainda mais intensamente em meio urbano - e que simboliza a representação de valores, ideais e ações pragmáticas que buscam utilizar o máximo potencial energético do ambiente, sem degradá-lo, e em prol da autossuficiência do espaço, caracterizado por obter dele alimentos, energia, água, serviços ambientais e moradia (Holmgren, 2013). Como buscou-se evidenciar neste breve histórico e conceituação

sobre o tema, com o passar dos anos a Permacultura foi sendo cada vez mais difundida pelo mundo, promovendo a formação de institutos, conferências e diversos cursos de formação, fazendo com que se formasse e fortalecesse uma rede de ação e colaboração prática e tecnológica, enquanto movimento e fenômeno sociocultural, para que cada vez mais pessoas possam conhecer, aprender, aplicar e disseminar a Permacultura em suas vidas e na sociedade, a fim de combater, ainda que indiretamente, o modo de produção do sistema capitalista, orientados por meio da mudança de paradigma social enquanto processo de transformação cultural, tido para Capra (2006) como uma constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza. Seria essa uma revolução silenciosa, baseada em promover mudanças coletivas de hábitos cotidianos sociais, culturais e ambientais, em prol de maior sustentabilidade, cooperativismo e horizontalidade, evitando o confronto e desgaste com práticas dominantes, ao passo que cresce rapidamente ao se estabelecer nas práticas do dia a dia?

2.2. ESTADO DA ARTE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A PERMACULTURA NO BRASIL

O presente levantamento sobre o estado da arte em Permacultura no Brasil teve como objetivo identificar a produção bibliográfica de estudos no País que associam seus objetos de estudo com o campo da Permacultura e, adicionalmente, contribuir para a revisão da literatura em novos estudos na área. Este levantamento buscou dar voz e visibilidade para estudos relacionados ao tema da Permacultura, como reflexo de um movimento que vem crescendo no País, seja dentro da universidade ou fora do âmbito acadêmico. O levantamento e coleta de dados das dissertações e teses produzidas e publicadas de 2001 a 2016 - constatando já inicialmente que antes de 2001 não houve estudos científicos que abordavam o tema - se baseou no método de pesquisa *online*, por meio da consulta à plataforma de teses e dissertações da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal

de Nível Superior, ao BDTD - Banco Digital Brasileiro de Teses e Dissertações e a plataforma *online* de teses e dissertações da USP - Universidade de São Paulo. A presente etapa deste trabalho procurou, também, a partir do mapeamento de categorias previamente definidas - **Cultura e Educação; Turismo; Design, Sustentabilidade e Agroecologia; Meio Urbano** (grifo nosso)-, detectar as frentes de estudo e de conhecimento em torno do tema central. As categorias foram definidas em função do agrupamento de estudos que continham temas, problemáticas e/ou metodologias semelhantes, a fim de promover uma análise mais aprofundada e focada nos temas centrais desta pesquisa – o meio urbano e a Permacultura. Portanto, esta revisão de Estado da Arte em Permacultura no Brasil, separada e analisada pelas categorias acima, teve a função de identificar elementos para que seja possível compreender o atual panorama científico acadêmico dos estudos sobre Permacultura no Brasil nos últimos anos e identificar em quais frentes está sendo mais desenvolvido.

A primeira etapa se deu a partir do levantamento de dissertações, teses de doutorado e de livre-docência, defendidas em instituições de ensino superior no Brasil, mediante consulta as plataformas da CAPES, USP e BDTD, utilizando os termos “Permacultura” no título, resumo ou palavra-chave. Esta etapa foi inteiramente concluída dentre os meses de Março e Abril de 2016 e posteriormente a esse período não foram realizadas mais consultas oficiais ou atualizações, devido ao andamento e avanço da pesquisa.

Os dados foram registrados em uma ficha técnica, adaptada seguindo o modelo estabelecido por Rejowski (2010), em que consta bibliografia, tipo de documento, instituição de ensino superior, unidade, programa, área de concentração e linha de pesquisa. Resumo e palavras-chaves: transcrição do resumo e das palavras-chave (quando existirem), segundo o autor; classificação disciplinar, temática e por aspectos metodológicos: classificação por área de estudo, por temas e subtemas, e por tipo de pesquisa e estudo. O quadro completo, com todos os dados citados acima, se encontra no apêndice A desta pesquisa.

Após o levantamento geral e seleção dos estudos, foram realizadas mais duas etapas que estão descritas a seguir:

Etapla 2 - Agrupamento e divisão das pesquisas selecionadas em quatro categorias ou grandes áreas, que estão listadas a seguir:

- Cultura e Educação
- Turismo
- *Design*, Sustentabilidade e Agroecologia
- Meio Urbano

Etapla 3 – Os estudos foram analisados pelo seu conteúdo e bibliografia, entre os quais foram selecionadas as obras específicas que relacionam Permacultura e meio urbano, a fim de, por meio do aprofundamento analítico de seus respectivos conteúdos, identificar trechos que expressam os principais fundamentos teóricos e metodológicos das pesquisas, contribuindo, dessa maneira, diretamente com as reflexões desta pesquisa, acerca da Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo.

Quanto aos resultados obtidos, optou-se por realizar uma breve análise para cada elemento de coleta que foi feita baseada no quadro de Rejowski (2010). Desta maneira, seguem discriminadas abaixo cada etapa de análise do Estado da Arte da Permacultura no Brasil.

2.3. LEVANTAMENTO E ANÁLISE

Compreendendo a primeira etapa do presente trabalho através do levantamento e análise de dissertações, teses de doutorado e de livre-docência, defendidas em instituições de ensino superior no Brasil, mediante consulta a plataforma de teses e dissertações da CAPES e consulta direta nos bancos de dados da Universidade de São Paulo e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, utilizando o termo “Permacultura” no título, resumo ou palavra-chave, foi possível identificar a quantidade total de 35 dissertações e teses que continham este termo. O levantamento de dados foi realizado no período de 20/03/2016 a

03/04/2016, onde se constatou que os primeiros estudos encontrados são do ano de 2001 e os últimos são do ano de 2014. Ainda sim, considera-se como o ano de 2016 o período temporal final, pois foi quando realizou-se tal levantamento.

A relação de autores, datas e títulos que foram selecionados nos bancos de dados da CAPES, USP e BDTD e, posteriormente, filtrados para esta revisão bibliográfica, estão descritos a seguir:

Quadro 2.2. – Levantamento bibliográfico de Teses e Dissertações (Cont.)

Autor	Ano	Título	Instituição	Cidade
Sales, Marcia Neves Guelber	2001	Construção Participativa De Um Referencial Sócio-técnico Para Criação Agroecológica De Galinha (Gallus Domesticus)	Universidade Federal De Santa Catarina	Florianópolis
Ana Maria Dalla Zen	2002	A Voz Dos Ausentes Na Terra Do Nada : A Ação Cultural Como Estratégia De Religação Do Homem À Natureza	Universidade De São Paulo	São Paulo
Richard Domingues Dulley	2003	Ambiente E Produção Agrícola : Principais Paradigmas	Universidade Estadual De Campinas	Campinas
Maria Luiza Camargo Pinto Ferraz	2004	Educação Ambiental Contínua: A Vida Com O Foco Da Aprendizagem O Caso Da Escola Maria Elisbânia Dos Santos - Comunidade De Caetanos De Cima Assentamento Sabiaguaba Âamontada/Ce	Universidade Federal Do Ceará, Fortaleza	Fortaleza
Krzyzanowski, Renato Fávero	2005	Novas Tecnologias Em Assentamentos Humanos	Universidade Federal De Santa Catarina	Florianópolis
Barros, Bruna Rosa De	2008	Permacultura E Desenvolvimento Urbano: Diretrizes E Ações Para A Sustentabilidade Socioambiental Em Loteamentos De Interesse Social.	Universidade Federal De Alagoas	Maceió
Flávia Blaia D´avila	2008	Conceitos e Técnicas Para Assentamentos Humanos Na Perspectiva Da Sustentabilidade	Pontifícia Universidade Católica De Campinas	Campinas
Maria Luiza Camargo Pinto Ferraz	2009	Sustentabilidade Das Escolas Municipais De Ensino Fundamental: Estudo De Caso Em Ubatuba, Estado De São Paulo, Brasil	Universidade De São Paulo	São Paulo
<u>Santoro,</u> <u>Renata Branco</u>	2010	Conservação De Energia Em Assentamentos Humanos Pela Utilização Da Permacultura : Um Estudo No Instituto De Permacultura E Ecovila Da Mata Atlântica	Fundação Universidade Federal Do Abc	Santo André

Quadro 2.2. - Levantamento bibliográfico de Teses e Dissertações (Cont.)

Rezende, Ricardo De Oliveira	2011	Turismo De Base Comunitária, Política Pública E Efeitos Sobre O Local: O Caso Do Projeto "Um Vale Verde De Verdade", Pirenópolis (Go)	Escola Nacional De Ciências Estatísticas	Rio De Janeiro
Rosa, Isabel Lemos Franciscone Da.	2011	Gestão Participativa E Segurança Alimentar E Nutricional: Um Estudo De Caso Em Espaços De Agricultura Familiar No Semiárido Baiano.	Universidade Federal De Santa Catarina	Florianópolis
Jacintho, Thiago Rocha Dos Santos	2011	Educação Para Sustentabilidade - Turismo Ecopedagógico No Centro De Permacultura Asa Branca E Implantação De Um Espaço permacultural Na Escola Classe Jardim Botânico.	Universidade De Brasília	Brasília
Silva, Julia Teles Da.	2011	A Busca De Uma Técnica Que Aproveite Materiais Locais Na Construção Do Muro Do Laboratório De Investigação Em LivingDesign(Lild) Da Puc-rio	Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro	Rio De Janeiro
Cinara Delarco Sanches	2011	A Contribuição Da Sistematização De Experiências Para O Fortalecimento Do Campo Agroecológico E Da Agricultura Familiar No Brasil	Universidade Federal De São Carlos	São Carlos
Renato Matos De Lopes Torres Barboza	2011	Estratégias, Condições E Obstáculos Para Implantação De Técnicas Mais Sustentáveis No Manejo Da Água Em Assentamentos Rurais. Caso: Assentamento Rural Horto Vergel 12 De Outubro, Mogi Mirim-sp	Universidade Federal De São Carlos	São Carlos
Santos, Viviane Rodrigues Verdolin Dos	2011	Efeitos Dos Sistemas De Pastejo Isolado, Simultâneo E Alternado De Ovinos Com Bovinos Sobre As Características Da Forragem, Desempenho, Consumo E Características De Carcaça Dos Ovinos	Universidade De Brasília	Brasília
Santos, Viviane Evangelista Dos	2011	Jardins Educadores : Ensaio Sobre Agroecologia E Permacultura Na Escola Pública	Universidade De Brasília	Brasília
Pimentel, Paula <u>Emília Oliveira</u>	2011	Em Busca Da Sustentabilidade : Expressões Espaciais Da Permacultura No Distrito Federal	Universidade De Brasília	Brasília
Renata Ribeiro Torquato	2011	Superando O Estigma Da Seca A Partir De Estratégias De Convivência Com O Semiárido: O Modelo Da Comunidade De Sussuí, Quixadá, Ceará.	Universidade Federal Do Ceará	Fortaleza
<u>Scarazatti, Bruno</u>	2011	Sistema Agroflorestal Como Alternativa De Uso Da Terra: Um Estudo De Caso Na Unidade Demonstrativa De Permacultura (Udp), Manaus-am.	Instituto Nacional De Pesquisas Da Amazônia	Manaus
Albano, Marisol Ginez.	2012	Círculos De Permacultura No Contexto Comunitário: Desenho De Um Modelo Aplicável À Emergência De Culturas Sustentáveis.	Universidade Federal Do Ceará	Fortaleza

Quadro 2.2. - Levantamento bibliográfico de Teses e Dissertações (Fim)

Lima, Camila Silva De.	2012	Vivências Permaculturais Na Escola: Explorando As Relações Afetivas Ecológica E Socialmente Na Educação Formal	Universidade Federal Do Paraná	Curitiba
Oliveira, Mayara Cruvinel De.	2012	Elementos Da Permacultura Como Indutores Da Sustentabilidade Em Atrativos Turísticos De Bodoquena, Bonito E Jardim, Mato Grosso Do Sul	Universidade Anhanguera, Campo Grande	Campo Grande
Diogo Fonseca Mantovanelli	2012	Quintais Agroecológicos: Sala De Aula Informal Para Capacitação Formal - As Experiências Do Assentamento Rural Araras 4	Universidade Federal De São Carlos	São Carlos
Silva, Luis Fernando De Matheus E (Catálogo Usp)	2013	Ilusão Concreta, Utopia Possível: Contraculturas Espaciais E Permacultura (Uma Mirada Desde O Cone Sul)	Universidade De São Paulo	São Paulo
Brito, Ana Paula Ferreira De.	2013	Avaliação Da Disposição De Biossólido Oriundo Da Ete Araraquara (Sp) Em Argissolo Vermelho /	Universidade Est.Paulista Júlio De Mesquita Filho/Rio Claro	Rio Claro
Barros, Elaine Franciely Dos Santos	2013	Avaliação Do Saneamento Ambiental Em Assentamentos De Reforma Agrária Utilizando O Método De Análise Hierárquica De Processos	Universidade Federal De Goiás	Goiânia
Paulo Rodrigues Dos Santos	2013	Natureza E Verdade: A Pedagogização Ambiental Da Sociedade Contemporânea	Universidade Federal Do Ceará	Fortaleza
José, Flávio Januário	2014	Diretrizes Para O Desenvolvimento De Ecovilas Urbanas	Universidade De São Paulo	São Carlos
Estêvez, Laura Freire	2014	Relatórios Ambientais Prévios (Raps) Realizados Em Curitiba (Pr)	Universidade Federal Do Paraná	Curitiba
Paes, Wellington Marchi	2014	Técnicas De Permacultura Como Tecnologias Socioambientais Para A Melhoria Na Qualidade Da Vida Em Comunidades Da Paraíba	Universidade Federal Da Paraíba	João Pessoa
<u>Campos, Priscilla Teixeira</u>	2014	O Teatro Do Oprimido E A Flor Da Permacultura Na Educação Ambiental	Fundação Universidade Federal De Sergipe	Sergipe
Felix, Abayomi Mandela Silva	2014	Permacultura E Capoeira Angola : Análise De Redes Sociais E Estruturação De Unidades Demonstrativas Na Nova Pnater	Universidade De Brasília	Brasília

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2017.

Após a seleção dos estudos pertinentes a esta revisão bibliográfica, foi possível destacar dados chave para a análise dos mesmos, utilizando uma ficha técnica em seu modelo adaptado por Rejowski (2010), como referência bibliográfica, tipo de documento, instituição de ensino superior, unidade, programa, área de concentração e linha de pesquisa. Resumo e palavras-chaves: transcrição do resumo e das palavras-chave (quando existirem), segundo o autor.

Em seguida, algumas classificações e análises foram feitas, tais como classificação disciplinar, por temática e por aspectos metodológicos, classificação por área de estudo, por temas e subtemas, por tipo de pesquisa e nível de estudo e titulação. As fichas técnicas e suas respectivas análises estão descritas abaixo:

2.3.1. A cronologia dos estudos

A cronologia permite apontar ao longo do tempo, portanto no período de 2001 a 2016, como o interesse no assunto tem se manifestado na esfera acadêmica. O levantamento realizado está representado na tabela que segue:

Quadro 2.3. – Levantamento e cronologia dos estudos

Período	Número de estudos
2000 a 2009	9
2010 a 2016	26

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2017.

Pode-se observar que houve um crescente e notável interesse na área ao longo do tempo, uma vez que a quantidade de estudos no segundo período praticamente triplicou, ainda que a amostra total seja pequena, com o total de 26 estudos. Há uma concentração de estudos na última década, indicando que o tema passa a ganhar maior relevância, na medida em que o próprio campo da Permacultura também começa a ter papel de destaque na sociedade.

2.3.2. O estado acadêmico

O estado acadêmico permite diagnosticar o nível de complexidade em que o tema foi tratado, nesta análise investigou-se na amostra válida quantos estudos eram em nível de mestrado, portanto dissertações e quantos eram em nível de doutorado, portanto teses. Esta análise está representada na tabela abaixo:

Quadro 2.4. - O Estado Acadêmico dos Estudos

Nível	Número de Estudos
Mestrado	27
Doutorado	8

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2017.

Os dados apresentam uma predominância de estudos em nível de mestrado, sendo que neste nível se enquadraram 27 estudos da amostra válida e em nível de doutorado foram 8 estudos. Isso pode indicar que há espaço para um maior aprofundamento teórico sobre o tema, representa que o tema pode estar sendo tratado como porta de entrada para pesquisas acadêmicas e que ainda não foi dada continuidade nas pesquisas.

2.3.3. Sobre o caráter das Instituições

Nesta análise investigou-se sobre a dependência administrativa das instituições onde foram realizados os estudos, basicamente questionou-se qual era o caráter das instituições se particular, portanto oriundos de instituições privadas ou se eram de caráter estatal (estadual ou federal), portanto oriundos de instituições públicas. Esta análise está representada na tabela abaixo:

Quadro 2.5. - Análise do Caráter das Instituições

Instituições	Número de Estudos
Público	32
Privada	3

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2017.

Nota-se que há uma predominância de estudos realizados em instituições públicas. Foram 32 estudos da amostra válida, contra apenas 3 estudos realizados em instituições privadas, refletindo em certa medida a realidade da produção acadêmica no país, na qual há uma predominância de pesquisas sendo realizadas em escolas de caráter público.

2.3.4. Sobre as áreas de estudo abordadas

Nesta análise investigou-se a presente e/ou predominância das áreas de estudo abordadas, exaltando a interdisciplinaridade presente no meio dos estudos existentes no campo da Permacultura. É possível perceber que o campo de Humanas predomina na produção dos estudos acadêmicos. Esta análise está representada através dos números apresentados a seguir:

Quadro 2.6. - Áreas de Estudo abordadas (Cont)

Área de Estudo	Quantidade
Ciências Ambientais	4
Desenho Industrial	1
Demografia	1
Arquitetura, Urbanismo e Tecnologia	2
Geografia	3
Educação	3
Desenvolvimento Sustentável	2
Agronomia e Ciências Agrárias	3
Ecologia	2

Quadro 2.6. - Áreas de Estudo abordadas (Fim)	
Não informado	9
Eng. de Produção	1
Geociências e Ciências Exatas	1
Agrossistemas	1
Ciência Animal	1
Eng. Sanitária	1

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2017.

As áreas de estudo acima listadas foram coletadas a partir da própria descrição do estudo, contida no respectivo banco de teses e dissertações em que foi encontrada. Percebe-se que o tema de Permacultura é mais abordado pelas áreas das Ciências Ambientais, Geografia, Educação, Agronomia e Ciências Agrárias, representados pela média de três a quatro estudos por cada categoria, respectivamente, em relação à amostra total de produções acadêmicas em formato de teses e dissertações. As áreas de Arquitetura, Urbanismo e Tecnologia, Ecologia e Desenvolvimento Sustentável contém dois estudos cada uma e as áreas de Desenho Industrial, Demografia, Engenharia de Produção e Engenharia Sanitária, Geociências e Ciências Exatas, Agrossistemas e Ciência Animal contém apenas 1 estudo cada uma. Destaca-se, também, a curiosa constatação de que 9 pesquisas estão na categoria de área “não informada”, devido a uma formatação própria da plataforma do banco de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD - em que não há um campo destinado à identificação da área de estudo. Frente a isso, optou-se por não classificar livremente uma categoria para cada pesquisa, a fim de evitar equívocos. Ademais, é possível indicar a ausência de uma categoria específica, ou ao menos mais apropriada, para identificação dos estudos desenvolvidos no campo da Permacultura. Destaca-se também que não foram encontrados estudos relacionados ao tema da Permacultura que pertençam ao campo da Filosofia, Ciências Sociais ou Estudos Culturais.

2.3.5. Análise dos resultados

Após a primeira etapa do trabalho, as teses e dissertações selecionadas foram divididas em subcategorias, de acordo com a abordagem de cada estudo contida em seu resumo, a fim de analisar o objeto e foco de cada produção acadêmica, relacionando com a Permacultura. Tais subcategorias foram definidas em função do agrupamento de estudos que continham temas, problemáticas e/ou metodologias semelhantes, a fim de promover uma análise mais aprofundada e focada nos temas centrais desta pesquisa – o meio urbano e a Permacultura. São quatro as subcategorias identificadas e definidas, criadas especificamente para o contexto desta pesquisa, e que seguem listadas* e representadas quantitativamente por nicho no gráfico abaixo:

Subcategoria 1 - Cultura e Educação = 13 estudos = 37,1%

Subcategoria 2 - Turismo = 2 estudos = 5,7%

Subcategoria 3 - Design, Sustentabilidade e Agroecologia = 15 estudos = 42,9%

Subcategoria 4 - Meio Urbano = 5 estudos = 14,3%

**O agrupamento por categorias feito anteriormente pode ser também consultado e confirmado na relação completa de teses e dissertações, que está no apêndice B.*

Gráfico 2.1. – Estado da Arte em Permacultura e subcategorias

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2017.

O gráfico demonstra a quantidade de produções em cada uma das quatro categorias, de modo que a primeira categoria, nomeada “Cultura e Educação” contém 13 estudos, a segunda categoria, “Turismo”, reúne duas pesquisas, a terceira categoria, “*Design, Sustentabilidade e Agroecologia*”, contém 15 produções acadêmicas e a última categoria, “Meio Urbano” reúne 5 estudos. Vale ressaltar que muitos dos estudos selecionados contém temas internos que convergem com os de outras pesquisas, seja em pontos de ação, discussão, ou mesmo reflexão, porém como forma de concentrar a estruturação deste mapeamento, restringiu-se apenas a estas 4 categorias. Ademais, visando promover o acesso livre e a análise crítica sobre as produções acadêmicas aqui listadas, segue, como apêndice deste trabalho, os resumos de todas as teses e dissertações encontradas, agrupadas pelas quatro categorias já citadas. Para mais informações, vide apêndice B, na página X.

Visando contemplar a 3ª etapa deste trabalho, as cinco pesquisas e dissertações relacionadas à quarta categoria - Meio Urbano - foram analisadas a fim de verificar e refletir acerca de possíveis contribuições diretas destes estudos para a presente pesquisa, a partir de pontos destacados por estes e relacionando-os com os pontos centrais da discussão sobre valores em comum e Permacultura no

Município de São Paulo. Dessa forma, seguem listados abaixo os 5 estudos, seguidos de breve descrição feita a partir do resumo de cada pesquisa.

Quadro 2.7 – Estudos relacionados à Permacultura e meio urbano*

AUTOR	ANO	TÍTULO	Instituição	Tese ou Dissertação
Krzyzanowski, Renato Fávero	2005	NOVAS TECNOLOGIAS EM ASSENTAMENTOS HUMANOS	Universidade Federal de Santa Catarina	Dissertação
Barros, Bruna Rosa de	2008	PERMACULTURA E DESENVOLVIMENTO URBANO:DIRETRIZES E AÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL EM LOTEAMENTOS DE INTERESSE SOCIAL.	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS	Dissertação
Silva, Luis Fernando de Matheus e (Catálogo USP)	2013	Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e Permacultura (uma mirada desde o cone sul)	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	Tese
José, Flávio Januário	2014	Diretrizes para o desenvolvimento de Ecovilas Urbanas	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	Tese
Estêvez, Laura Freire	2014	RELATÓRIOS AMBIENTAIS PRÉVIOS (RAPS) REALIZADOS EM CURITIBA (PR)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	Tese

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2017.

*As referências bibliográficas dos estudos acima listados estão disponíveis para consulta no apêndice A.

A Dissertação desenvolvida por Krzyzanowski (2005), “Novas tecnologias em assentamentos humanos: a Permacultura como proposta para o planejamento de unidades unifamiliares em Florianópolis, investiga e realiza uma revisão do planejamento fragmentado das urbes, buscando um planejamento integrado, com significativo grau de autossuficiência e baixo impacto no ambiente, satisfazendo a necessidade humana de viver numa sociedade com conteúdos sociais, ecológicos, econômicos e espirituais, quase inexistentes nos modelos da atual sociedade. Partindo da Permacultura como modelo de planejamento socioambiental, o autor realiza um levantamento bibliográfico e um estudo de caso com propostas de

ocupação de solo em loteamentos residenciais em Florianópolis, compondo diretrizes de sustentabilidade, assim como, elaborando um *check-list*, para apoio a projetos arquitetônicos. A partir disso, o pesquisador verificou a redução de impactos negativos e o surgimento de um grau de autossuficiência nestes locais.

Na Dissertação “Permacultura e desenvolvimento urbano: diretrizes e ações para a sustentabilidade socioambiental em loteamentos de interesse social” a autora Barros (2008) analisa o processo de degradação ambiental que historicamente surgiu em paralelo aos aglomerados urbanos, destacando a necessidade das cidades na busca de padrões de qualidade urbana e ambiental, através do planejamento ambiental. A autora insere a Permacultura através da visualização dos loteamentos de interesse social como ecossistemas construídos, utilizando de uma metodologia indutiva e qualitativa para o desenvolvimento de diretrizes socioambientais que visam nortear as fases de planejamento e projeto de loteamentos. Elaborou-se uma *check list* das diretrizes propostas, assim como criou-se uma matriz relacional entre alguns princípios Permaculturais de *design* e as diretrizes propostas. Como resultados obtidos, a autora constatou que é possível o uso da Permacultura como ferramenta de planejamento ambiental em assentamentos humanos, visando a sustentabilidade socioambiental, assim como em espaços urbanos, resultando em um componente alternativo para o desenvolvimento urbano.

Na Tese “Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e Permacultura (uma mirada desde o cone sul)”, o autor Silva (2013) buscou compreender e analisar criticamente o discurso de sustentabilidade e as práticas constitutivas da Permacultura. Para tanto, o autor parte de uma revisão histórica do surgimento e desenvolvimento da Permacultura até o ponto de verificação da mesma como parte de um movimento de contraculturas espaciais, ou seja, microexperimentos de organização e produção socioespacial, tendo-as como expressões essencialmente modernas e urbanas. O exame crítico do sistema produtivo permacultural, por meio do autor, permitiu discutir as possibilidades e os

limites apresentados pelas contemporâneas contraculturas espaciais à construção de uma sociedade mais igualitária e ecológica.

Na Tese de Flávio Januário José (2014), intitulada “Diretrizes para o desenvolvimento de Ecovilas Urbanas”, o autor apresenta diretrizes desenvolvidas a partir do sistema de planejamento *Dragon Dreaming*, objetivando a elaboração de um modelo de diretrizes para o desenvolvimento de ecovilas urbanas em bairros já existentes ou para a criação de novos assentamentos urbanos sustentáveis. A partir do estudo de caso da Ecovila Sta. Margarida, em Campinas, SP, os aspectos teóricos, visitas técnicas e participação em eventos foram os métodos utilizados para a elaboração da pesquisa, que foi dividida em quatro partes: Sonho; Planejamento; Realização e Celebração, de acordo com as etapas do desenvolvimento da mesma. Como resultados, destaca-se a composição de um projeto de Lei Municipal, criando parâmetros para o planejamento, avaliação e aprovação de novas ecovilas.

Por fim, na Dissertação desenvolvida por Estevez (2014), “Relatórios Ambientais Prévios (RAPS) realizados em Curitiba (PR)”, o objeto de estudo foi o Planejamento da Paisagem, que aplicado ao meio urbanizado tem como um dos princípios a manutenção ou melhoria da qualidade ambiental urbana, em contraponto ao crescimento de empreendimentos no espaço urbano. O objetivo do trabalho foi o de analisar RAPs elaborados no Município de Curitiba com base nos princípios do Planejamento da Paisagem e com isso fornecer subsídios para refletir sobre a possibilidade de um planejamento urbano adequado à conservação da natureza, objetivo este que se relaciona diretamente com alguns dos principais princípios e técnicas da Permacultura. Para tanto, analisou-se três empreendimentos: um supermercado, um complexo de edifícios e um *shopping* que, foram submetidos a critérios de análise do autor, com base nos estudos de Qualidade Ambiental Urbana, nos estudos sobre cidades saudáveis da Organização Mundial da Saúde e nos princípios da Flor da Permacultura - desenho que engloba os 12 princípios de ação da Permacultura. Frente a esses parâmetros de análise, foram obtidos diagnósticos favoráveis a estes mesmos empreendimentos. Como considerações da pesquisa, o autor indica que tais diagnósticos foram, portanto,

aceitos pelo poder público, permitindo assim a instalação dos empreendimentos, mesmo resultando em diminuição da qualidade ambiental urbana.

Após a realização das três etapas previstas para a realização do Estado da Arte em Permacultura, foi possível constatar alguns pontos chave acerca das produções acadêmicas sobre Permacultura, assim como compor algumas considerações finais em relação ao conteúdo dos estudos encontrados neste levantamento de produção acadêmica.

Quanto a constatações, destacam-se: o aumento crescente de estudos ao longo do tempo, ainda que seja pequeno número de produções acadêmicas que abordam a área da Permacultura; a quantidade também pequena de estudos que direcionam a reflexão acerca do meio urbano; a ausência de produções acadêmicas advindas da área da Filosofia, Ciências Sociais e Estudos Culturais; a ausência de estudos específicos que relacionam Permacultura e Município de São Paulo, como recorte espacial ou objeto de estudo, e, por fim, a inclusão contínua de novos estudos nas plataformas de pesquisa e banco de dados, fazendo com que a amostra de estudos disponíveis esteja diretamente relacionada a cada período de consulta realizado. Ainda sim, a amostra de 35 estudos, coletados entre os meses de Março a Abril (com início em 20 de Março e final em 03 de Abril de 2016) nas plataformas de teses e dissertações da USP, CAPES e BDTD (Banco Digital Brasileira de Teses e Dissertações) representam uma realidade proporcional, quantitativa e qualitativamente, à uma amostragem que poderá ser feita em períodos futuros, ou seja, a medida que o levantamento e coleta de dados seja periodicamente realizado, ainda que nas mesmas plataformas e banco de dados, será provável encontrar um número cada vez maior de estudos sobre Permacultura no Brasil, possivelmente diversificando em regiões e áreas de atuação, tendo em vista a tendência de crescimento de estudos acadêmicas na área, já constatada pelo presente Estado da Arte, que também, ao mesmo tempo, visou estimular para que tais atualizações sejam feitas posteriormente.

Quanto aos pontos chave de conteúdo dos cinco estudos selecionados e pertencentes à categoria de “Meio urbano”, descritos previamente, destacam-se a

predominância da realização do levantamento e revisão bibliográfica sobre Permacultura, abordando seu histórico, desenvolvimento e verificando aplicações que dialoguem com as respectivas linhas de pesquisa. Também verificou-se o uso do instrumento metodológico “Estudo de caso”, em que exploraram assentamentos humanos e loteamentos residenciais em recortes urbanos específicos, sendo complementados pela composição de diretrizes e *check list* que norteiam planejamentos ambientais urbanos. Por fim, a verificação unânime da Permacultura como uma ferramenta muito eficiente para a renovação de espaços e assentamentos humanos e urbanos, em prol de mais sustentabilidade, autossuficiência e retomada de conexão com o espaço de moradia e meio urbano, representa a temática central que os cinco estudos abordam e buscam comprovar por meio de aplicação prática.

2.4. A PERMACULTURA EM SÃO PAULO

O cenário de Permacultura no Município de São Paulo acaba por ressaltar a grande expansão de ações e discussões que o tema e filosofia têm gerado e que pode gerar, induzindo a necessidade de um olhar sobre este processo e atores envolvidos. Como forma de introduzir este cenário, estão descritos no quadro a seguir as 38 organizações e grupos de Permacultura, ou que se relacionam com o tema, existentes no Município de São Paulo, previamente identificadas, por meio de pesquisa *online*. O quadro completo, constando informações de localização, contato, *site* e outros, encontra-se no apêndice C desta pesquisa.

O critério de seleção utilizado para a composição deste quadro consistiu em verificar as organizações e grupos, limitadas ao recorte geográfico do Município de São Paulo, com ações legitimadas por portfólio *online* e que apresentem ações constantes relacionadas à Permacultura, englobando desde o plantio, em hortas, oficinas de bioconstrução e captação de água da chuva, cursos de formação, consultorias e instalações, entre outras ações que promovem e difundem conhecimentos da área.

O levantamento foi realizado entre os meses de Março a Agosto de 2016 e depois revisado e atualizado entre os meses de Janeiro e Fevereiro de 2018 e, a partir da análise dos dados obtidos, foi possível constatar alguns dados relacionados às categorias e áreas de atuação, assim como sobre as zonas do Município em que estas organizações e grupos se encontram. Ambas as análises seguem descritas após a apresentação do quadro a seguir:

Quadro 2.8. - Relação de Organizações e Grupos de Permacultura do Município de São Paulo, 2018. (Continua)

Nome	Área/Categoria	Localização	Zona no Município
Arboreser	Centro cultural	Rua Sebastião de Freitas, 561	Zona Norte
Bio Ideias	Empresa de biotecnologia e soluções ambientais	Av. Rebouças, 3970	Zona Oeste
BioArquiteto	Consultoria em bioconstrução e Permacultura	-	Virtual
CADES-PI	Conselho Regional	Auditório da Subprefeitura de Pinheiros, Av. Nações Unidas, 7123	Zona Oeste
Casa 13:20	Centro comunitário	Rua João Álvares Soares, 1860	Zona Sul
Casa da Cidade	Instituto	Rua rodésia CEP 05435-020 são paulo, SP - Brasil	Zona Oeste
Casa do Alpendre	Coletivo / Consultoria	Jd. Rolinópolis – km12 da Rod. Raposo Tavares	Zona Oeste
Casa dos Hólons	Coletivo / Empresa	R. João Álvares Soares, 1860 - Campo Belo, São Paulo - SP, 04609-005	Zona Sul
Casa Jaya	Empresa	R. Capote Valente, 305 - Pinheiros, São Paulo - SP, Brasil	Zona Oeste
Centro de Pesquisa e Formação do Sesc	Organização SESC	4º andar., R. Dr. Plínio Barreto, 285 - Bela Vista, São Paulo - SP, 01313-020	Centro
Ecoativa	Coletivo / Empresa	3000 - Estr. Velha do Bororé - Jardim Santa Tereza, São Paulo	Zona Sul
EcoBairro	ONG	Rua Dr. Luiz Azevedo Filho, 38 - Vila Clementino - Sub-prefeitura da Vila Mariana	Zona Sul
ecoeficientes (ecobeco)	Centro de Exposição de Soluções Ecoeficientes Urbanas	BECO DO BATMAN - VILA MADALENA	Zona Oeste
Escola da Cidade	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – cursos livres	Rua Gen. Jardim, 65 - Vila Buarque	Centro

Quadro 2.8. - Relação de Organizações e Grupos de Permacultura do Município de São Paulo, 2018. (Fim)			
Escola de Cisterna	Coletivo / Consultoria	R. Alves Guimarães, 1511	Zona Oeste
Floresta dos Unicórnios	Instituto	Vila Mariana + Carapicuíba e Juquitiba	Zona Sul
Horta Centro Cultural SP	Espaço/Gestão Pública	Rua Vergueiro, 1000	Centro
Horta das Corujas	Espaço/Gestão Pública	Av. das Corujas, 39	Zona Oeste
Horta do ciclista	Espaço/Gestão Pública	Av Paulista, altura do n. 2.444	Centro
Hortelões Urbanos	Comunidade virtual	sem endereço	Virtual
Instituto 13 Luas	Instituto	Parelheiros	Zona Sul
Instituto Chão	Associação	Rua Harmonia, 123	Zona Oeste
Instituto Favela da Paz	Instituto	Rua Miguel Dionísio Valle, 35 - Jardim Nakamura	Zona Sul
Instituto Kairós	Instituto	R. Marquês de Itu, 58 - Vila Buarque	Centro
Morada da Floresta	Empresa	R. Diogo do Couto, 47 – Vila Universit,	Zona Oeste
MUDA SP (Movimento Urbano Agroecologia)	Organização de Agroecologia	Rua Francisco Leitão 235	Zona Oeste
Museu Casa Brasileira (ações educativo)	Espaço/Gestão Pública	Av Faria Lima, 2705	Zone Oeste
Periferia Sustentável	Coletivo	Não informado	Zona Leste
Permacultores Urbanos	Empresa - Coletivo de permacultores	Não informado	Zona Oeste
Permaperifa	Coletivo de ações colaborativas e multirões		Todas
PermaSampa	Coletivo / Consultoria	-	Virtual
Piparia	Coletivo e espaço de auto gestão	Rua Santanésia, 216	Zona Oeste
Ponto de Cultura Quebrada Sustentável	Ponto de Cultura	Rua Papiro do Egito, 100 União de Vila Nova - São Miguel Paulista	Zona Leste
Pra melhor ambiental	Consultoria - Permacultura Urbana & Paisagismo Alimentar	-	Virtual
SESC - cursos e palestras	Equipamento específico de lazer e formação livre	Unidades em São Paulo	Todas
UMAPAZ	Departamento de Educação Ambiental - Parque Ibirapuera	Av. Quarto Centenário, 1268 Parque Ibirapuera - Portão 7A	Zona Sul
Vector Equilibrium	Instituto	Rua Manuel Jacinto, 823 Vila Sônia - São Paulo - SP	Zona Oeste
Vila Itororó e FAB LAB Vila Itororó	Centro cultural	Rua Pedroso, 238	Centro

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2018.

Dentre as áreas e categorias resultantes do levantamento de organizações e grupos atuantes no Município de São Paulo, foi possível identificar 6 grandes categorias, baseadas a partir do que o próprio local ou grupo se definia ou pelo ramo de atuação que se enquadra, sendo: Instituto / Associação / ONG; Empresas; Coletivo / Consultoria; Espaço e Gestão pública; Centro cultural, comunitário e/ou de ensino; Comunidade Virtual. A distribuição quantitativa em categorias das organizações de Permacultura no Município de São Paulo, a partir do levantamento feito e revisado em 2018, está representada na tabela e gráfico a seguir:

Quadro 2.9. - Distribuição por categoria

Categoria	Quantidade
Instituto / Associação / ONG	9
Empresa	6
Coletivo / Consultoria	8
Espaço/Gestão Pública	6
Centro cultural, comunitário e/ou de ensino	8
Comunidade virtual	1

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2018.

Gráfico 2.2. – Área de atuação dos grupos de Permacultura em de São Paulo.

Distribuição por categorias

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2018.

O gráfico apresenta a distribuição entre as categorias previamente estabelecidas, onde nove organizações se enquadram na categoria de Instituto / Associação / ONG, seis em empresas, oito em Coletivos e Consultorias, seis em Espaços e Gestão Pública (espaços e organizações públicas - sendo Museu, Centro Cultural, Parque, Praças, e Conselho), oito em Centro cultural, comunitário e/ou de ensino e, por fim, uma que se enquadra na categoria de comunidade virtual, considerando a articulação e compartilhamento de ideias, movimentos, encontros e oficinas promovidos por meio da rede social *Facebook*. O gráfico também demonstra a forte ação presencial no meio urbano, sendo o ponto forte das relações sociais e estruturas invisíveis da permacultura.

A predominância da categoria de Instituto / Associação / ONG, com a quantidade de 9 organizações e grupos de Permacultura presentes e atuantes no Município de São Paulo sugere que a atuação destes vem ocorrendo majoritariamente no terceiro setor, por meio da união de pessoas que buscam defender, promover e realizar um conjunto de interesses e ações, sem visar o lucro, mas sim realizando ações - nesse caso, por meio da Permacultura - frente às necessidades sociais. Em seguida, as categorias de Coletivo / Consultoria e a categoria de Centro cultural, comunitário e/ou de ensino, ambas com 8 organizações, pode sinalizar a intensa atuação em Permacultura exercida na Capital paulistana, sendo a ação *in locus*, ou seja, ações que são desenvolvidas em lugares específicos, distribuídos ao longo do perímetro urbano, e que são realizadas de forma colaborativa e informal por pessoas que compõem o respectivo coletivo. Dessa forma, este grupo de pessoas, este coletivo, possivelmente realiza tais ações não só para melhorar alguns pontos (estruturais, de acesso, eficiência energética ou outros) do local trabalhado, mas como principalmente para repassar e compartilhar conhecimentos sobre Permacultura para as pessoas que estão aprendendo a realizar o trabalho prático em conjunto. Tais pontos sugeridos acima foram verificados ao longo desta pesquisa, por meio das idas a campo e das entrevistas semiestruturadas abertas, a serem realizadas com os atores e pessoas envolvidas destas organizações, grupos e instituições de Permacultura.

Em relação à distribuição em que se encontram os grupos e organizações ao longo das zonas do Município, dentre Zona Norte, Zona Oeste, Zona Sul, Zona Leste e Centro, foi possível perceber que há uma majoritária presença destes na região Oeste da Cidade, contendo 15 organizações, já a Zona Sul foi a segunda com maior número de organizações e grupos presentes, totalizando 8, em seguida a região do Centro com 6 organizações e a Zona Leste com 2 grupos de Permacultura fixados na região. Optou-se também por considerar a *zona virtual*, ou seja, espaço virtual que existe por meio de páginas em redes sociais, *sites* ou fóruns disponíveis e *online* na *internet*, porém que não tem espaço físico de atuação. Nesta categoria de zona virtual, foram identificadas 5 organizações e/ou grupos de Permacultura que existem e atuam por meio deste espaço virtual. Houveram também duas organizações que pertencem à categoria Todas, justamente por estar presente ou ter o potencial móvel de estar presente em todas as zonas de São Paulo, como é o caso do SESC - equipamento específico de lazer - e o coletivo de pessoas conhecido como Permaperifa, que realiza ações em diferentes favelas e comunidades periféricas no Município de São Paulo e que não conta com espaço físico. A distribuição quantitativa por zonas pode ser visualizada na tabela e gráfico a seguir:

Quadro 2.10. - Distribuição por zonas do Município dos grupos de Permacultura

Região	Quantidade
Zona Norte	1
Zona Sul	8
Zona Oeste	15
Zona Leste	2
Centro	6
Virtual	5
Todas	2

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2018.

Gráfico 2.3. – Distribuição por zonas do Município dos grupos de Permacultura

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2018.

Vale ressaltar que houve uma notável diferença entre o primeiro levantamento realizado entre Março a Agosto de 2016 e a atualização realizada entre Janeiro e Fevereiro de 2018, onde haviam sido encontradas 27 organizações e grupos de Permacultura e posteriormente, por meio da pesquisa *online* aprofundada e revisada dois anos depois, foram encontradas 38 iniciativas, grupos e/ou organizações que trabalham, atuam, promovem e difundem a Permacultura no Município de São Paulo e que serão devidamente exploradas e analisadas no item 4.1 desta pesquisa - Histórico e contextualização das organizações de Permacultura em São Paulo. Ademais, destaca-se também que nenhum dos 35 artigos, teses e dissertações encontrados no levantamento de Estado da Arte em Permacultura refere-se a alguma das iniciativas, grupos e organizações aqui também previamente encontradas.

Visando contribuir para a comunidade e com o movimento de Permacultura no Município de São Paulo, como maneira de retribuir e também ajudar a solucionar uma das dificuldades que foi identificada posteriormente por meio das idas a campo, foi elaborado um mapa virtual por meio do *site* www.batchgeo.com, que possibilita a criação de mapas a partir da base do *Google Maps*, em que é possível continuamente alimentar a base de dados, atualizando as informações do mapa virtual. Sendo assim, o mapa de Locais e Organizações de Permacultura em São Paulo tem a seguinte apresentação:

Figura 2 – Mapa virtual de Locais e Organizações de Permacultura em São Paulo

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2018.

O presente mapa demonstra, visualmente, a grande diferença na disposição e quantidade de grupos e organizações de Permacultura no Município de São Paulo, onde é notável a concentração na Zona Oeste e Zona Sul, mesmo tendo grande parte da malha verde no extremo Sul da Cidade e na Zona Leste da Cidade. Ademais, o presente mapa também possibilita um processo de cartografia sensível, pensando a disposição espacial enquanto subjetividades, territórios e representações, assim como Rolnik (1989) conceitua a cartografia, enquanto processo que acompanha e se faz ao mesmo tempo com o desmonte de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos, fazendo com que paisagens psicossociais também sejam cartografáveis.

3 PARADOXOS? PERMACULTURA, IDENTIDADES E CIDADE

O presente item destina-se a explicar e explorar alguns conceitos e processos históricos de formação, partindo de diferentes autores que discorrem sobre Estudos Culturais, identidades, lazer, ideologia, até reflexões acerca do desenvolvimento urbano e da urbanidade no Município de São Paulo, pontuando algumas perguntas que nortearam o processo de investigação desta pesquisa.

3.1. ESTUDOS CULTURAIS E PERMACULTURA: UMA PERFORMÁTICA SOCIAL

Partindo da inquietação sobre quais as relações possíveis e potenciais entre Estudos Culturais e Permacultura, a presente passagem desta pesquisa, elaborada por meio da disciplina cursada *“História e Teoria dos Estudos Culturais (Universidade de São Paulo, 2016)*, está estruturada em quatro atos, cenas, que visam dialogar com autores e temáticas estudadas em contextos e momentos históricos diferentes, trazendo a discussão para refletir acerca da realidade atual na Cidade de São Paulo quanto aos temas de Permacultura, Estudos Culturais, identidade e *performance*. O que se propõe aqui é estabelecer diálogos sobre as possíveis conexões existentes, que tenham grande potencial como novas “propostas sociais”, ou mesmo práticas, enquanto projetos sociais de educação, porém sem desvalorizar demais problemáticas contemporâneas ou mesmo sacralizar os temas centrais abordados neste texto. Para que seja possível refletir acerca de novas propostas possíveis nas diversas realidades contemporâneas, torna-se necessário, antes de tudo, introduzir alguns conceitos e contextos, assim como comentar algumas temáticas - Estudos Culturais, Permacultura e *Performance* - a fim de compor uma base teórica que possibilite reflexões dentre os temas trabalhados ao longo deste ensaio.

1º ato: Os Estudos Culturais: Algumas reflexões

Considerando a amplitude do processo de surgimento e estabelecimento dos Estudos Culturais, pode-se dizer que o processo de criação e desenvolvimento inicial desta área de estudo ocorreu em meados da década de 1950, frente aos contextos da época na Inglaterra, em que emergiram novas lentes para antigas questões sociais e culturais, formulando e ressignificando, ao mesmo tempo, compreensões e ações frente às problemáticas daquele momento. A partir das obras de Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e E. P. Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963), o campo dos Estudos Culturais surge propondo o entendimento de “cultura” como práticas humanas, modos de vida, postura ativa de experienciar e produzir elementos e traços culturais, ao invés de apenas consumi-los ou absorvê-los passivamente a cultura de um grupo ideológico e cultural dominante. Tendo, segundo Hall (2009), a cultura como local de convergência, a partir da ruptura das relações de trabalho intelectual e realidade prática, dentro da contínua dialética entre “poder” e “conhecimento”, posteriormente à institucionalização dos Estudos Culturais ocorreu em um primeiro momento no centro de Birmingham e, posteriormente, fora dele, por meio de cursos e publicações, advindas de diversos autores e lugares, que ali, em um campo até então informal, convergiam para novas reflexões sociais e culturais, dentro do contexto dos anos 60.

Ao longo do desenvolvimento formal - enquanto educação institucional - e informal - dia a dia de operários e comunidades industriais - da área dos Estudos Culturais, se estabelecem duas compreensões de cultura, tendo-a como soma das descrições disponíveis pelas quais a sociedade dá sentido e reflete as suas experiências comuns, enquanto domínio das ideias, e uma outra compreensão, que enfatiza o aspecto de “cultura” se referenciando em práticas sociais, enquanto um modo de vida global e pela qual não existiria, segundo Hall (2013), nenhum modo pelo qual esse processo pode ser desvinculado, distinguido ou isolado de outras práticas que formam o processo histórico.

Ainda dentro das reflexões e colocações de Stuart Hall acerca dos Estudos Culturais e, mais precisamente, sobre identidades culturais, o autor as coloca como pontos de identificação, enquanto pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história, sempre considerando, também, a natureza intrinsecamente hibridizada de toda identidade e das identidades diaspóricas em especial, tendo, então, identidade como um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada (HALL, 2013). Assim, há uma relação direta e de interdependência entre modos de vida, práticas sociais, cultura e identidade, que acabam por se conectar com as linhas de estudo e pesquisa dos Estudos Culturais na América Latina, Ásia e África, que discutem sobre os processos de colonialismo e colonialidade, assim como o pós colonialismo e a descolonização. Autores como Aníbal Quijano (2005), Amílcar Cabral (1984), Frantz Fanon (2008), e o brasileiro Paulo Freire (2002), entre outros, trazem à cena intelectual reflexiva dos Estudos Culturais as realidades nacionais, cada qual em seu contexto histórico, de países que tiveram suas culturas locais invadidas e sobrepostas por culturas colonizadoras dominantes, seja por meio de estruturas de dominação e exploração, estabelecendo relações hierárquicas de poder, autoridade política e de domínio dos recursos de produção e trabalho, ou por meio do processo de globalização, enquanto dominação cultural subjetiva. Frente a estes contextos culturais, o projeto de “descolonização” emergiu enquanto campo de convergência intelectual destes e de outros autores, que enfatizam a cultura como elemento libertador, uma vez que a mesma “constitui um método de mobilização dos grupos e, portanto, uma arma na luta pela independência” (CABRAL, 1984). Se “a relação entre um projeto e uma formação é sempre decisiva” (WILLIAMS, 2011), seria, hoje, a Permacultura um fenômeno sociocultural contemporâneo, com potencial igualmente libertador?

2º ato: Permacultura

“Cuidar das pessoas, cuidar da natureza, compartilhar excedentes”. Essa é, segundo Mollison (2002) a compreensão genérica e, ao mesmo tempo mais específica, do que é Permacultura para muitas pessoas ao redor do mundo e, também, na Cidade de São Paulo. São justamente os três princípios éticos que regem todos os demais princípios práticos e ações desta filosofia. A cultura da permanência, ou Permacultura, é uma filosofia criada pelo biogeógrafo australiano Bill Mollison (2002), que cunhou o termo na década de 1970, junto com o conterrâneo David Holmgren (2013). A partir da contração das palavras permanência e cultura, a ideia de uma cultura permanente tem em sua essência a busca por resultados de equilíbrio social, cultural, e, principalmente ambiental, que partem de um manejo ambiental e eficientemente sustentável e ético da e para a terra, compreendendo, para tanto, que, segundo Holmgren (2013), se a Permacultura é uma filosofia, ela é pragmática e toma os limites ecológicos de nosso poder e inteligência como fundamento para tudo o que é feito.

Ainda segundo o autor, a Permacultura engloba técnicas ambientais milenares, como a bioconstrução, captação da água da chuva, compostagem, filtro biodigestores, agrofloresta entre outras técnicas, porém reunidas pela palavra *design*. O desenho do espaço, delimitando zonas de atuação e funcionalidade, mantêm em vista o ideal de realizar “uma ação para mais de uma função”, valorizando e otimizando os recursos naturais disponíveis no local. Ademais, a Permacultura promove um conjunto de valores subjetivos, que vão além dos práticos já previamente estabelecidos. O trabalho colaborativo e cooperativo, o compartilhamento de excedentes, a troca de saberes somado à horizontalidade em planejamento e execução, a criatividade e sensibilidade espacial coletiva são alguns dos pilares de valores essenciais, caracterizando a Permacultura enquanto modo e filosofia de vida.

Desde de seu surgimento, entre as décadas de 1960 e 1970, a Permacultura se espalhou rapidamente pelo território australiano, levando a necessidade de se

estabelecer metodologias de ensino do conteúdo. A partir disso foi criado o *Permaculture Design Course* - PDC, organizado com base em uma estrutura curricular básica e universal, e que em pouco tempo se consolidou como o modelo para a formação de integrantes e instrutores e estimulou a criação de diversos institutos ao redor do mundo, bem como o estabelecimento de redes de contato e de intercâmbio. Posteriormente, este cenário de processo educacional não institucionalizado possibilitou diversos encontros em níveis regionais, nacionais e internacionais e, por fim, nas primeiras conferências internacionais, ou IPC's (*Internacional Permaculture Conference*).

O fenômeno permacultural, sua criação e seu *boom* de disseminação pelo mundo, proveio de fortes discussões políticas, culturais e ambientais que permearam o mundo entre os anos de 60 e 70, principalmente acerca das experiências de organização social e produção espacial “alternativa”, que buscavam romper com a “cultura espacial” dominante, marcada entre outras coisas, pela supremacia do valor de troca e da propriedade privada, pela superexploração dos seres humanos e dos bens naturais, pela alienação generalizada e pela tendência à homogeneização (SILVA, 2013). O desenvolvimento e crescimento da Permacultura no Brasil e no mundo seguiu em progressão nos anos subsequentes, porém marcados cada vez mais pela presença dos interesses privados em absorver o ideal ambientalista como imagem empresarial de responsabilidade e sustentabilidade ambiental.

É importante destacar, também, a grande influência que o meio urbano representa para o desenvolvimento desta contracultura espacial contemporânea e para o próprio crescimento e expansão mundial da filosofia e práxis da Permacultura. Por mais que a Permacultura seja uma filosofia inclusiva e comunitária e de aplicação prática ambiental em espaços que sejam capazes de receber e possibilitar tais ações, ainda sim está voltada, acessível ou, até mesmo, restrita aos círculos urbanos e aos seus moradores. No meio urbano, alguns indivíduos que compartilham de diferentes interesses “alternativos”, enquanto modos de contestação, estranhamento e oposição, relacionados a uma contracultura

posicionada frente às imposições da ordem dominante, acabam por se contatar, organizar e promover novos movimentos, dentre eles, a Permacultura, enquanto forma de combater princípios do sistema capitalista que julgam equivocados ou até mesmo ultrapassados, tendo em vista a disposição e saúde dos recursos naturais e as tecnologias hoje disponíveis.

3º ato: *Performance*

Compreendendo a limitação em tentar compilar um panorama histórico e contextual da *performance* nas artes e na sociedade, ou mesmo apresentar um conceito fechado para o que se pode entender por tal, devido à sua vasta complexidade teórica e prática, a presente passagem, ou ato, busca promover um cenário crítico sobre os diálogos que se pode estabelecer entre práticas sociais atuais e o que se pode entender por uma essência da *performance*, na tentativa de romper com barreiras conceituais ao ponto de explorar novas relações reflexivas.

A partir da continuação do alargamento das linguagens nas artes na segunda metade do século XX, a *performance* surge como uma união das artes visuais, artes cênicas e música, propondo para o campo artístico uma desconstrução de limites destas áreas, ao mesmo tempo em que explorava e testava as fronteiras, trocas e conexões entre os mesmos. Tendo-a como uma ação difundida e hegemônica, ela significou para sua época, assim como hoje, a quebra de estereótipos e o questionamento direto de padrões e formatos dentro do mundo da arte. A *performance* opera pelo estranhamento, pela subversão que propõe, pelo diálogo de elementos, camadas, e sua potência está diretamente relacionada ao seu contexto, descartando a possibilidade de reproduções e ações “automatizadas” e meramente repetitivas, pelo contrário, pois por mais que existam propostas semelhantes, o processo de execução sempre se dará de forma singular.

Apesar da grande referência para sua compreensão ser o campo das artes, a *performance* não está limitada por este universo, já que sua funcionalidade e finalidade não está no produto final esperado, pelo contrário, uma vez que

“o que pode nos dar base didática para abarcar manifestações tão diversas sob um mesmo guarda-chuva parece ser uma primazia do processo em detrimento do produto, da relação em detrimento do sujeito, da troca em relação ao objeto. Ou seja, o direcionamento do olhar para um evento em processo de acontecimento (e tudo que o circunda, inclusive suas possíveis objetificações posteriores) é um traço em comum que podemos identificar sempre que esse termo nos salta à vista, seja numa apresentação de uma *performance* artística, no bom desempenho do corredor ou na performatividade de uma sala de bate-papo *on-line*.”(CEVALES, 2006)³

Quais as relações possíveis entre política, enquanto práticas sociais, e *performance*? O que surge a partir desta relação? O que repercute a partir do que surge? O que se estabelece a partir do que repercute? Essas, entre outras, são algumas questões a partir das quais alguns movimentos artísticos sociais de estranhamento e subversão ao *status quo*, da história do último século e do início deste, fizeram e fazem emergir novas perspectivas, propostas e até mesmo projetos, cada qual em seu respectivo contexto, ao passo que também consolidam novas manifestações culturais e linhas de pesquisa, a exemplo do campo dos Estudos da *Performance*, abordados pelas áreas da filosofia, sociologia, antropologia, linguística e ciências sociais.

4º ato: Uma performática social? Rompendo a quarta parede

Chegando ao quarto ato, há de se ter de antemão que as temáticas que foram previamente introduzidas e abordadas neste texto - Estudos Culturais, Permacultura e *Performance* - representam justamente os movimentos, passagens e atos sociais na história do último século, que ao dar continuidade a atos anteriores, geram um novo movimento, passagem, ato que repercutem e irão repercutir neste século, porém em diferentes frentes e facetas que com o tempo irão se legitimar.

³Trecho do texto feito por Renan Cevalles, para o curso “Performance art: perspectivas para além do corpo”, realizado nos meses de Março a Abril de 2016, no SESC Consolação, São Paulo. Disponível em:<<http://renanmarcondes.com/filter/fotoperformance/Sobre-About>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

A quarta parede no teatro é o que separa a plateia dos atores, é a posição de assistir passivamente o que se passa no palco. Sem necessidade de maiores explicações acerca desta definição, coloca-se até que ponto estamos ou iremos possivelmente romper esta parede, enquanto sociedade. A frequente alienação e a não interferência real no que está sendo feito, ou mesmo uma redenção e submissão com o que se assiste diariamente, são reflexões possíveis acerca do que se vive hoje e do que se pode mudar ou não, dentro e fora das cidades, dos palcos e “vitrines” do mundo. Segundo Guinsburg, o ato teatral primeiramente foi enunciado como “um ser atuando no tempo-espaço” (GUINSBURG, 2002, pg. 252), tendo assim uma determinação espacial e temporal enquanto premissa da linguagem teatral, porém também estabelece-se, assim, a tênue linha entre arte e vida, ao pensar em um ser que atua no tempo e no espaço, pode-se igualmente fazer referência a um ato cotidiano, a exemplo de uma pessoa atravessar a rua. Segundo Guinsburg, a diferença está na *natureza da intenção*. Refletindo sobre a metáfora contida na conceituação, cabe entender também que os atos mudam quando o local das ações muda também.

Atualmente a Cidade de São Paulo, enquanto cidade global, cosmopolita e capital econômica de um dos principais países em desenvolvimento, Brasil, reúne cerca de 35 grupos e instituições de Permacultura que trabalham, atuam e intervêm diretamente na cidade, em seus moradores e na cultura e política urbana. Seja por meio de cursos como o PDC - *Permaculture Design Course*, promovido pelo Instituto Casa da Cidade, por oficinas e *workshops* de Permacultura promovidos pela UMAPAZ (Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz), por intervenções nas periferias e favelas da Cidade pelo Coletivo Permaperifa ou por ações de venda, ensino e *workshops* de composteiras domésticas pela Morada da Floresta, entre outras ações, verifica-se que São Paulo, enquanto “vitruve” para a América Latina, está cada vez mais buscando enfrentar o paradigma da alta desigualdade social e econômica, além de superar traços do colonialismo econômico e cultural, da servidão, do racismo, da desigualdade de gênero e do autoritarismo, por meio de práticas de Permacultura, que não só resgatam a relação

do dia a dia com a natureza, como também estimulam valores de colaboração, cooperação mútua, conexão inter e intrapessoal, compartilhamento de saberes, técnicas e de diferentes excedentes, além de promover, ainda que indiretamente, acesso aos direitos de saúde, educação, cultura e lazer para todos.

Vemos, assim, que tanto os Estudos Culturais, como a Permacultura e a *Performance*, previamente introduzidos e discutidos neste ensaio, sofreram mudanças em relação ao seu contexto original a partir do momento em que passaram a ocorrer justamente neste recorte urbano e que, assim, acabam por propor, direta e indiretamente, um fenômeno ambiental sócio performático, mostrando que a relação com o meio ambiente está cada vez mais integrada ao nosso dia a dia e ganhando cada vez mais importância nos debates e políticas urbanas e globais. Se o maior recurso das cidades são as pessoas e se hoje, cada vez mais pessoas buscam a Permacultura nos centros urbanos, conclui-se assim, que estamos presenciando uma transição no modo de vida urbano e da relação das cidades com o meio ambiente, em que a Permacultura pode representar a ferramenta chave para este novo caminho, cabendo, portanto, aplicar as referências, atos, passagens e fusões teóricas e intelectuais da contemporaneidade na realidade prática atual, assim como seu inverso, a fim de, no processo, estabelecer novos horizontes, que darão também origem a novos estudos.

3.2. EM MEIO AO MEIO URBANO: URBANIDADE E PERMACULTURA NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

O mundo urbano, historicamente, pressupõe a imigração: é feito de pessoas que vem de fora. Carrega também em seu cerne, um peso do colonialismo, etnicidade e racismo. Cidade como espaço de produção e troca entre realidades sociais, frente a sua dimensão de elemento social integrador pelo fato e ato de estar entre, por formar um meio social. Segundo colocações e reflexões feitas em aulas do Professor Jaime Oliva (Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 2016), a cidade em si tem vida, por meio de uma dinâmica transformadora, pois por ainda que tenha sido criada com a finalidade de ser produto de um sistema de produção capitalista, a cidade em si, dentro de sua dinâmica e de seus atores sociais, se ajuda, tornando-se um fator de transformação, dentro de uma esfera social, que promove uma ruptura com estados subjetivos anteriores. A Cidade também pode ser entendida como um modelo concentrado onde se acumulam excedentes, no caso, as pessoas e seus bens, ao contrário da natureza, onde a visão ecológica demonstra que há processos concentrados, porém que também estão dispersos, garantindo assim a harmonia, o que traz luz à um cenário paradoxal e desafiador nas cidades e, conseqüentemente, ao meio ambiente, onde seu maior recurso são as pessoas e sua maior ameaça também.

Compreendendo a cidade como ambiente interacional, a presente passagem visa discutir sobre relações entre os espaços da cidade e seus habitantes na atualidade por meio de um breve levantamento acerca do histórico de desenvolvimento e urbanização de São Paulo para que, em paralelo, seja possível refletir acerca da Permacultura como um possível fator de re-inclusão e ocupação dos espaços urbanos e públicos da Cidade pelos seus habitantes, por meio do fortalecimento de vínculos de pertencimento, verificando-a, assim, como uma práxis ambiental com alto potencial de estímulo e de reafirmação das relações humanas entre os espaços na Cidade de São Paulo, tal como elemento de urbanidade.

O desenvolvimento histórico de São Paulo se iniciou desde sua legitimação enquanto cidade, em 25 de Janeiro de 1554, porém foi a partir de 1890 que houve uma explosão demográfica que alterou para sempre a funcionalidade de seus espaços e a convivência entre seus habitantes. Segundo dados disponibilizados na disciplina cursada no primeiro semestre de 2016: *A Urbanidade e a Imagem da Metrópole de São Paulo como fatores de sua Produção e de sua Interpretação* (Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo - IEB USP, 2016), em 1893 havia 60 mil habitantes na Cidade e após esta década o crescimento populacional ocorreu por multiplicação. Até esta última década do século XIX, a mancha urbana era compacta e tinha uma expansão contínua, o que ocasionava uma densificação e compacidade no meio urbano, promovendo uma cidade “mista”. Após a explosão demográfica da virada do século, a Cidade de São Paulo passou por um processo de descompactação e espraiamento, levando ao declínio do centro da Cidade. A perda de contato com o outro, que surge a partir deste momento, foi um dos elementos chave para a perda da urbanidade na Cidade de São Paulo, de uma cultura urbana de troca, onde grupos sociais e culturais se encontravam e relacionavam nos espaços da Cidade, cotidianamente e comumente, independente de suas diferenças. Até então o espaço urbano tinha um carácter misto, diversificado, com uma grande mistura e integração de tipos de moradias, misturas de atividades culturais e econômicas, porém foi a partir da descompactação da Cidade que ocorreu a especialização de ruas e regiões, devido às áreas traçadas e segmentadas pelos planos de Avenidas Prestes Maia e Ulhôa Cintra, priorizando a mobilidade por meio de automóveis em detrimento da circulação pelos espaços em escala humana, ou seja, como pedestres. Foi nas décadas de 1920 e 1930, que houve uma implantação viária violenta na Cidade de São Paulo, somados à industrialização das margens dos rios, que estabeleceu um sistema de anéis e radiais para promover uma melhor circulação no meio urbano, algo que, assim, legitimou e consolidou um modelo espontâneo que a Cidade já tinha assumido frente à cultura do automóvel, ao passo que se promovia o sistema de ônibus apenas para sustentar a circulação inter áreas. A relação dialética entre cidade e mobilidade é

resultante de um pensamento técnico pleno - que apenas considera o ser humano em sua funcionalidade - mover, comer e dormir - fazendo com que a cidade também seja funcional.

Em paralelo a isso, ainda na primeira metade do século XX na Cidade de São Paulo, foram os bairros e cidades jardins, promovidos pela Companhia City, que estabeleceram um padrão de moradia baseado em modelos europeus de casas amplas e com contato com a natureza, voltados para o higienismo, embelezamento urbano e para a configuração de espaços de baixa densidade geográfica, porém que em seu cerne carregavam a missão de controlar as áreas de expansão, segmentando e valorizando as áreas ricas da Cidade e, ao mesmo tempo, legitimando espacialmente a desigualdade sócio econômica da época, que só viria a crescer e se fortalecer ao longo do restante do século XX. Neste período, a venda incisiva destes bairros e regiões na Cidade, por meio de estratégias de *marketing* eficientes, favoreceram diretamente uma sociedade de baixa urbanidade e segregadora, estabelecendo uma cultura espacial na Cidade de São Paulo.

Compreendendo a cidade como espaço de multiplicação, busca de contato, que supõe uma proximidade, uma anulação de distância, isso pode ser, segundo Jacques Lévy (1999), uma antítese de toda a vida social, uma vez que a própria divisão espacial e de segregação promove seu inverso, o afastamento. Dessa maneira, a relação de organização da Cidade e sociedade, por meio do estilo de seu compor e usufruir do espaço, acabam por estabelecer relações que se impõem, ao mesmo tempo em que exalta a posição central do espaço na vida dos homens. Segundo Oliva (2016) densidade e diversidade são fenômenos presentes na cidade, e em seu bojo está a urbanidade. Tendo em vista o conceito de urbanidade enquanto processo de interação e integração social no espaço, por meio das relações humanas presentes e potentes no meio urbano, dentro de uma noção que visa valorizar e promover o mundo vivido - trabalhando e refletindo acerca dos sistemas de normatização comunicativa, em que se entende norma como convenção social - uma cidade com urbanidade é símbolo de uma participação ativa na dinâmica social, por meio de uma maior coesão social, melhor convívio, favorecendo, também, o

fator de produtividade econômica. Ao passo que seu oposto, uma cidade sem urbanidade, pode levar a mais consumismo, a pessoas em busca de diferenciação com o outro, grupos que não se reconhecem, gerando mais conflitos e acentuando disputas espaciais, divisão e aversão cultural, resultando, dessa maneira, em uma cultura anti urbana que promove a cidade enquanto ambiente de disputa.

Destaca-se, entretanto, a vida pedestre como elemento constituinte de uma nova sociabilidade, como forma de apreender a cidade, como palco para a ocorrência de *serendipidade*, o encontro feliz e casual com algo inusitado. Segundo Oliva (2016), uma cidade com compacidade apresenta um regime de distância que está na escala humana, ou seja, é uma cidade apreensível pela forma pedestre e por transporte coletivo. Mas afinal, em São Paulo o planejamento urbano foi e ainda é feito pelo setor de construção civil, onde interesses privados acabam por nortear a distribuição espacial e o acesso à Cidade. Assim, diversos fatores de desigualdade são gerados, seja por especulação imobiliária, gentrificação - processo de especulação imobiliária e consequente inflação de produtos e serviços em uma determinada região ou bairro - ou pelo simples fato de hoje São Paulo ser uma cidade muito espalhada, o que acaba por impor um regime de distância além da escala humana, impactando, portanto, nas vivências dos e nos espaços urbanos, assim como na qualidade de vida de seus habitantes em meio à cidade.

Ainda segundo Oliva (2016), na década de 1920, a Cidade continha uma intensa vida cultural, sendo este um dos grandes atrativos para seu usufruto pelos novos moradores, que cada vez mais rapidamente se aglomeravam. Foram também os espaços de lazer e entretenimento na Cidade que favoreceram a aglomeração de pessoas, tornando-a um local de troca, de vida intelectual ativa e, consequentemente, palco de renovações e revoluções diversas. Porém, ainda sim, o processo de expansão de São Paulo reconfigurou a compacidade da cidade - acesso e circulação em escala humana, e foi justo a partir da descompactação da Cidade, de seu centro, da fragmentação de seu coração social e cultural, que se frustraram as expectativas sobre a possibilidade de uma expansão com urbanidade.

Uma narrativa segregacionista, de espacialidades concorrentes, entre urbanas e não urbanas, é o que acaba por se naturalizar no processo histórico da cidade.

Atualmente uma das principais lutas que existe é a luta pelo espaço, lugar, território, entendendo-o também dentro de sua dimensão simbólica, de espaço como extensão abstrata da superfície terrestre, dentro de uma esfera desigual. O centro de São Paulo por sua vez é um exemplo. Lugar indivisível e, em certa parte, abandonado, que ainda sim é palco para as relações conflituosas entre poder público e movimentos de moradia, que se articulam por meio de mobilização e subversão organizadas para obter locais de moradia no centro. À volta e o regresso ao centro de São Paulo evidencia a necessidade por uma nova relação com a Cidade, assim como com as contra culturas espaciais, enquanto alternativas de maior aderência que, além da esfera de moradia, também evidenciam outras ações que podem estimular novas relações com a Cidade na atualidade, que se iniciam no processo de reconhecer o outro e que, por consequência, promove uma troca cultural entre seus habitantes, algo que para ocorrer exige um mínimo de identificação com o outro e de abertura com o desconhecido.

Coloca-se então, os seguintes questionamentos: quais os valores das grandes cidades? A impessoalidade e o anonimato seriam parâmetros de uma sociedade que se desvela, dentro de um processo que estaria relacionado apenas e estritamente ao mundo do trabalho nas cidades, enquanto reconhecimento social e identidade cultural? Se o que temos por trabalho hoje não tem o mesmo peso de antigamente, sendo sustentado por valores e operações individualistas, a própria organização social da cidade fragmentou a sociedade, pois perdeu-se a construção de uma narrativa social? Segundo Sennett (1999) a cidade também é um operador social, não apenas passiva, mas que também recebe e induz ações, havendo, assim, uma complexidade da dinâmica social que opera para além do mundo do trabalho - as cidades também participam da construção social - muito mais complexa que as estruturas formais do sistema de produção capitalista.

Dessa maneira, a cidade como ator social opera e é operada. A desagregação e segregação é consequência e causa de uma cidade sem

urbanidade, sinônimo da inexistência de laços de solidariedade, de destinos compartilhados, devido ao caráter antissocial, sem convívio cultural e trocas sociais. Porém, se entre cidade e sociedade está a urbanidade, os espaços urbanos nos produzem, pois por meio dela, aproximando, relacionando e criando, a própria cidade solicita e produz necessidades, produz realidades novas a partir da intensificação de realidades diversas.

Frente ao atual cenário híbrido de realidades tão diversas presentes em um mesmo recorte urbano, no caso a Cidade de São Paulo, torna-se possível trazer a temática da Permacultura para o cerne da reflexão, enquanto elemento que tem o potencial de refazer laços urbanos. A Permacultura engloba técnicas ambientais milenares, como a bioconstrução, captação da água da chuva, compostagem, filtro biodigestores, agrofloresta entre outras técnicas, porém reunidas pela palavra *design*. O desenho do espaço, delimitando zonas de atuação e funcionalidade, mantêm em vista o ideal de realizar uma ação para mais de uma função, valorizando e otimizando os recursos naturais disponíveis no local, no caso da cidades: as pessoas. Assim, a Permacultura promove um conjunto de valores subjetivos, que vão além dos práticos já previamente estabelecidos. O trabalho colaborativo e cooperativo, o compartilhamento de excedentes, a troca de saberes somado à horizontalidade em planejamento e execução, a criatividade e sensibilidade espacial coletiva são alguns dos pilares de valores essenciais, caracterizando a Permacultura enquanto modo e filosofia de vida.

Como já defendido anteriormente, a Permacultura pode ser compreendida como um movimento que propõe uma nova práxis ambiental e social, por meio da composição e valorização de um conjunto de valores, ações e práticas “alternativas” e ainda sim ancestrais, que buscam a construção colaborativa de um espaço coletivo autossuficiente. Entretanto, grande parte do acesso à ideologias e práticas alternativas se encontram na cidade, no meio urbano, na convergência de atores sociais que compartilham novos valores e saberes. Assim, indivíduos que compartilham de diferentes interesses “alternativos”, modos de contestação, estranhamento e oposição, relacionados a uma contracultura posicionada frente às

imposições da ordem dominante, acabam por se contatar, organizar e promover novos movimentos, dentre eles, a Permacultura, enquanto forma de combater princípios do sistema capitalista que julgam estar errados.

Desta maneira, levanta-se o questionamento sobre quais as possíveis relações entre os valores da Permacultura com os da urbanidade, enquanto filosofia de vida e cultura urbana, do que a cidade deveria e poderia ser para seus habitantes? A integração de elementos, a busca por uma ação exercer mais de uma função, o ideal e ato de cuidar das pessoas, cuidar da natureza, compartilhar excedentes, assim como estudar a paisagem, trabalhando com as condições naturais e respeitando os elementos presentes, visando a mínima intervenção em prol de ciclos mais orgânicos, não poderiam ser, também, pilares para uma mesma construção social e cultural na Cidade de São Paulo?

Assim, as próximas etapas desta investigação, destinados às idas a campo, entrevistas, observações participantes e respectivas análises, pretende explorar mais e se aprofundar nestas perguntas e em outras que surgirem ao longo do processo.

3.3. O MEIO AMBIENTE E AS CIDADES: LAZER, IDEOLOGIA E PERMACULTURA

Para que seja possível analisar alguns aspectos centrais da Permacultura, enquanto um possível fenômeno sociocultural, o presente item destinou-se a evidenciar conceitos e estabelecer conexões entre as áreas de estudo das ciências sociais e o objeto de estudo desta pesquisa: a Permacultura. Por meio de questionamentos baseados nas problemáticas ambientais globais e urbanas locais, buscou-se evidenciar também traços culturais, enquanto convenção social contemporânea, a fim de exaltar possíveis vestígios teóricos sobre o meio ambiente enquanto fator determinante para o real acesso e contato do indivíduo com o lazer, enquanto tempo livre de desenvolvimento e expansão do mesmo e, conseqüentemente, da sociedade. Buscando também discutir alguns traços da prática da Permacultura, destaca-se como o ensino e aprendizagem ativa ocorrem nesta prática, assim como a integração dos tempos sociais, onde o trabalho está atrelado a um contexto de compartilhamento e divertimento, e onde os momentos de tempo livre acabam tendo também serventia para a reflexão teórica das ações realizadas em “período de trabalho”, promovendo, portanto, o ato integrado de um fazer manual e intelectual, que também rompe possivelmente com a divisão dualista de tempo de trabalho e tempo liberado, pois promove a integração qualitativa entre ambos. Assim, relacionando a Permacultura com temas ambientais, sociais e culturais surge, portanto, um movimento em busca de novos modos de vida, mais sustentáveis e humanitários, que ocorre por meio do processo de aprendizagem coletiva e colaborativa, tal qual a educação informal e não formal, conceituadas por Gohn (2006) como aquela educação que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. Considerando as práticas Permaculturais, é possível perceber como a Permacultura também relaciona e representa uma tendência de um segmento da

população urbana, neste caso a do Município de São Paulo, em aderir outros hábitos de vida, mais saudáveis e sustentáveis, mesmo frente às “imposições” e barreiras do sistema de produção capitalista pós-moderno, entendido aqui como a lógica que exalta o capital monetário, a produção industrial, o consumo em massa e, conseqüentemente, a máxima extração dos recursos naturais.

Fazendo-se valer de autores como Friedmann (1968), que discute acerca da divisão e uso dos tempos sociais, é possível perceber como o campo complexo e denso do lazer se expande para além dos muros da divisão dicotômica do tempo de trabalho e do controle da *mass media* – mídia de massa, enquanto canais de comunicação veiculados em grande escala e muitas vezes com conteúdo tendencioso e/ou manipulador - pois ele está atrelado a toda uma dinâmica social global, tornando-se inseparável da sociedade e representando, ao mesmo tempo, o aspecto mais libertador da e para a mesma, pois, assim como defende Friedmann, o lazer é essencialmente liberdade. Diferentemente do que a Indústria Cultural apresenta enquanto lazer, como entretenimento e consumo alienado de bens culturais, o lazer é o cenário onde identidades afloram, ideologias podem ser compartilhadas livremente e onde novos posicionamentos sociais, políticos e culturais ocorrem, enquanto parte do processo de emancipação que o lazer promove, promovendo uma

estrutura e o processo das diferentes trocas de bens materiais, de serviços e de símbolos entre diversas categorias de sujeitos e o modo como acontecem aí ações e reações de atribuição de nomes, de títulos de determinação de semelhanças e diferenças (...).A partir do que eles simbolicamente determinam.” (BRANDÃO, 1986, p. 38)

O lazer então é o espaço de encontros e trocas culturais, de identidades diversas que, conectadas, ampliam ambos horizontes. Compreendendo, de antemão, a identidade como, além de seus limites étnicos, mas também como “o sentimento pessoal e a consciência da posse de um *eu* (...) (BRANDÃO, 1986, p. 37), onde os acontecimentos e experiências acumulados ao longo da vida do indivíduo lhe darão uma formação simbólica, subjetiva e imaterial, que apenas irá se materializar em seus pensamentos, ações e posicionamentos frente ao mundo

vivido. Porém vale destacar que esta não é ainda uma área conceitual claramente estabelecida, pois, ainda segundo Brandão (1986) não é fácil separar a dimensão individual da construção e do exercício cotidiano da identidade sua dimensão social, ou mesmo de suas várias dimensões sociais e socialmente simbólicas, onde “as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro (...) são, mais do que isto, não apenas o produto inevitável da oposição por *contraste*, mas o próprio reconhecimento social da *diferença*.” (BRANDÃO, 1986, p. 42). Assim, a identidade enquanto, construção simbólica, assim como define Ortiz (1985), está isenta de julgamentos sobre ser verdadeira ou falsa, pois não há uma identidade autêntica, mas “uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos” (ORTIZ, 1985, p. 8). Compreendendo a complexidade do que é a identidade, há de se colocar também o que é a ideologia, que pode ser inicialmente conceituada segundo Chauí, onde

Um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tomar as idéias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais idéias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as idéias elaboradas. (CHAUÍ, 1980, p.5)

Respeitando também as diferentes colocações históricas abordadas sobre esse tema, acredita-se que a ideologia perpassa e ultrapassa as características de uma classe ou mesmo de uma dominação política e estatal, pois pode simbolizar o conjunto de crenças e valores que o indivíduo se posiciona para o mundo, estando, portanto, diretamente relacionada também com sua identidade. Assim, a construção simbólica vivenciada reflete o posicionamento em nível pessoal, em identidade, ou em nível coletivo, em ideologia. Pois bem, após o breve levantamento conceitual sobre educação informal e não formal, lazer, identidade e ideologia, faz-se necessário questionarmos qual momento histórico é o nosso hoje? Quais são os vestígios mais profundos e superficiais de nossa sociedade hoje e o que isso irá nos acarretar? Assim como também é válido nos questionarmos como chegamos até aqui e se estamos realmente satisfeitos com isso. Os avanços tecnológicos provenientes das revoluções industriais provocaram mudanças bruscas no modo de

vida social e cultural nas últimas décadas e atualmente, a sociedade de rede compartilha problemas centrais, que não pertencem a perímetros geopolíticos, mas limites de sobrevivência e bem viver e é nesse contexto que a Permacultura surge, assim como já discutido nos capítulos anteriores, e ainda sim, se mantém em grande consolidação e rápida expansão. São pessoas, indivíduos, grupos, que, partindo de suas vivências e construções simbólicas, optaram por um modo de vida integrado, seja em práticas cotidianas, seja em relacionamentos interpessoais, seja com o meio ambiente, enquanto única plataforma de suporte para a vida, ou mesmo em demais aspectos da prática. Suas diretrizes se baseiam nos princípios éticos que norteiam as ações dos indivíduos que com ela se identificam, gerando, portanto, uma convenção sobre ideal e prática, pois explicam e dialogam com a realidade atual, ao passo que também dependem dela para fazer sentido.

Gadotti (2006) reflete como as faculdades do homem devem ser desenvolvidas em todos os domínios da vida social, uma vez que “o trabalho constitui valioso instrumento de formação técnico-científica e cultural desenvolvendo o sentido da responsabilidade social.” (GADOTTI, 2006, p.37), e citando Gramsci⁴ (1968, p.77 apud GADOTTI, 2006, p 36), o autor coloca que a revolução que há de ser feita é de caráter intelectual e moral, concebendo a dialética – enquanto prática questionadora e contestadora - como uma “filosofia da práxis”. A Permacultura, enquanto conjunto de práticas e valores, tem significado e gera pertencimento para seus envolvidos, perpassando pelos domínios da vida social e se destacando, em âmbito global, como uma revolução silenciosa, que se sustenta na empatia e no cooperativismo, enquanto conexão de trabalho com divertimento, desenvolvimento e descanso ativo, fundada em bases ideológicas e que envolve traços de identidade e reconhecimento, configurando um movimento de contra cultura ou cultura alternativa, que resulta em uma ação, direta e indireta, de resistência ao sistema de produção capitalista.

⁴ Antonio Gramsci. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1968.

4 PLANTANDO A SEMENTE

4.1. A PESQUISA

Partindo do problema central em verificar a ocorrência de um fenômeno sociocultural advindo da Permacultura na sociedade e, mais especificamente, no recorte urbano do Município de São Paulo, a presente investigação consiste em uma pesquisa qualitativo-exploratória, considerada como um tipo de pesquisa que se destina a descobrir, descrever ou mapear padrões de comportamento em áreas ou atividades que não foram previamente estudadas (VEAL, 2011), tendo como objetivo geral identificar possíveis identidades presentes em organizações e grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo. A metodologia utilizada baseou-se inicialmente na realização de uma revisão bibliográfica sobre a Permacultura, utilizando tanto autores fundadores como Bill Mollison (2002), David Holmgren (2013) tanto autores brasileiros como Silva (2013) e Ferreira Neto (2017) que discutem o tema em suas pesquisas acadêmicas. O arcabouço teórico dos Estudos Culturais também foi discutido a partir de autores como Raymond Williams (1958), Stuart Hall (2013) e Amílcar Cabral (1984). A discussão acerca da temática urbana, de cidade, espaços públicos e lazer, valeu-se das ideias de Jaques Lévy (1999), Richard Sennett (1999), Friedmann (1968), entre outros. Posteriormente realizou-se a composição do quadro de Estado da Arte da Permacultura no Brasil, visando compreender em quais linhas de pesquisa e metodologias o tema vem sendo abordado a nível nacional.

Como forma de captar e compreender particularidades de cada organização, assim como analisar identidades e traços de grupos de Permacultura no meio urbano, utilizou-se a observação participante, registrada por meio de diários de campo, e a realização de entrevistas semiestruturadas abertas direcionadas aos atores destas organizações e ao público externo a estas, identificados como relevantes para a pesquisa. Para atender ao primeiro objetivo específico estabelecido - Identificar as regiões do Município de São Paulo em que grupos e

organizações de Permacultura ocupam e atuam, quais as consequências em seu entorno e como dialogam com o meio urbano, ou seja, que ações são projetadas do meio urbano e quais as demandas que provêm dele - foram feitas buscas em canais e *sites* da *internet*, além de idas à campo, onde se estabeleceu contato com as organizações e entidades, a fim de elaborar uma relação geral com todos os dados encontrados sobre as organizações e grupos de Permacultura identificados em São Paulo. Todos os grupos e instituições que foram visitados, foram também registrados por meio de material audiovisual e observação participante, porém os selecionados para a realização da entrevista semiestruturada aberta (seguindo o roteiro de entrevista previamente elaborado do item 4.2), foram selecionados com base em ter como amostra, para fins desta pesquisa, uma organização ou grupo de cada categoria definida no levantamento feito anteriormente: Instituto / Associação / ONG; Empresa; Coletivo / Consultoria; Espaço/Gestão Pública; Centro cultural, comunitário e/ou de ensino; Comunidade virtual) analisando assim a natureza de cada tipo de empreendimento, e também um de cada região/zona do Município de São Paulo, buscando compreender como cada um repercute em seu entorno. Foi considerada também a Zona Virtual, enquanto área não física de contato, troca de saberes e promoção de atividades. Os roteiros das entrevistas semiestruturadas abertas, realizadas com organizações e grupos selecionados, foi baseado em oito perguntas modelo, iguais para todos os entrevistados, de caráter simples, o que resultou, posteriormente, na composição da análise comparativa e qualitativa dos dados obtidos, satisfazendo o segundo objetivo específico desta pesquisa: verificar a ocorrência de um fenômeno sociocultural ambiental e a existência de uma identidade cultural compartilhada entre atores de grupos e organizações de Permacultura presentes e atuantes no Município de São Paulo. Frente aos objetivos específicos estabelecidos, as hipóteses sugeridas foram:

1ª Hipótese: As organizações e grupos de Permacultura estão distribuídos fisicamente nas cinco zonas do Município de São Paulo - Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro - atuando com diferentes focos, desde o ramo empresarial até mutirões de

voluntários em áreas periféricas, tendo suas ações diretamente ligadas a região em que estão inseridos e o público e demanda que se apresenta.

2ª Hipótese: Os atores envolvidos com ações, projetos e ensino de Permacultura no Município de São Paulo evidenciam valores e identidades culturais em comum que promovem e repercutem o saber desta cultura alternativa e contracultura espacial, fazendo com que eles se tornem agentes político ativistas dentro de um fenômeno sócio cultural ambiental.

4.2. ROTEIROS DE ENTREVISTAS E IDAS À CAMPO

Visando clarear quais pontos deveriam ser explorados por meio das entrevistas e idas à campo, foram estabelecidos blocos temáticos de acordo com os objetivos de análise que esta pesquisa qualitativa exploratória buscou investigar, sendo eles:

Bloco 1 – Histórico e contextualização;

Bloco 2 – Política e economia;

Bloco 3 – Cidade e meio urbano;

Bloco 4 – Identidades e valores;

Bloco 5 – Rede de comunicação, cooperação e colaboração;

Bloco 6 – Ensino e aprendizagem;

Bloco 7 – Desafios e oportunidades;

Bloco 8 – Relato pessoal – registro áudio visual.

Assim, o roteiro de perguntas foi elaborado tendo em vista atender cada bloco temático, por meio de uma pergunta chave para cada, utilizadas nas entrevistas semi estruturadas abertas, conforme estão listadas abaixo:

1 - Como, quando e em qual contexto surge o projeto-organização?

- 2-** Como o projeto-organização entende e se relaciona com os campos de política e economia?
- 3 -** Quais são as relações, interações e influências do projeto-organização com a cidade e meio urbano? E o seu inverso?
- 4 -** Quais os valores e princípios do projeto-organização? Como se identifica e como é identificado?
- 5 -** O projeto-organização se relaciona com outras organizações? De que forma, com que frequência e por quais meios?
- 6 -** O projeto-organização trabalha ou se relaciona com o ensino e aprendizagem de Permacultura? Se sim, de que forma, com que frequência e por quais meios?
- 7 -** Quais as dificuldades e desafios que o projeto-organização enfrenta ou já enfrentou? Quais as possibilidades e oportunidades potenciais?
- 8 -** Qual poderia ser a frase chave do projeto-organização?

Por limitação de tempo para a coleta e análise de material, optou-se por escolher uma organização em cada área da cidade para a realização de ida a campo e entrevista, como maneira de representar cada zona (Norte, Sul, Leste, Oeste e Centro) na composição de um panorama geral da Permacultura na Cidade, além de considerar também uma organização da Zona Virtual, tendo em vista à importância, influência e atuação desta Zona no movimento de Permacultura no Município de São Paulo. As organizações também foram selecionadas por, preferencialmente, pertencerem a diferentes categorias - Instituto - ONG; Empresa - Consultoria; Coletivo - Associação; Espaço - Órgão Público; Centro Cultural, comunitário e/ou de ensino; Comunidade Virtual - Site. O roteiro foi elaborado tendo em vista orientar os tópicos de conversa e discussão com os entrevistados, com média de duração esperada de 20 a 30 minutos por entrevista.

4.3. IDAS A CAMPO

O agendamento das entrevistas foi feito por *email*, onde também foi apresentado a ideia do projeto de pesquisa, assim como o formato em que deveria ser realizada a entrevista: com coleta de áudio da entrevista, imagens do local e do entrevistado. A média para o procedimento de primeiro contato, resposta e respectivo agendamento teve média de 2 semanas entre as 6 organizações escolhidas para amostra. Todas as entrevistas realizadas e coleta de material foram precedidas de termo de consentimento livre e esclarecido, além de termo de concessão de imagem e voz, cujos modelos se encontram no apêndice D.

As 6 idas à campo e entrevistas foram realizadas no mês de Abril de 2018, com as respectivas organizações e espaços, cujos detalhes da realização de cada entrevista seguem descritos no quadro a seguir:

Quadro 4.1. - Detalhes de realização de entrevistas

Data	Organização	Entrevistado	Zona	Categoria
12.04.2018	Pra Melhor Ambiental	Fernando Leme	Virtual	Consultoria
16.04.2018	Arboreser	Julhiana	Norte	Empresa
17.04.2018	Vila Itororó	Diogo Viana	Centro	Centro Cultural
19.04.2018	Quebrada Sustentável	Vinicius Moraes	Leste	Associação / Coletivo
21.04.2018	UMAPAZ	Agni	Sul	Órgão Público
27.04.2018	Casa da Cidade	Marjory e Andressa	Oeste	Instituto

Fonte: Bárbara Machado Mazzetti, 2018.

Todas as entrevistas foram realizadas em dias diferentes, preenchendo de 2 a 4 horas do período da manhã ou tarde, variando com o horário acordado anteriormente. As entrevistas em si tiveram duração média de 40 minutos, onde algumas duraram 30 minutos e outras 50 minutos e o restante do tempo foi relativo a deslocamento até o local, coleta de imagens e ajustes para a entrevista.

Três pontos da realização das entrevistas que devem ser exaltados são:

- A primeira entrevista que foi realizada foi com a organização Pra Melhor Ambiental, pertencente a Zona Virtual, e que sugeriu a UMAPAZ como local de encontro para a realização da entrevista.
- A última entrevista, realizada no Instituto Casa da Cidade, foi realizada com duas pessoas: Marjory - representante da Casa da Cidade, e Andressa - representante do Coletivo Permasampa e responsável pelas principais ações de Permacultura desenvolvidas no Instituto.
- A entrevista feita com Agni, na UMAPAZ, é referente às impressões e pontos de vista dele enquanto pessoa, profissional, funcionário e colaborador do espaço e não representam a posição oficial da UMAPAZ, enquanto departamento da Secretária do Verde e Meio Ambiente do Município de São Paulo.

4.4. RESULTADOS OBTIDOS

As informações, dados e relatos passados pelos entrevistados foram de grande valia para esta pesquisa, gerando um conteúdo crítico muito interessante em cada resposta, onde em algumas perguntas muitos relatos se assemelham, enquanto em outras, devido às particularidades de cada organização, em muito se diferenciam. Visando a descrição qualitativa dos resultados obtidos em prol da composição de um panorama crítico sobre o material coletado, foi elaborado um quadro de análise objetiva, reunindo os blocos temáticos que originaram as 8 perguntas da entrevista semiestruturada aberta, realizada com as organizações Pra Melhor Ambiental, Arboreser, Vila Itororó, Quebrada Sustentável, UMAPAZ e Instituto Casa da Cidade, respectivamente.

Todas as entrevistas tiveram seus principais pontos registrados por manuscrito - e que estão disponíveis no apêndice K, mas também foram gravadas por áudio - as quais também foram transcritas e estão disponíveis para consulta nos apêndices E, F, G, H, I e J. As entrevistas também foram registradas por imagem, visando a produção de um minidocumentário a partir das informações de ações, relatos de atores e paisagens coletadas nas idas de campo e entrevistas realizadas, feito com o intuito de não só divulgar as ações e valores em que o movimento de Permacultura na Cidade se baseia, mas como também dar voz a alguns dos atores que promovem este fenômeno sócio cultural.⁵

No quadro a seguir foram destacados os principais pontos de cada resposta dada, considerando os 8 blocos temáticos de perguntas criados anteriormente. Optou-se por apresentar os resultados de uma maneira visual e objetiva a fim de facilitar a análise dos dados, tendo em vista a quantidade de informação coletada por meio do registro por áudio das entrevistas semiestruturadas abertas. A análise geral de respostas está a seguir, no item 4 desta pesquisa.

⁵ O minidocumentário não ficou pronto até a data da defesa da presente pesquisa, portanto não consta aqui como material produzido. Possivelmente estará disponível no *youtube.com* com o mesmo título da dissertação em breve.

Quadro 4.2. – Análise objetiva de respostas (Continua)

		Pra Melhor Ambiental	Arboreser	Vila Itororó
Bloco 1 – Histórico e contextualização	Surge em	2009/2010	2013	2013
	Contexto	Processo de conscientização pessoal e coletiva	Após final de outro projeto, necessidade de um espaço para continuar	antiga vila de moradores, 2003 é tombado - 2013 desapropriação e restauro
	Objetivos	Educação ambiental e permacultura - Formar multiplicadores	Reconexão; Espaço para compartilhar propostas de agricultura urbana	Devolver para sociedade um espaço cultural; ser um polo cultural e criativo
Bloco 2 – Política e economia	Política	Participação política - CADES, votações	Ativismo político; ocupação espaços públicos	Ser um espaço cultural para a população utilizar e se apropriar
	Economia	Prestação de serviços e promoção de cursos	Produção de alimento; atividades culturais; economia solidária e criativa	Espaço para aprender e se aprimorar; promoção de economia criativa e solidária
	Meio Ambiente e Permacultura	Educação ambiental, cursos, oficinas, serviços	hortas comunitárias; educação ambiental, cursos e oficinas	Restauro; ações ambientais diversas e há possibilidade para mais
Bloco 3 – Cidade e meio urbano	Cidade	Realização de cursos; prestação de serviços	Realização de cursos e oficinas; trocas	Proporcionar usos e vivências no espaço para a população
	Entorno	Realização de cursos; prestação de serviços	Espaço de referência; parceria para ações externas e em praças	Oficinas para moradores; reutilização de materiais
Bloco 4 – Identidades e valores	Princípios e Valores	Cuidar da terra, cuidar das pessoas, partilha excedentes	Reconexão; ser agente participativo; resgate da ancestralidade; PANC's; Resiliência	Espaço para a população ocupar livremente
	Como se identifica e é identificada	Palestrante, prestador de serviço - raro busca pelo "permacultor"	Espaço de novas possibilidades e do despertar da criatividade	Espaço para criação; Pessoas se sentem a vontade; identificação e curiosidade
Bloco 5 – Rede de comunicação, cooperação e colaboração	Cooperação e colaboração	Parcerias e trabalhos coletivos	Parcerias: Muda SP; SESC's;	No local: Parceria CCA; FABLAB; Coletivo Riacho; Clínica de Psiquiatria
	Frequência	50% das ações	Espaçada, por demanda e oportunidades	Frequente, por agenda de cursos e eventos
	Meios	Amigos, contatos, cursos, eventos, internet	Eventos, encontros, Redes sociais	Visitas, atendimentos, eventos
Bloco 6 – Ensino e aprendizagem	Promoção de ensino e conhecimento	Formação de permacultores em cursos, oficinas, palestras	Cursos, oficinas, palestras, encontros, visitas eco educativas	FABLAB - cursos e oficinas; possibilidade de ações no espaço; Oficinas na Cozinha pública
	Frequência	De acordo com demanda e oportunidades	Visitas ecoeducativas mensais e cursos a cada 3 meses + ações externas	Horário de funcionamento da Vila
	Meios	Contatos, meio digital, eventos	No próprio espaço; ações externas	Ações no próprio espaço
Bloco 7 – Desafios e oportunidades	Dificuldades e desafios	Recursos financeiros; mudança de paradigma; entendimento	Mudança de paradigma, aceitação, relação com o entorno	Recontratar oficinairos; pensar ações para o espaço
	Oportunidades	Tendência de crescimento; conscientização	Tendência de crescimento; conscientização; hortas comunitárias; ser suporte de insumos	Restauro; ações e usos futuros no espaço
Bloco 8 – Relato pessoal	Frase chave / Ideia central	"Ensinar o sistema a sair do sistema, usando o sistema... mas usando sem abusar né"	"Espaço para reconexão, criatividade e resiliência em prol da abundância"	"Espaço para e da sociedade, para ser ocupado e promover criação e libertação."

Quadro 4.2. – Análise objetiva de respostas (Fim)

		Quebrada Sustentável	UMAPAZ	Casa da Cidade	Permasampa
Bloco 1 – Histórico e contextualização	Surge em	2014	2005	2000	2015
	Contexto	Demanda da população local; viveiro de mudas e horta; Projeto de Instituto NUA para ser Ponto de Cultura	Inovar em educação ambiental; retomar um espaço da Secretária do Verde e Meio Ambiente; Carta da Terra, ECO92	Ponto de encontro para debates e discussões políticas públicas e progressistas	Surge com a criação do PDC na Casa da Cidade - por demanda social
	Objetivos	Centro de trocas, cultura, educação ambiental; melhorar área do CDHU e entorno	Universidade aberta para ações de meio ambiente e cultura de paz; É departamento da Secretária Municipal do Verde e Meio Ambiente	Discutir a cidade e suas gestões; discutir urbanismo, meio ambiente, cultura	Promover PDC's com preços acessíveis e difundir Permacultura na Cidade; PDC's com aulas teóricas e práticas
Bloco 2 – Política e economia	Política	Verba pública, participação em conselhos, editais e bolsas de Secretárias; Permacultura na periferia é ato político	Educação ambiental e políticas públicas de meio ambiente	Permitir discussões e encontros de pessoas de diferentes áreas da cidade	Promover capacitação e difusão da Permacultura na Cidade; ativismo político ambiental
	Economia	Economia solidária, colaborativa e criativa	Promosão de discussões sobre economia solidária, criativa e verde; Influência na compra de produtos mais sustentáveis pelas Secretárias	Promover debates, discussões, reflexões e políticas públicas; economia solidária, criativa, verde	Trazer e promover soluções ecológicas e sustentáveis; conectar pessoas, feiras; aulas do PDC
	Meio Ambiente e Permacultura	Regenerando a terra, as relações, mudando paradigmas	Educação ambiental, políticas públicas, centro cultural e disseminação	Trazer outro olhar para a ações na Cidade em urbanismo e meio ambiente	Capacitar novos permacultores; eventos, encontros; mutirões
Bloco 3 – Cidade e meio urbano	Cidade	Referência para outros projetos de permacultura periferias; participação em ações externas	Atuação no campo das ideias; Relação natural e essencial com a Cidade e espaços públicos	Público de toda a Cidade; ponto de referência para ativismo político	Atua em diferentes áreas da Cidade e periferias
	Entorno	Marco para o bairro; regeneração de pessoas, relação de embelezamento	Público próximo tem mais acesso; Ações no local e nas pontas por meio multiplicadores	Ponto de referência político; encontro de pessoas de diferentes áreas da Cidade	Aulas teóricas do PDC no Instituto Casa da Cidade e práticas fora; troca de saberes
Bloco 4 – Identidades e valores	Princípios e Valores	Cuidar da terra, cuidar das pessoas e partilha justa; Recorte periférico; Transição nas relações de poder - mais horizontal	Cultura de paz; educação ambiental; Promoção de práticas integrativas e capacitação de multiplicadores; conexão com o meio ambiente	Discutir políticas públicas, promover conhecimento, trocas e saberes	Promover autonomia, descentralização, reconexão, conexão e cuidado; cuidar da terra, cuidar das pessoas e partilha justa
	Como se identifica e é identificada	Visto como viveiro escola; espaço de transição para permacultura	Como um laboratório; canal de comunicação / interface entre poder público e sociedade civil;	Espaço para promover debates, seminários, encontros para falar de política, gestão e ações de nível municipal até nacional	Reconhecimento e troca de saberes e técnicas; promove pertencimento, mudança de paradigma, reconexão, ver novas perspectivas
Bloco 5 – Rede de comunicação, cooperação e colaboração	Cooperação e colaboração	Parcerias: Secretárias, Rede Permaperifa; MUDA SP; CDHU. Associação de agricultores da ZL; CREM, GAU,	Demandas e público alvo de outras Secretarias; Parcerias com instituições da sociedade civil e ONG's	Permasampa, Jardim Damasceno, Quebrada Sustentável, Casa Ecoativa	Instituto Casa da Cidade, Jardim Damasceno, Quebrada Sustentável, Casa Ecoativa
	Frequência	CDHU - Diária; Ações externas: diversificada, por agenda	Diária	Cursos, tutorias, PDC's e Mutirões	Cursos, tutorias, PDC's e Mutirões - 1x ao mês
	Meios	Bolsas, editais; Serviços contratados; Eventos externos	Espaço físico da UMAPAZ	Presencial, mutirões, tutorias; redes sociais	Presencial, mutirões, tutorias; redes sociais
Bloco 6 – Ensino e aprendizagem	Promoção de ensino e conhecimento	Mutirão e vivências; Cursos; Ações e estrutura do local	Permacultura está dentro do conteúdo dos cursos, debates, palestras e atividades promovidos	Por meio do Permasampa - PDC	Relação direta com ensino e formação em permacultura: PDC
	Frequência	Bastante antes, hoje variado	De acordo com recursos disponíveis	2x ao ano - um a cada semestre	2x ao ano - um a cada semestre
	Meios	Ações no local, participação de eventos externos	No local ou fora, por oficinairos, voluntários e multiplicadores	Aulas no local e externas	3 semanas, uma a cada mês, de noite, com aulas práticas em áreas externas
Bloco 7 – Desafios e oportunidades	Dificuldades e desafios	Recursos financeiros; Relações de poder;	Recursos disponíveis; áreas de conhecimento; atender as pontas	Pouca ou nenhuma, apenas saúde financeira	Fazer PDC's em outras áreas da Cidade por meio de editais e reduzir custos do PDC
	Oportunidades	Potencial para ser um negócio social: café/padaria + ser um ponto de cultura, permacultura e turismo na periferia	Materiais online; ótima equipe; ser um laboratório; atender as demandas e se conectar com sociedade civil	Estrutura física para o PDC e atraís novos públicos; ser ponto de referência; Políticas públicas mais ecológicas	Grande potencial de educação e capacitação de agentes multiplicadores; promover cursos de aprofundamento
Bloco 8 – Relato pessoal	Frase chave / Ideia central	"Resistência é amor" - processo de determinação: resistir para transformar	"UMAPAZ é um laboratório que cria junto com a sociedade civil"	"Promoção de reflexão sobre a Cidade, sobre atuação política e quebra de desigualdades"	"Educação para autonomia e descentralização"

5 PERMANE (SENDO) EM SÃO PAULO

5.1. HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DE PERMACULTURA EM SÃO PAULO

Considerando os três primeiros blocos temáticos das entrevistas: Histórico e Contextualização, Política e Economia; Cidade e Meio Urbano, a partir das respostas obtidas e apresentadas no Quadro 3.4 – Análise objetiva de respostas, pode-se entender que frente ao surgimento de novas problemáticas ambientais, novas demandas, novas técnicas e discussões provenientes deste século, muito houve de semelhança em relação ao contexto ou motivação para o surgimento das organizações, onde o elo chave que conectou todos foi: a demanda coletiva pelo tema. Houve - e há - um público que, por meio da Permacultura, estava buscando se inteirar, participar e promover novas técnicas ambientais, ecológicas e sustentáveis, como no caso da Pra Melhor Ambiental e da UMAPAZ, ou se envolvendo em debates políticos sobre o que poderia ser feito pelo meio ambiente no meio urbano, como no caso do Instituto Casa da Cidade, sobre como recuperar antigos espaços e promover novos usos, como no caso da Vila Itororó, sobre como intervir ativa e politicamente nos espaços da Cidade, promovendo saúde e autonomia por meio de agroecologia, agricultura urbana e Permacultura, como nos casos do Arboreser e Quebrada Sustentável, e acima de tudo, como fazer com que as pessoas pudessem se reconectar à sabedoria ancestral da natureza e com si mesmos, explorando criatividade, autonomia e fortalecendo a coletividade por meio das práticas de Permacultura.

Considerando que a filosofia, técnica e discussão da Permacultura são recentes, assim como os paradigmas da abundância, da resiliência e da reconexão que ainda estão começando a ser absorvidos por parte da população urbana em suas atividades ecológicas e de meio ambiente, o próprio surgimento das organizações entrevistadas e consideradas como amostra, ocorreu nestas últimas décadas, entre 2000 a primeira e 2015 a última, indicando que o processo temporal em que a Permacultura vem se expressando e crescendo por meio destes espaços,

organizações e atores. Assim como Capra (2006) defende, a mudança de paradigmas requer uma expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar, mas também de nossos valores.

As organizações também se assemelham na maneira como interferem ou interagem com os campos de economia e política, sendo por meio de participação em debates políticos, votações, em CADES – Conselhos Municipais do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, como é o caso do Pra Melhor Ambiental, do Instituto Casa da Cidade e do Quebrada Sustentável, ou mesmo pela ação direta de ocupação de espaços públicos, como é o caso do Arboreser, ou pela ação institucional de promoção de cultura, conscientização do meio ambiente e ações educativas, como é o caso da Vila Itororó e UMAPAZ. Porém é interessante ressaltar que todas operam também por meio do campo da educação, promovendo oficinas, palestras, cursos, encontros, feiras de trocas acerca do tema da Permacultura, onde alguns ocorrem de maneira paga, como prestação de serviço, e outras de maneira gratuita e institucional, por meio do serviço público. Enquanto no campo da economia e meio ambiente, muito se assemelham também pela promoção da economia solidária, criativa, colaborativa e verde, por meio do incentivo ao consumo, compra e venda de produtos artesanais e não industriais, alimentos orgânicos e produtos de produtores rurais, visando fortalecer uma rede de consumo sustentável e que não gere tantos desperdícios e resíduos prejudiciais ao meio ambiente, além de também sempre incentivar a autonomia nos processos do dia a dia, por meio de hortas coletivas e comunitárias, multirões para bioconstruções e o compartilhamento de saberes. Considerando também que o próprio meio urbano imprime as limitações, por vezes deixando a autonomia dos grupos e ações de Permacultura em segundo plano, onde as pessoas envolvidas buscam fazer o possível e o que está ao alcance de ser feito por quem vive na Cidade e da Cidade.

Ainda sim, boa parte das ações e organizações de Permacultura seguem concentradas nas regiões Oeste e Sul da Cidade, o que destaca a dificuldade e possível oportunidade de desenvolver e promover ações de Permacultura nas outras áreas, porém sempre há a necessidade de considerar as particularidades e

necessidades de cada recorte geográfico, que carregam em si grandes diferenças de acesso, estrutura, recurso e até mesmo de demanda que busque os conhecimentos da Permacultura, por isso é tão importante a busca pela descentralização por meio do compartilhamento de saberes em Permacultura.

5.2. REDE DE COMUNICAÇÃO PERMACULTURAL: VALORES E IDENTIDADES EM COMUM

Considerando as respostas obtidas nos blocos temáticos 4, 5 e 6 - Cidade e meio urbano; Identidades e valores; Rede de comunicação, cooperação e colaboração - é possível afirmar que há uma rede de cooperação e colaboração que movimenta a Permacultura no Município de São Paulo. Os atores envolvidos, assim como as organizações representadas por eles, mostraram ações em comum, ou mesmo em conjunto, como é o caso do *PDC – Permaculture Design Course*, promovido pelo coletivo Permasampa no Instituto Casa da Cidade, ou mesmo pela Pra Melhor Ambiental que já sediou cursos na UMAPAZ, ou mesmo o Quebrada Sustentável que já foi base para tutorias do PDC do coletivo Permasampa e que também realiza atividades em diversos SESC's do Município, assim como o espaço Arboreser, que também realiza cursos, feiras, oficinas em SESC's e atua também nos espaços públicos da Cidade, no fortalecimento das hortas comunitárias. A pequena amostra de 6 das 38 organizações identificadas no levantamento feito indicam que, as organizações não só estão conectadas entre si, mas como circulam, atuam e ocupam a Cidade com as suas ações, indo para além de seu espaço físico e formando teias, redes de ações pela Cidade, além de estar fortalecendo os laços entre as pessoas envolvidas. Tal militância coletiva também é reflexo dos valores e princípios relatados nas respostas, que muito se assemelham, em, por exemplo, cuidar da terra, cuidar das pessoas e promover a partilha justa, como citado pela Pra Melhor Ambiental, pela Quebrada Sustentável e pelo Coletivo Permasampa, ou também pela busca da reconexão, no resgate da ancestralidade, no estímulo da criação, conscientização e capacitação das pessoas em prol de seres cada vez mais

participativos, como nos casos do Arboreser, Vila Itororó, UMAPAZ e Instituto Casa da Cidade. Tais valores e princípios também são reconhecidos pela comunidade e público que recebe as ações destas organizações, que portanto também são vistos como espaços criativos, políticos, de reconexão, de troca, de diálogo com o poder público e políticas públicas de meio ambiente.

Compreendendo que a Permacultura é uma filosofia composta por uma série de valores, princípios e técnicas, os atores e organizações envolvidas atuam diretamente com o campo da educação, pois operam na transmissão de conhecimentos desta filosofia, sendo este também um grande canal de conexão entre as organizações em si, que promovem oficinas, cursos, encontros, trocas e intercâmbios entre si, com frequências que variam em função de demanda e espaço físico, mas que não se dispersam e enfraquecem, pelo contrário, ocorre um efeito sistêmico de contaminação de ações, onde cada vez mais ações e atores entram em um círculo de ações compartilhadas. Vale ressaltar que os recursos financeiros também muitas vezes são provenientes das ações educativas promovidas e por isso o fortalecimento do todo acaba fortalecendo cada parte envolvida, tendo em vista um processo de retroalimentação como via para a autonomia financeira.

5.3. DESAFIOS E OPORTUNIDADES: PERSPECTIVAS DAS ORGANIZAÇÕES DE PERMACULTURA NO MEIO URBANO.

Considerando as respostas obtidas nos últimos dois blocos temáticos: Desafios e oportunidades e Relato pessoal – houve certa diferença entre relatos de dificuldades e desafios, pois onde para alguns a questão dos recursos financeiros, espaço físico e gestão não são problemas, como na Casa da Cidade, UMAPAZ e Vila Itororó, há locais onde isso é uma grande limitante, como no caso do Quebrada Sustentável. O entendimento e aceitação sobre a temática e proposta da Permacultura também pode ser considerada uma barreira, tendo em vista que o desafio na mudança do paradigma da escassez para o da abundância, a promoção de uma postura ativa, militante, criativa e resiliente também se torna difícil e pouco

aceita onde a relação com o próprio entorno pode ser desafiadora, como é o caso do Arboreser, do Pra Melhor Ambiental e Quebrada Sustentável. Por isso, as oportunidades e potencialidades estão no extremo oposto, pois há uma tendência de crescimento e expansão de ações e multiplicadores em Permacultura, há uma necessidade global por mudanças de hábitos e mais responsabilidade ambiental, de uma politização e apropriação de espaços públicos, porém que pode ocorrer desde que cada vez mais conhecimento seja compartilhado, para até mesmo além da área da Permacultura.

Quanto aos relatos pessoais – que estão disponíveis para consulta no apêndice E, a partir da página 114 - a Pra Melhor Ambiental acredita em “Ensinar o sistema a sair do sistema, usando o sistema... mas usando sem abusar”, o espaço Arboreser acredita que lá eles são um "Espaço para reconexão, criatividade e resiliência em prol da abundância", a Vila Itororó é "Espaço para e da sociedade, para ser ocupado e promover criação e libertação.", o Quebrada Sustentável acredita que "Resistência é amor" - processo de determinação: resistir para transformar, a UMAPAZ é “é um laboratório que cria junto com a sociedade civil”, o Instituto Casa da Cidade é um espaço "Promoção de reflexão sobre a Cidade, sobre atuação política e quebra de desigualdades" e o Coletivo Permasampa acredita na "Educação para autonomia e descentralização". Todos trazem um recado de “libertação” de algo que os aprisiona ou molda. Nesse contexto, algumas iniciativas tentam obter essa libertação mesmo amarradas no sistema e outras tentam se desvincular dele, como o caso explícito do Permasampa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Permacultura, enquanto cultura da permanência, representa para além de um conjunto técnico de princípios de planejamento no espaço, visando a otimização ecológica da ação humana sobre o meio ambiente, mas como também representa diretamente um conjunto de valores de respeito à natureza e às relações humanas. Resgatando a conexão e relação com o meio ambiente no cotidiano e, por consequência, a valorização dos saberes ancestrais, que somados a atuação política ativa de discussão e reformulação dos espaços e das relações de poder, a promoção de economia solidária, colaborativa e o compartilhamento de excedentes – desde alimentos até conhecimentos, faz com que a Permacultura seja um fenômeno sócio cultural que promove a resiliência – entendida para fins desta pesquisa como a capacidade de voltar ao estado de equilíbrio e crescimento mesmo em meio às adversidades -, seja no meio ambiente, nos espaços urbanos, nas relações sociais ou mesmo no modo de vida de cada indivíduo. Após praticamente 50 anos desde o surgimento do termo, na década de 1970, na Austrália, a Permacultura é um movimento que segue crescendo nos diversos ramos de atividade da vida humana, para além de sua aplicação inicial na agricultura. No Brasil, desde institutos especializados em atividades de ensino e aprendizagem de Permacultura, como o Instituto de Permacultura da Mata Atlântica – IPEMA, o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Serrado – IPEC, o Instituto de Permacultura da Bahia – IPB, entre outros a nível nacional, mas também as organizações e grupos de Permacultura que promovem e difundem os conhecimentos, técnicas, ações e valores no meio urbano, como no Município de São Paulo, fazem com que a Permacultura não só se expanda por meio das pessoas envolvidas, como também faz com que suas técnicas sejam experimentadas, aperfeiçoadas e adaptadas à cada localidade e suas particularidades de público e espacialidade.

Tendo o objetivo geral desta pesquisa baseado em compreender como ocorre a Permacultura em São Paulo, por meio das ações que são promovidas e dos valores que são compartilhados entre os atores envolvidos, foram estabelecidos dois

objetivos específicos, sendo eles: Identificar as regiões do Município de São Paulo em que grupos e organizações de Permacultura ocupam e atuam, quais as consequências em seu entorno e como dialogam com o meio urbano; e verificar a ocorrência de um fenômeno sociocultural ambiental e a existência de uma identidade cultural compartilhada entre atores de grupos e organizações de Permacultura presentes e atuantes no Município de São Paulo. As hipóteses sugeridas para cada objetivo foram confirmadas, por meio das ferramentas metodológicas utilizadas, constatando que as organizações e grupos de Permacultura estão distribuídos nas cinco zonas do Município de São Paulo - Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro -, porém ainda que estejam concentradas na Zona Oeste e Sul, há uma atuação diversificada, desde o ramo empresarial, organizações independentes, institutos, centros culturais, até mutirões de voluntários e coletivos em áreas periféricas, e suas ações estão diretamente ligadas à região em que estão inseridos, às particularidades de cada espaço e ao público e demanda que se apresentam. Ademais, há grupos e organizações de permacultura que estão presentes estritamente na Zona Virtual. Quanto ao segundo objetivo e respectiva hipótese, verificou-se que os atores envolvidos com ações, projetos e ensino de Permacultura no Município de São Paulo evidenciam valores e traços de identidades culturais em comum - compreendendo identidade cultural para fins desta pesquisa como a maneira e os valores com que o indivíduo ou grupo se reconhece e representa, seja por meio de ações práticas, colocações ideológicas ou representações artísticas - que promovem e repercutem o saber desta cultura alternativa, por meio da união de contracultura espacial, economia solidária e colaborativa, ativismo político e ecológico, fazendo com que eles se tornem agentes ativos política, ambiental e socialmente, imersos em um fenômeno sociocultural ambiental que eles mesmos promovem e aumentam a cada ação.

A metodologia consistiu inicialmente na realização de uma revisão bibliográfica clássica sobre a Permacultura, somada aos estudos produzidos no Brasil, possibilitando a realização do Estado da Arte do tema no Brasil. O arcabouço teórico dos Estudos Culturais também foi discutido a partir de autores como

Raymond Williams (1958), Stuart Hall (2013) e Amílcar Cabral (1984). A discussão acerca da temática urbana, de cidade, espaços públicos e lazer, valeu-se das ideias de Jaques Lévy (1999), Richard Sennett (1999), Friedmann (1968), entre outros, além de autores como Capra (2006), Chauí (1980) Ortiz (1985), Gohn (2006) e outros, que trazem luz à questões como a ecologia profunda, valores, paradigmas, ideologia e identidade, educação informal e não formal.

Para além das discussões teóricas promovidas e pontes estabelecidas entre autores e conceitos, também foi realizado o mapeamento dos grupos e organizações de Permacultura existentes e atuantes no Município de São Paulo, realizadas por meio de pesquisa *online*, que consistiu em identificar organizações e grupos de Permacultura existentes neste território urbano, e que posteriormente possibilitou a produção de um mapa virtual de Locais e Organizações de Permacultura em São Paulo, elaborado pela autora e disponibilizado na internet⁶, reunindo as 38 organizações, grupos, ações e movimentos de Permacultura que foram identificados entre os meses de Agosto de 2016 a Fevereiro de 2018. O mapeamento também viabilizou a aplicação de ferramentas metodológicas práticas, como a observação participante e a realização de entrevistas semiestruturadas abertas, feitas com 6 das 38 organizações e grupos identificados previamente, a fim de compreender como começaram, em qual contexto, quais são seus objetivos, ações e desafios, como se relacionam entre si, buscando verificar a existência de valores e princípios éticos, sociais e culturais compartilhados por estes. Assim, o mapeamento e ida a campo também possibilitaram verificar certas particularidades, orientações e restrições de como a Permacultura é exercida em cada região da Cidade. Todos os grupos e instituições que foram visitados, também foram registrados por meio de material audiovisual – o que possibilitou a produção de um minidocumentário sobre a pesquisa realizada - e observação participante, com registro em diário de campo. Para a realização da entrevista semiestruturada aberta, foram selecionados como amostra, para fins desta pesquisa, uma organização ou grupo de cada categoria,

⁶Disponível no domínio público virtual:

<https://pt.batchgeo.com/map/4a4859cea515c876bb098c889d515414>

analisando assim a natureza de cada tipo de empreendimento, e também um de cada região/zona do Município de São Paulo, buscando compreender como cada um repercute em seu entorno.

Por meio das entrevistas semiestruturadas foi possível discutir como a Permacultura ocorre no meio urbano e, particularmente, em São Paulo, trazendo-a para o cerne da reflexão, enquanto elemento que tem o potencial de refazer laços urbanos. O ato de estar e ser na Cidade por meio da Permacultura possibilita um estado de resiliência, ao estar conectado com a natureza no e do meio urbano, ao promover alimentação saudável, habitação integrada a paisagem, técnicas e tecnologias sustentáveis, além dos momentos de encontros, trocas, compartilhamentos e conexão entre pessoas, que sustentam a promoção de uma cultura permanente em todos os seus aspectos. A Cidade e sua urbanidade, por sua vez, enquanto lugar de encontro, sociabilidade, serendipidade – enquanto o encontro feliz e casual com algo inusitado – faz com que a Permacultura possa ser ainda mais potente para as pessoas envolvidas, uma vez que promove uma troca cultural e ecológica direta entre seus atores, algo que para ocorrer exige um mínimo de identificação com o outro e de abertura com o desconhecido. O ensino e aprendizagem ativa ocorrem coletivamente e dinamicamente nas práticas de Permacultura, assim como a integração dos tempos sociais, onde o trabalho está atrelado a um contexto de compartilhamento e divertimento, e onde os momentos de tempo livre acabam tendo também serventia para a reflexão teórica das ações realizadas em “período de trabalho”, promovendo, portanto, o ato integrado de um fazer manual e intelectual.

A existência de uma rede pragmática de contato, troca, ajuda mútua, compartilhamento de saberes, colaboração alimentar, energética e cultural, é o que sustenta e fortalece a Permacultura na Cidade. Justamente por meio das conexões entre diversas identidades culturais de atores envolvidos, das ações promovidas, áreas e comunidades que interagem, e da convergência entre pontos de ação e atuação, somados a sensibilização por meio da militância em busca da superação de velhos paradigmas, que a Permacultura vem, cada vez mais, resgatando e

recuperando a resiliência e harmonia com o meio ambiente por meio das pessoas, ainda mais nas sociedades urbanas.

Assim, ações e práticas de Permacultura desenvolvidas, coletiva ou individualmente, representam uma performática social, que busca um diálogo direto com o meio em que estão inseridas, onde o meio urbano representa um estímulo direto para a reformulação e adaptação de técnicas, além da formação de redes. Em função dos aspectos particulares que o Município de São Paulo apresenta, foi verificado que há cada vez mais grupos e organizações que trabalham ou dialogam com o tema da Permacultura, por meio de diferentes naturezas de projetos e/ou empreendimentos, e que estão cada vez mais se espalhando por todas as zonas da cidade, estabelecendo assim a ocorrência de um fenômeno sócio ambiental, com potencial libertador e emancipador, que promove um desenvolvimento urbano mais ecológico na Cidade e que é acessível a todos, seja ambientalmente, economicamente, sócio e culturalmente, ou mesmo politicamente, sendo cada vez mais coerentes e atualizados frente aos paradigmas de nosso tempo e que abrem cada vez mais possibilidades para pensamentos críticos, análises e pesquisas seja no campo da Permacultura, como em outras áreas do saber.

6.1. LIMITES E SUGESTÕES

Compreendendo as limitações metodológicas, de amostra e temporalidade da presente pesquisa, cabe ressaltar que, por exemplo, o levantamento de Estado da Arte em Permacultura, assim como o levantamento e mapa virtual dos grupos e organizações de Permacultura no Município de São Paulo são, ambos, materiais qualitativos que necessitam de periódicas atualizações, porém que, seguindo os métodos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa, poderiam ser feitos facilmente.

Considerando também a totalidade e diversidade de movimentos alternativos que buscam soluções mais ecológicas para os problemas urbanos, sociais, culturais e ambientais da atualidade, a presente pesquisa não quis colocar o tema da Permacultura como movimento único, mas sim integrado a um cenário que dialoga com demais movimentos, a exemplo dos *Transitions Towns*, *Slow movements*, técnicas de agricultura urbana, educação ambiental e outros movimentos socioculturais ambientais que buscam a superação e o aprimoramento de velhos paradigmas de ocupação e ação do homem sobre, para e com o meio ambiente. No caso, por limitações acadêmicas de escolha tema, recorte de objeto de estudo e tempo de trabalho, explorou-se mais a fundo o tema da Permacultura. Além disso, dentro do próprio recorte urbano escolhido, no caso o Município de São Paulo, ainda há diversos objetos de estudos, ou estudos de caso, que poderiam ser estudados mais a fundo, a exemplo da aplicação de técnicas como permeabilidade de solo, filtragem e captação de água, compostagem e agricultura urbana, bioconstrução e espaços coletivos de permacultura, educação ambiental e formação de permacultores, feiras de alimentos orgânicos e de promoção de agricultura familiar e assim por diante. Isso tudo buscando melhorar a qualidade dos assentamentos humanos em direção à sustentabilidade, que é justamente o cerne do que se prevê na permacultura.

Cabe ressaltar, também, que a nível global há movimentos sociais e acadêmicos legitimados de trabalhos em conjunto de comunidades em busca da

sustentabilidade local, como é o caso da Cidade em Transição de Brixton (CTB) ou mesmo da Universidade de Oxford, que tem um projeto oficial intitulado *Oxford City Farm*, e que anualmente promove a Real Conferência de Agricultura, evento acadêmico que tem como finalidade discutir modos de produção e promoção da agricultura orgânica, utilizando técnicas da Permacultura e outras áreas, a fim de combater a massiva degradação que a agricultura tradicional causa no meio ambiente e na saúde das pessoas, por meio do uso de agrotóxicos, por exemplo⁷.

Por fim, acredita-se que foi de extrema valia ter coletado material audiovisual das entrevistas semiestruturadas abertas, pois o material produzido em formato de minidocumentário possibilita que a pesquisa, o tema tratado, as pessoas envolvidas, ações desenvolvidas e valores compartilhados possam alcançar cada vez mais e novas pessoas, por meio do compartilhamento gratuito do mesmo nas mídias e tecnologias virtuais disponíveis, rompendo com possíveis “muros invisíveis de conteúdo” acadêmico que é produzido dentro das universidades e que, por vezes, pode ter sua circulação restrita a estes espaços. Um dos caminhos para a popularização e efetiva aplicação de conhecimentos gerados pela acadêmica para quem a sustenta, como no caso da Universidade de São Paulo.

⁷Mais informações disponíveis em:: <<http://www.oxfordcityfarm.org.uk/> e <http://www.oxfordrealfarmingconference.org/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

REFERÊNCIAS

- BELL, Braham. **The Permaculture Way: practical steps to create a self sustaining World**. London. Chelsea Green Publishing Company. 2005.
- BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CABRAL, Amílcar. “**La cultura, fundamento del movimiento de liberación**”. In: Colombes, Adolfo (comp.). **La Cultura Popular**. 4.ed. México: Premiá Editora , 1984, 137-145.
- CAPRA, Frijof. **A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CEVALES, RENAN. **Performance art: perspectivas para além do corpo**. São Paulo. SESC Consolação. 2016.
Disponível em: <<http://renanmarcondes.com/filter/fotoperformance/Sobre-About>>.
Acesso em: 10 mai. 2016.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.
- DAMIANI, A. As contradições do espaço: da lógica (formal) à lógica (dialética), a propósito do espaço. In: CARLOS, A.; DAMIANI, A.; SEABRA, O.(Org.). **O espaço no fim do século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 2001. p .48-61.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194
- FERREIRA NETO, Djalma Nery. **Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil**. 2017. 368 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Piracicaba, 2017. Versão revisada.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FRIEDMANN, Georges. **7 estudos sobre o homem e a técnica**. São Paulo: Difel, 1968.
- GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**. São Paulo: Cortez, 2006.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006. **Proceedings online**. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em <

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 10 mai. 2017.

GUEDES, José. **Um Zé da América: sobre ecologia e ativismo** [blog]. Visita ao antigo Instituto de Permacultura da Amazônia. 2014. Disponível em: <<https://umzenaamerica.wordpress.com/2014/06/02/visita-ao-antigo-instituto-de-permacultura-da-amazonia/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

HALL, Stuart. **Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais**. 2. ed. - Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HOGGART, R. (1957) **The Uses of Literacy: Aspects of Working-Class Life with special reference to publications and entertainments**. Londres, Chatto and Windus.

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. / David Holmgren; tradução Luzia Araújo. – Porto Alegre: Via Sapiens, 2013. 416p.

INSTITUTO DE ECOVILAS E PERMACULTURA DO CERRADO. **O IPEC** [site]. 2018. Disponível em <<https://www.ecocentro.org/o-ipecc/trajetoria>>. Acesso em 10 jun. 2018.

INSTITUTO DE PERMACULTURA E ECOVILAS DA MATA ATLÂNTICA. **Sobre o IPEMA** [site]. 2018. Disponível em < <http://ipemabrasil.org.br/#home>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

INSTITUTO DE PERMACULTURA E ECOVILAS DA PAMPA. **Sobre nós** [site]. 2018. Disponível em < <https://www.ipep.org.br/sobre-nos>>. Acesso em 10 jun. 2018.

INSTITUTO DE PERMACULTURA DA BAHIA. **UFBA Ecológica: Permacultura**. 2011. Disponível em < <http://www.ufbaecologica.ufba.br/programa.php>>. Acesso em 20 jun. 2018.

JENKINS, Joseph. **THE HUMANURE HANDBOOK: a guide to composting human manure**. 3rd edition, Grove City, PA 16127, 2005.

LÉVY, Jacques. **O Contato e o Afastamento**. Tradução de Jaime Tadeu Oliva. Capítulo 1 de Tourmant Géographique: Penser l' espace pour lire le monde (A Virada Geográfica: pensar o espaço para ler o mundo). Paris: Belin. p. 13-24.1999.

MOLLISON, Bill. **PERMACULTURE: A Designer's Manual**. 2.ed. Australia:Tagari Publication. 2002. Disponível em <

<https://docs.google.com/file/d/0BzsQQClGtr3WZDUxZjRlNGltOWNiNi00ZmQ2LWlyMDMtZTlxODZlODgwMDU4/edit>>. Acesso em 20 abr. 2018.

OLIVA, Jaime Tadeu; FONSECA, Fernanda Padovesi. O modelo São Paulo”: uma descompactação antiurbanidade na gênese da metrópole. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Universidade de São Paulo, São Paulo. n. 65,p. 20-56, dez. 2016.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEREIRA, C. O. **O que é contracultura**. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1986.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. En libro: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278.

REJOWSKI, M. (2010). **Produção científica em Turismo: análise de estudos referenciais no exterior e no Brasil**. *Revista Turismo Em Análise*, 21(2), p224-246. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v21i2p224-246>>. Acesso em 17 mai. 2017.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROMERO, Jordi. **El rebost de la ciutat. Manual de Permacultura urbana**. Barcelona: Fundació Terra, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988 *

SENNETT, Richard. **A Corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, Luis Fernando de Matheus e. **Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e Permacultura (uma mirada desde o cone sul)**, 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-07112013-113710/>>. Acesso em: 24 ago. 2015

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. 210 p.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo : Aleph, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

APÊNDICE A – Referências Bibliográficas do Estado da Arte em Permacultura

ALBANO, marisol ginez. **Círculos de permacultura' no contexto comunitário: desenho de um modelo aplicável à emergência de culturas sustentáveis.'** 01/07/2012 123 f. Mestrado em desenvolvimento e meio ambiente instituição de ensino: universidade federal do ceará, fortaleza. 2012.

BARBOZA, renato matos de lopes torres. **Estratégias, condições e obstáculos para implantação de técnicas mais sustentáveis no manejo da água em assentamentos rurais.** Caso: assentamento rural horto vergel "12 de outubro", mogi mirim - sp.' 01/08/2011 298 f. Mestrado em engenharia urbana instituição de ensino: universidade federal de são carlos, são carlos. 2011.

BARROS, bruna rosa de. **Permacultura e desenvolvimento urbano: diretrizes e ações para a sustentabilidade socioambiental em loteamentos de interesse social.'** 01/07/2008 190 f. Mestrado em dinâmica do espaço habitado instituição de ensino: universidade federal de alagoas, maceió biblioteca depositária: central - ufal. 2008.

BARROS, elaine franciely dos santos. **Avaliação do saneamento ambiental em assentamentos de reforma agrária utilizando o método de análise hierárquica de processos".'** 21/02/2014 190 f. Mestrado em engenharia do meio ambiente instituição de ensino: universidade federal de goiás, goiânia. 2014

BAYER, ana paula. **Proposta de diretrizes para o desenvolvimento da arquitetura em terra no rio grande do sul, a partir da interpretação de estratégias uruguaias'** 01/10/2010 180 f. Mestrado em engenharia civil instituição de ensino: universidade federal do rio grande do sul, porto alegre. 2010.

BRITO, ana paula ferreira de. **Avaliação da disposição de biossólido oriundo da ete araraquara (sp) em argissolo vermelho'** 26/04/2013 95 f. Mestrado em geociências e meio ambiente instituição de ensino: universidade est.paulista júlio de mesquita filho/rio claro, rio claro. 2013.

CAMPOS, priscilla teixeira. **O teatro do oprimido e a flor da permacultura na educação ambiental do movimento coletivo da juventude, sergipe.'** 18/02/2014 undefined f. Mestrado em desenvolvimento e meio ambiente instituição de ensino: fundação universidade federal de sergipe. 2014.

D'AVILA, flavia blaia. **Conceitos e técnicas para assentamentos humanos na perspectiva da sustentabilidade'** 01/05/2008 220 f. Mestrado em urbanismo instituição de ensino: pontifícia universidade católica de campinas, campinas. 2008.

DULLEY, richard domingues. **Ambiente e produção agrícola: principais paradigmas'** 01/02/2003 450 f. Doutorado em ciências sociais instituição de ensino: universidade estadual de campinas, campinas. 2003.

ESTEVEZ, laura freire. **Relatórios ambientais prévios (raps) realizados em curitiba (pr): uma análise com base nos princípios do planejamento da paisagem'** 27/03/2014 180 f. Doutorado em geografia instituição de ensino: universidade federal do paran, curitiba. 2014.

FELIX, abayomi mandela silva. **Permacultura e capoeira angola: anlise de redes sociais e estruturao de unidades demonstrativas na nova pnater.'** 28/03/2014 undefined f. Mestrado em desenvolvimento sustentvel instituio de ensino: universidade de braslia. 2014.

FERRAZ, maria luza camargo pinto. **Educao ambiental contnua: a vida como foco da apendizagem: o caso da escola maria elisbnia dos santos, assentamento sabiaguaba amontada ce'** 01/08/2004 125 f. Mestrado em desenvolvimento e meio ambiente instituio de ensino: universidade federal do cear, fortaleza. 2004.

FERRAZ, maria luiza camargo pinto. **Tecendo a sustentabilidade das escolas municipais de ubatuba.'** 01/03/2009 356 f. Doutorado em cincia ambiental instituio de ensino: universidade de so paulo, so paulo. 2009.

JACINTHO, claudio rocha dos santos. **A agroecologia, a permacultura e o paradigma ecolgico na extenso rural: uma experincia no assentamento colnia i – padre bernardo – gois** 01/01/2007 139 f. Mestrado em desenvolvimento sustentvel instituio de ensino: universidade de braslia, braslia. 2007.

JACINTHO, thiago rocha dos santos. **Educao para sustentabilidade - turismo ecopedaggico no centro de permacultura asa branca e implantao de um espao permacultural na escola classe jardim botnico.'** 01/02/2011 91 f. Mestrado em cincias florestais instituio de ensino: universidade de braslia, braslia. 2011.

JOSE, flavio januario. **Diretrizes para o desenvolvimento de ecovilas urbanas'** 25/11/2014 361 f. Doutorado em arquitetura e urbanismo instituio de ensino: universidade de so paulo/so carlos. 2014.

KRZYZANOWSKI, renato fvero. **Novas tecnologias em assentamentos humanos: a permacultura como proposta para o planejamento de unidades unifamiliares em florianpolis.** 2005, 144 p. Dissertao (mestrado) - universidade federal de santa catarina, centro tecnolgico. Programa de ps-graduao em engenharia de produo. Florianpolis. 2005.

LIMA, camila silva de. **Vivências permaculturais na escola: explorando as relações afetivas – ecológica e socialmente – na educação formal'** 01/03/2012 144 f. Mestrado em educação instituição de ensino: universidade federal do paran, curitiba. 2012.

MANTOVANELLI, diogo fonseca. **Quintais agroecolgicos: sala de aula informal para capacitao formal- as experincias do assentamento rural araras 4'** 01/10/2012 81 f. Mestrado em agroecologia e desenvolvimento rural instituio de ensino: universidade federal de so carlos, so carlos. 2012.

OLIVEIRA, mayara cruvinel de. **Elementos da permacultura como indutores da sustentabilidade em atrativos tursticos de bodoquena, bonito e jardim, mato grosso do sul'** 01/02/2012 33 f. Mestrado em meio ambiente e desenvolvimento regional instituio de ensino: universidade anhanguera, campo grande. 2012.

PAES, wellington marchi. **Tcnicas de permacultura como tecnologias scioambientais para a melhoria da qualidade de vida em comunidades da paraba.** 2014. 173 f. Dissertao (mestrado em gerenciamento ambiental) - universidade federal da paraba, joo pessoa, 2014.

PIMENTEL, paula emlia oliveira. **Em busca da sustentabilidade: expresses espaciais da permacultura no distrito federal'** 01/08/2010 121 f. Mestrado em geografia instituio de ensino: universidade de braslia, braslia. 2010.

RESENDE, ricardo de oliveira. **Turismo de base comunitria, poltica pblica e efeitos sobre o local: o caso do projeto "um vale verde de verdade", pirenpolis (go)'** 01/08/2011 241 f. Mestrado em estudos populacionais e pesquisas sociais instituio de ensino: escola nacional de cincias estatsticas, rio de janeiro. 2011.

ROSA, isabel lemos franciscone da . **Gesto participativa e segurana alimentar e nutricional: um estudo de caso em espaos de agricultura familiar no semirido baiano.'** 01/03/2011 145 f. Mestrado em agroecossistemas instituio de ensino: universidade federal de santa catarina, florianpolis. 2011.

SALES, mrcia neves guelber. **Construo participativa de um referencial scio-tcnico para a criao agroecolgica de galinhas (gallus domesticus) '** 01/02/2001 90 f. Mestrado em agroecossistemas instituio de ensino: universidade federal de santa catarina, florianpolis. 2011.

SANCHES, cinara del arco. **A contribuio da sistematizao de experincias para o fortalecimento do campo agroecolgico e da agricultura familiar no brasil.'** 01/01/2011 181 f. Mestrado em agroecologia e desenvolvimento rural instituio de ensino: universidade federal de so carlos, so carlos. 2011.

SANTORO, renata branco. **Conservao de energia em assentamentos humanos pela utilizao da Permacultura: um estudo no instituto de permacultura da**

Mata Atlântica. 01/04/2010 115 f. Mestrado Em Energia Instituição De Ensino: Fundação Universidade Federal Do Abc, Santo André. 2010.

SANTOS, paulo rodrigues dos. **Natureza e verdade: a pedagogização ambiental da sociedade contemporânea'** 06/02/2013 292 f. Doutorado Em Educação Instituição De Ensino: Universidade Federal Do Ceará. 2013.

SANTOS, viviane evangelista dos. **Jardins educadores: ensaio sobre agroecologia e permacultura na escola pública'** 01/03/2010 203 f. Mestrado Em Educação Instituição De Ensino: Universidade De Brasília, Brasília. 2010.

SANTOS, viviane rodrigues verdolin dos. **Efeito dos sistemas de pastejo isolado, simultâneo e alternado de ovinos com bovinos sobre as características da forragem, desempenho, consumo e características de carcaça dos ovinos.'** 01/04/2010 101 f. Doutorado Em Ciências Animais Instituição De Ensino: Universidade De Brasília. 2010.

SCARAZATTI, bruno. **Sistema agroflorestal como alternativa de uso da terra: um estudo de caso na unidade demonstrativa de permacultura (udp) de manaus-am'** 01/03/2009 146 f. Mestrado Em Ciências De Florestas Tropicais Instituição De Ensino: Instituto Nacional De Pesquisas Da Amazônia, Manaus. 2009.

SILVA, júlia teles da. **A busca de uma técnica que aproveite materiais locais na construção do muro do laboratório de investigação em living design (lild) da puc-rio'** 01/02/2011 1 f. Mestrado Em Design Instituição De Ensino: Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro, Rio De Janeiro. 2011.

SILVA, luis fernando de matheus e. **Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul).'** 03/07/2013 336 f. Doutorado Em Geografia (Geografia Humana) Instituição De Ensino: Universidade De São Paulo, São Paulo. 2013.

TORQUATO, renata ribeiro. **Superando o estigma da seca a partir de estratégias de convivência com o semiárido: o modelo da comunidade de sussui.'** 01/08/2011 134 f. Mestrado em desenvolvimento e meio ambiente Instituição De Ensino: Universidade Federal Do Ceará, Fortaleza. 2011.

ZEN, ana maria dalla. **A voz dos ausentes na terra do nada : a ação cultural como estratégia de religação do homem à natureza'** 01/04/2003 281 f. Doutorado em ciências da comunicação instituição de ensino: Universidade De São Paulo, São Paulo. 2003.

APÊNDICE B – Quadro descritivo do Estado da Arte em Permacultura ¹

Ano	Nome / Autor	Título	Plataforma	Tipo De Busca	link
CATEGORIA 1 - CULTURA E EDUCAÇÃO = 13					
01/02 /2011	Jacintho, Thiago Rocha Dos Santos	Educação para sustentabilidade - turismo ecopedagógico no centro de permacultura Asa Branca e implantação de um espaço permacultural na Escola Classe Jardim Botânico.	Banco Capes	Simples: Permacultura	http://banco.debetes.capes.gov.br/#
01/07 /2012	Albano, Marisol Ginez.	Círculos de Permacultura no contexto comunitário: desenho de um modelo aplicável a emergência de culturas sustentáveis.	Banco Capes	Simples: Permacultura	http://banco.debetes.capes.gov.br/#
01/03 /2012	Lima, Camila Silva De.	Vivências Permaculturais na escola: explorando as relações afetivas ecológica e socialmente na educação formal	Banco Capes	Simples: Permacultura	http://banco.debetes.capes.gov.br/#
2011	<u>Evangelista, Viviane</u>	Jardins educadores : ensaio sobre agroecologia e permacultura na escola pública	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://repositorio.unb.br/handle/10482/6499
2014	<u>Campos, Priscilla Teixeira</u>	O teatro do oprimido e a Flor da Permacultura na Educação Ambiental	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/ufs_3d18a6a35a4ae7e7fc5ee27704273f6b
2014	Felix, Abayomi Mandela Silva	Permacultura e capoeira Angola : análise de redes sociais e estruturação de unidades demonstrativas na	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/unb_f6bac87922375ce4

		Nova Pnater	Dissertações		278c5c05a95eb32c
2014	Paes, Wellington Marchi	Técnicas de permacultura como tecnologias socioambientais para a melhoria na qualidade da vida em comunidades da paraíba	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ict.br/vufind/record/ufrpb_cbd280e5b6c96c8a04784e7324b7e578
2012	Diogo Fonseca Mantovani	Quintais agroecológicos: sala de aula informal paracapacitação formal - as experiências do assentamento rural araras 4	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ict.br/vufind/record/scar_df0ba0c49d74e9bc719619eb88ceb2b4
2002	Ana Maria Dalla Zen	A voz dos ausentes na terra do nada : a ação cultural como estratégia de religação do homem à natureza	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ict.br/vufind/record/urgs_b1caed9a8cbeccfa8378107197be65e9
2011	Renata Ribeiro Torquato	Superando o estigma da seca a partir de estratégias de convivência com o semiárido: o modelo da comunidade de sussui.	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ict.br/vufind/record/ufc_255d64895d565d36014c4cab41353870 e http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16272
2009	Maria Luiza Camargo Pinto	Sustentabilidade das escolas municipais de ensino fundamental: estudo de caso em ubatuba, estado	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e	Simples: Permacultura	http://bdtd.ict.br/vufind/record/usp_3b7c99367fe033a2

	Ferraz	de são paulo, brasil	Dissertações		3b8539ddda7c0962
2004	Maria Luiza Camargo Pinto Ferraz	Educação ambiental contínua: a vida com o foco da aprendizagem o caso da escola maria elisbânia dos santos - comunidade de caetanos de cima assentamento sabiaguaba âamontada/ce	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/ufc_b596a099a76bb643305fd99887d21fbbe http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16860
2013	Paulo Rodrigues Dos Santos	Natureza e verdade: a pedagogização ambiental da sociedade contemporânea	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/ufc_a3a379c4b72d9744a5376c97744dd88e http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6060/1/2013-tese-prsantos.pdf
CATEGORIA 2 - TURISMO = 2					
01/02/2012	Oliveira, Mayara Cruvinel De.	Elementos da permacultura como indutores da sustentabilidade em atrativos turísticos de bodoquena, bonito e jardim, Mato Grosso do Sul	Plataforma CAPE S	Simples: Permacultura	http://bancodetes.es.capes.gov.br/#
	Rezende, Ricardo	Turismo de base comunitária, política pública e efeitos sobre o local: o	Plataforma CAPE	Simples: Permacultura	http://bancodetes.es.capes.gov.br/#

	De Oliveira	caso do projeto "um vale verde de verdade", pirenópolis (go)	S		
CATEGORIA 3 - DESIGN, SUSTENTABILIDADE E AGROECOLOGIA = 15					
01/03/2011	Rosa, Isabel Lemos Franciscone Da.	Gestão participativa e segurança alimentar e nutricional: um estudo de caso em espaços de agricultura familiar no semiárido baiano.	Plataforma CAPES	Simples: Permacultura	http://bancodeteses.capes.gov.br/#
01/02/2011	Silva, Julia Teles Da.	A busca de uma técnica que aproveite materiais locais na construção do muro do laboratório de investigação em living design (lild) da PUC-Rio	Plataforma CAPES	Simples: Permacultura	http://bancodeteses.capes.gov.br/#
2010	<u>Santoro</u> 1. <u>Renata Branco</u>	Conservação de energia em assentamentos humanos pela utilização da permacultura : um estudo no instituto de permacultura e ecovila da Mata Atlântica	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/ufab_57d6a1bc0530389095312d1f8057b23e e http://www.biblioteca.ufabc.edu.br/index.html
2011	<u>Pimente</u> <u>I, Paula</u> <u>Emília</u> <u>Oliveira</u>	Em busca da sustentabilidade : expressões espaciais da permacultura no distrito federal	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://repositorio.unb.br/handle/10482/8089
2007	<u>Jacinto</u> 1. <u>Cláudio Rocha Dos Santos</u>	A agroecologia, a permacultura e o paradigma ecológico na extensão rural : uma experiência no assentamento colônia i – padre bernardo – Goiás	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://repositorio.unb.br/handle/10482/2343

2009	<u>Scarazatti, Bruno</u>	Sistema Agroflorestal Como Alternativa De Uso Da Terra: Um Estudo De Caso Na Unidade Demonstrativa De Permacultura (Udp), Manaus-am.	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.inpa.gov.br/handle/tede/1939 e http://bdtd.inpa.gov.br/bitstream/tede/1939/5/disserta%c3%a7%c3%a3o_bruno%20scarazatti.pdf
2010	Ana Paula Bayer	Proposta De Diretrizes Para O Desenvolvimento Da Arquitetura Em Terra No Rio Grande Do Sul, A Partir Da Interpretação De Estratégias Uruguaias	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/urgs_4f4b96131d1ddfad4b9f2a9416e7f087
2013	Brito, Ana Paula Ferreira De.	Avaliação Da Disposição De Biossólido Oriundo Da Ete Araraquara (Sp) Em Argissolo Vermelho /	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/unsp_d3d7859695b32b8a74dc1b0eacb32dab
2011	Renato Matos De Lopes Torres Barboza	Estratégias, Condições E Obstáculos Para Implantação De Técnicas Mais Sustentáveis No Manejo Da Água Em Assentamentos Rurais. Caso: Assentamento Rural Horto Vergel 12 De Outubro, Mogi Mirim-sp	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/scar_7e06bcd43a20644e4af9b4ebeaf7a06d
2008	Flávia Blaia D'ávila	Conceitos E Técnicas Para Assentamentos Humanos Na Perspectiva Da	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/pcam_2ef616d5feeaf1b270695dea6329256d

		Sustentabilidade	Dissertações		
2001	Sales, Marcia Neves Guelber	Construção Participativa De Um Referencial Sócio-técnico Para Criação Agroecológica De Galinha (Gallus Domesticus)	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/ufsc_5be8d37724401d932a790922df984bcc https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/82031
2011	Cinara Delarco Sanche s	A Contribuição Da Sistematização De Experiências Para O Fortalecimento Do Campo Agroecológico E Da Agricultura Familiar No Brasil	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/scar_7426bad3b6cbe48324dbd850cc89ee48
2003	Richard Doming ues Dulley	Ambiente E Produção Agrícola : Principais Paradigmas	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/camp740abecd94780cef9c9c85adffb0f67a
2010	Santos, Viviane Rodrigues Verdolin Dos	Efeitos Dos Sistemas De Pastejo Isolado, Simultâneo E Alternado De Ovinos Com Bovinos Sobre As Características Da Forragem, Desempenho, Consumo E Características De Carcaça Dos Ovinos	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/unb_6932be1065d59fa0d2fde2b181885be7

2014	Barros, Elaine Franciel y Dos Santos	Avaliação do saneamento ambiental em assentamentos de Reforma agrária utilizando o método de análise hierárquica de processos	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vu find/record/ufg_2d3c4 76c7b0889ff87554310 417c52b4
CATEGORIA 4 - MEIO URBANO = 5					
25/11/2014	José, Flávio Januário	Diretrizes para o desenvolvimento de ecovilas urbanas	Biblioteca Digital Usp	Avançada - Busca Por "Permacultura" Em Título; Palavras Chave; Resumo	http://www.teses.u sp.br/teses/disponi veis/102/102131/td e-10022015- 095805/pt-br.php
02/07/2013	Silva, Luis Fernando De Matheus E (Catálogo Usp)	Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (Uma mirada desde o Cone Sul)	Biblioteca Digital Usp	Avançada - Busca Por "Permacultura" Em Título; Palavras Chave; Resumo	http://www.teses.u sp.br/teses/disponi veis/8/8136/tde- 07112013- 113710/pt-br.php
2008	Barros, Bruna Rosa De	Permacultura e desenvolvimento urbano: diretrizes e ações para a sustentabilidade socioambiental em loteamentos de interesse social.	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://www.reposito rio.ufal.br/handle/ri ufal/682
2014	Estêvez, Laura Freire	Relatórios ambientais prévios (RAPs) realizados em Curitiba (Pr)	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/v ufind/record/ufpr_2 d2a34041c7cdad2 7f29d2d366f33b59

2005	Krzyzanowski, Renato Fávero	Novas tecnologias em assentamentos humanos: a permacultura como proposta para o planejamento de unidades unifamiliares em Florianópolis	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Simples: Permacultura	http://bdtd.ibict.br/vufind/record/ufsc_49dc9fe90b738a6b3b28b9cba941430a
------	-----------------------------	---	---	-----------------------	---

¹ - Não foi possível colocar Palavras-chave e Resumo de cada estudo por questões de formatação do arquivo, ficando a disposição dos interessados o link de acesso, título e plataforma de busca que foi utilizado fins desta pesquisa.

APÊNDICE C – Relação de Grupos e Organizações de Permacultura no Município de São Paulo (2016)

Nome	Área/Categoria	Localização	Zona no Município	Contato	Site
Arboreser	Centro cultural	Rua Sebastião de Freitas, 561	Zona Norte	9.8328-8825	http://www.arboreser.eco.br/
Bio Ideias	Empresa de biotecnologia e soluções ambientais	Av. Rebouças, 3970	Zona Oeste	98907-2668 Mayara agendamento visita	http://bioideias.com/
BioArquiteto	Consultoria em bioconstrução e Permacultura	-	Virtual	11 9 9976-9291 - Tomás Lotufo	http://www.bioarquiteto.com.br/
CADES-PI	Conselho Regional	Auditório da Subprefeitura de Pinheiros, Av. Nações Unidas, 7123	Zona Oeste	cales.sub.pinheiros@gmail.com	https://cadespinheiros.wordpress.com/
Casa 13:20	Centro comunitário	Rua João Álvares Soares, 1860	Zona Sul	3530-3032	https://pt-br.facebook.com/Nossacasacura/
Casa da Cidade	Instituto	Rua rodésia CEP 05435-020 são paulo, SP - Brasil	Zona Oeste	(11)3814-3372 CASA@CASADACIDADE.ORG.BR	http://www.casadacidade.org.br/curso-de-design-em-Permacultura-2/
Casa do Alpendre	Coletivo / Consultoria	Jd. Rolinópolis – km12 da Rod. Raposo Tavares	Zona Oeste	e-mail:casadoalpendre823@gmail.com	https://casadoalpendre.wordpress.com/about/
Casa dos Hólons	Coletivo / Empresa	R. João Álvares Soares, 1860 - Campo Belo, São Paulo - SP, 04609-005	Zona Sul	http://www.casadosholons.com.br/contato/fale-conosco/	http://www.casadosholons.com.br/

Casa Jaya	Empresa	R. Capote Valente, 305 - Pinheiros, São Paulo - SP, Brasil	Zona Oeste	(11) 2935-6987 – contato@casajaya.com.br	http://www.casajaya.com.br/cursoPermacultura/
Centro de Pesquisa e Formação do Sesc	Organização SESC	4º andar., R. Dr. Plínio Barreto, 285 - Bela Vista, São Paulo - SP, 01313-020	Centro	http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/	https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/Permacultura-urbana-novas-formas-de-habitar-a-paisagem
Ecoativa	Coletivo / Empresa	3000 - Estr. Velha do Bororé - Jardim Santa Tereza, São Paulo	Zona Sul	eco_ativa@hotmail.com	https://ecoativa.wordpress.com/
EcoBairro	ONG	Rua Dr. Luiz Azevedo Filho, 38 - Vila Clementino - Sub-prefeitura da Vila Mariana	Zona Sul	(11) 2578 7254	http://www.ecobairro.org.br/site/o_ecobairro.html
ecoeficientes (ecobeco)	Centro de Exposição de Soluções Ecoeficientes Urbanas	BECO DO BATMAN - VILA MADALENA	Zona Oeste	3578-4994 / contato@ecoeficientes.com.br	http://www.ecoeficientes.com.br/
Escola da Cidade	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - promove cursos	Rua Gen. Jardim, 65 - Vila Buarque	Centro	http://www.escoladacidade.org/curso-livre-arquitetura-na-Permacultura-pdc-2017/	cezarbrigatti@escoladacidade.edu.br
Escola de Cisterna	Coletivo / Consultoria	<u>R. Alves Guimarães, 1511</u>	Zona Oeste	escoladecisterna@gmail.com 9 8228-4474 / 3862-0618-secretaria	http://permacultoresurbanos.com/escola-de-cisterna/

<u>Floresta dos Unicornios</u>	Instituto	Vila Mariana + Carapicuíba e Juquitiba	Zona Sul	11 2667 4208 - contato@flor-estadosunicornios.org.br	http://www.flor-estadosunicornios.org.br/
Horta Centro Cultural SP	Espaço/Gestão Pública	Rua Vergueiro, 1000	Centro	-	http://www.centrocultural.sp.gov.br/Acao_Educativa_horta_coletiva_organica.html
Horta das Corujas	Espaço/Gestão Pública	Av. das Corujas, 39	Zona Oeste	-	https://hortadascorujas.wordpress.com/
Horta do ciclista	Espaço/Gestão Pública	Av Paulista, altura do n. 2.444	Centro	-	sem site
Hortelões Urbanos	Comunidade virtual	sem endereço	Virtual	https://pt-br.facebook.com/groups/horteloes/	https://pt-br.facebook.com/groups/horteloes/
Instituto 13 Luas	Instituto	Parelheiros	Zona Sul	-	http://www.casadosholons.com.br/institucional/instituto-13-luas/
Instituto Chão	Associação	Rua Harmonia, 123	Zona Oeste	3530-0907	http://www.institutochao.org/
Instituto Favela da Paz	Instituto	Rua Miguel Dionísio Valle, 35 - Jardim Nakamura	Zona Sul	temonica07@hotmail.com	https://faveladapaz.wordpress.com/favela-da-paz-3/
Instituto Kairós	Instituto	R. Marquês de Itu, 58 - Vila Buarque	Centro	i.kairos@yahoo.com.br - Tel: 11 3257-5100	http://institutokairos.net/
Morada da Floresta	Empresa	R. Diogo do Couto, 47 - Vila Universitaria, São Paulo	Zona Oeste	(11) 2503-0036	http://www.moradadafloresta.org.br/

MUDA SP (Movimento Urbano Agroecológico)	Organização de Agroecologia	Rua Francisco Leitão 235	Zona Oeste	http://muda.org.br/	http://muda.org.br/
Museu Casa Brasileira (bioconstruções educador Felipe Pinheiro)	Espaço/Gestão Pública	Av Faria Lima, 2705	Zona Oeste	3032-3727 (educativo)	http://www.mcb.org.br/
Periferia Sustentável	Coletivo	Não informado	Zona Leste	https://pt-br.facebook.com/periferiasustentavel/	https://pt-br.facebook.com/periferiasustentavel/
Permacultores Urbanos	Empresa - Coletivo de permacultores	Não informado	Zona Oeste	Permaculturaurbanasp@gmail.com	http://permacultoresurbanos.com/quem-somos/
Permaperifa	Coletivo de ações colaborativas e multirões		Todas		
PermaSampa	Coletivo / Consultoria	-	Virtual	-	http://permasampa.blogspot.com.br/
Piparia	Coletivo e espaço de auto gestão	Rua Santanésia, 216	Zona Oeste	piparia@piparia.com.br	http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/agente/14911/ - http://piparia.com.br/
Ponto de Cultura Quebrada Sustentável	Ponto de Cultura	Rua Papiro do Egito, 100 União de Vila Nova - São Miguel Paulista	Zona Leste	institutonua@hotmail.com	http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/espaco/1402/ ; https://www.novauniaodaarte.org/ ; https://www.facebook.com/quebradasuste

					ntavel/
Pra melhor ambiental	Consultoria - Permacultura Urbana & Paisagismo Alimentar	-	Virtual	5052.8055 / 9.7526.1306 / cursos.pma@gmail.com	https://pramelhorambiental.wordpress.com/
SESC - cursos e palestras	Equipamento específico de lazer e formação livre	Unidades em São Paulo	Todas	-	http://www.secsp.org.br/fale-conosco/
UMAPAZ	Departamento de Educação Ambiental - Parque Ibirapuera	Av. Quarto Centenário, 1268 Parque Ibirapuera - Portão 7A	Zona Sul	11 5572-1004	http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/umapaz/sobre_a_umapaz/index.php?p=243
Vector Equilibrium	Instituto	Rua Manuel Jacinto, 823 Vila Sônia - São Paulo - SP	Zona Oeste	Fone: +55 11 2594-3554	http://vectorequilibrium.com/
Vila Itororó e FAB LAB Vila Itororó	Centro cultural	Rua Pedroso, 238	Centro	info@vilaitororo.org.br e http://fablablivresp.art.br/	http://www.vilaitororo.org.br/ e http://fablablivresp.art.br/cursos/lista?og_group_ref_target_id=All&title=Permacultura

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada Permane (sendo) na cidade: Relações e identidades de grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo, desenvolvida por Bárbara Machado Mazzetti. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] pela Prof. Dra. Madalena Pedroso Aulicino, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail mada.lzt@usp.br. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender como ocorre, por que e por quem a Permacultura é praticada e difundida no Município de São Paulo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, ____ de _____ de ____

Assinatura do(a) participante: _____

APÊNDICE E – Entrevista 1 – Pra Melhor Ambiental

Organização: Pra Melhor Ambiental

Entrevistado: Fernando Leme - Criador e responsável pela Pra Melhor Ambiental.

Data: 12/04/2018

Bárbara

Hoje é dia 12 de abril de 2018 e estamos entrevistando Fernando Leme Leme da pra melhor ambiental. A entrevista é para pesquisa de Mestrado de Estudos Culturais com título Permanecendo na Cidade de São Paulo: Relações e Identidades de grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo.

Bem, a primeira pergunta que eu gostaria de fazer a respeito é sobre como, quando e em qual contexto, ou seja, por que surgiu o projeto a organização e como se relaciona com a área da Permacultura?

Fernando

Ela nasceu... Ela não nasceu, ela meio que foi automático de toda a história da minha vida, ela veio, ela surgiu de uma forma natural, a partir do momento onde o interesse da sociedade começou a ser maior e os espaços para que a gente pudesse divulgar e trabalhar, trabalhar com multiplicadores né, trazer as ideias novas, trazer o dia a dia nosso, a partir daí eu acho que o nome surgiu e a princípio era só na parte virtual com notícias boas né para o meio ambiente para sair um pouco de estigma da notícia ruim né, que vende manchete, e daí a coisa surgiu naturalmente, se não me falha a memória foi em 2009/2010 que ela surgiu.

Bárbara

E ela se relaciona com a área da Permacultura como? Qual é a essência da Pra Melhor Ambiental?

Fernando

Ela nasceu com o espírito da Permacultura. Eu sou o criador então ela não tinha muito o que ser diferente daquilo que agente pensa e dentre os princípios da Permacultura ela (Pra Melhor Ambiental) está totalmente embasada nesses princípios... essa pergunta que eu não tenho como dividir, como especificar, porque como eu trabalho com a educação ambiental, o foco é a Permacultura, no desenvolvimento, promovendo também a Permacultura e outros tipos de conscientização, não só a Permacultura, mas eu tenho a Permacultura como base, então o relacionamento dela é a base de tudo né, a base dos estudos e da multiplicação, dos cursos e das oficinas né, sempre vai ter o início né nos princípios da Permacultura e como a Permacultura ela engloba tudo né, começo meio e fim, ela é um círculo que vai crescendo.

Bárbara

A segunda pergunta a respeito de como o projeto- organização entende e se relaciona com os campos de política, economia e meio ambiente?

Fernando

Desde sempre o acompanhamento de abaixo-assinado, a divulgação de abaixo assinados até o comparecimento em CADES, votação nos CADES, essa relação que no passado já teve, vamos dizer assim, um corpo a corpo né com vereadores né muito dos nossos estudos é sobre cidadania, a cidadania ambiental

especificamente, então é a teoria e a prática tem que andar juntas, então ela tem essa pegada ativa e proativa. No campo da Cultura, bem, pelo fato de dar uma aula de educação ambiental já também se relaciona com a cultura, mas assim, dessa cultura artística, vamos dizer né, Nós temos numa das nossas atividades é o trabalho com danças circulares, então assim, eu consigo fazer um estudo mais tradicional alinhado com as danças circulares. Já teve outras especificações onde eu trabalhei no coletivo, trabalhei junto, mas assim, são coisas que nós estávamos com eles né, mas a dança circular não, é uma atividade nossa que agente integra então não deixa de ser... dança é cultura. A parte de reciclagem de artista de artesanato também, cosméticos naturais, material de limpeza, mas assim, sempre trabalhando a conscientização tá.. é sempre mostrar que existe algo novo... que não é novo, que é antigo.

Bárbara

A terceira Pergunta é a respeito de quais as relações ou interações e influências do projeto com a Cidade, o meio urbano e o entorno? Como é essa relação?

Fernando

O mais direto que eu posso trabalhar e mostrar nesse setor são as interferências em Jardim e hortas urbanas ou Jardins comestíveis né, essa é uma implantação que a gente faz né, e que vem trazendo o sucesso, transformar um espaço além de bonito belo que é um jardim, necessário, ele também é útil em produção de alimento. Essa é uma interferência palpável, visível, grande e as outras que nem agora a pouco a gente falou de tinta né, de tinta natural, que a gente até consegue trabalhar no universo da cidade em uma coisa ou outra com tintas naturais e nessa parte de obras, mas não é regra... uma coisa muito importante que deve ser dita é o seguinte se você tá trabalhando... o orgânico e o não orgânico, eles não se conversam enquanto materiais de construção.... é muito comum: “ah eu quero vir aqui e eu quero fazer um telhado Verde tal tal tal... Ok vamos fazer vamos como é que você quer? aí eu vi na internet tal coisa..” Ok, mas assim, vamos ver se o seu telhado aguenta, se tem sustentação, vamos ver essas vigas né, tem que todo toda essa parte estrutural... “ah não mas eu quero 100% natural não quero nada de cimento.”, ai eu falo, meu amigo impossível, porque você começou com o cimento, se você tivesse começado com outro tipo de construção, a gente conseguiria, então este é um problema, não dá né, para você querer adaptar uma nova roupagem naquilo que já existe, então a fundação é muito importante... se a fundação começou orgânica, você consegue fazer o que tiver que ser feito, mas se a fundação não é orgânica - isso vale para tudo tá - não nasceu nos princípios orgânicos, você vai continuar no sistema, não existe remendo, você não tem como juntar isso daí... por isso que é importante essa parte filosófica, ambiental, para que? Para que no futuro as bases sejam outras, as bases já nasçam com uma visão orgânica, holística, multitarefas, multifunção... mas o orgânico é muito importante, é um fundamento que deve se levar em consideração. A Permacultura em si ela é muito ampla, ela começou especificamente no mundo agrícola, foram os estudos para uma agricultura permanente né, daí que veio Permacultura, mas depois com o tempo foi visto que existe algo muito maior né, que permeia a sociedade inteira, a sociedade inteira, daí que veio **a flor da Permacultura**, ela representa todos os campos permeáveis da

sociedade, com o objetivo de trazer uma certa mudança, não mudança de coisa nova que não existia, mas a mudança no olhar mais atento ao que existe.

Bárbara

A próxima pergunta é sobre quais os valores e princípios da organização e como se identifica ou é identificado? Ou seja, a respeito de uma identidade mesmo, qual é a identidade da Para Melhor Ambiental?

Fernando

Ahh nesse ponto ela é 100% Permacultura, de acordo com os princípios éticos da Permacultura: cuidar da terra, cuidar das pessoas e dividir os excedentes...

Bárbara

E há uma identificação da Para Melhor Ambiental pela comunidade também? Quando as pessoas te contactam, normalmente elas buscam o que, como elas identificam o projeto?

Fernando

Elas vão procurar o palestrante, o multiplicador de conhecimento, mas é muito pouco que as pessoas telefonam e dizem, olha, estou precisando de um permacultor... esse nome ainda é novidade.

Bárbara

Próxima pergunta é sobre como o projeto/organização se relaciona com outras organizações? Se sim, de qual forma, com que frequência e por quais meios também?

Fernando

Olha, raramente a gente trabalhar sozinho, é sempre junto com uma pessoa, com uma organização, com uma Ong, o que quer que esteja, ou mais tá... a gente está sempre buscando o coletivo, ninguém tem sempre todo o conhecimento, então quanto mais multiplicidade de pessoas estiverem junto com você mais rico será né... nesse ponto é 100% coletividade... agora o como que a gente se conhece há inúmeros, desde amizades antigas, de conhecimento que já trabalhou com um, fez algum evento, conheceu... isso é dinâmico né, amizade a gente está sempre buscando.

Bárbara

E por quais meios e com qual frequência, diríamos, numa proporção de 0 a 10, a maior parte das ações que você executa é... a frequência dela ou talvez a quantidade, nessa proporção, seria de quanto em relação a essa parceria com outros grupos? Se você pudesse fazer uma média...

Fernando

Bom eu poderia fazer uma média de 50%, porque a gente sempre dá um jeito de convidar alguém, de convidar alguém entende mais de um assunto ou que vai trazer uma experiência nova né, onde é possível a gente coloca coloca... mas vamos dizer que é 50%, é sempre meio a meio.

Bárbara

E por quais meios essa comunicação é feita? É pessoalmente, por eventos, cursos, ou às vezes por relações anteriores?

Fernando

A comunicação por meio de rever amigos e de ver o que está acontecendo e um ajudando o outro... acontece de todas as formas, principalmente presencial, agora quando vai ser contratado, na maioria das vezes é via e-mail, via alguma coisa virtual tá, como o mundo hoje eu acho.

Bárbara

Caminhando para a sexta pergunta, é a respeito de como o projeto/organização né, a Pra Melhor Ambiental, ela trabalha ou se relaciona com o ensino-aprendizagem de Permacultura? Se sim, de qual forma, por quais meios e com que frequência também?

Fernando

Na formação de permacultores, ela está diretamente ligada aí normalmente com diversas ONGs e institutos, universidades e faculdades né, sítios... então ela tem essa atividade direta na formação de permacultores. Esse é um exemplo que raramente eu tô sozinho tá, essa daí envolve muita gente, numa formação completa envolve muitas pessoas...

Bárbara

Ela tem uma frequência orgânica também? No sentido de que na medida em que você pode formar uma nova turma também outras pessoas que te chamam ou outros caminhos se abrem para que você também promova?...

Fernando

Sempre , sempre né... isso não tem como você conter... e existe também, desde a época dos grupos de e-mails né, uma coisa antiga já nesse setor né... mas desde essa época, os grupos de estudo, de troca de informação troca de conhecimento e hoje você manda PDF né, ficou muito fácil né, então esses grupos ainda existem e eu acho que não só em email, mas o próprio Facebook e aquele monte de grupo que se forma lá, não deixa de ser uma forma de estarmos juntos né, conectados, alguma informação que você pega e alguma informação que você repassa e que pode ser útil para alguém né... eu acho que isso geral...

Bárbara

E pegando por essa questão virtual, quais são as plataformas que você utiliza normalmente? Você utiliza site próprio né, email, Facebook eu imagino... tem alguma outra plataforma virtual que você usa?

Fernando

E o Whatsapp né... não tenho nada mais mesmo não...Sou de uma geração que...

Bárbara

E assim, eu acredito que... bem, óbvio que dá também para você disseminar conhecimento de uma maneira online né, mas a Permacultura é algo muito de experiência...

Fernando

Você precisa ter essa experiência né... o online tá lá, tá a disposição, tem um monte de livro... e entre aspas, meu site é chato porque não foto, só tem letrinha para ler entendeu? Então não é uma coisa assim agradável mas é o jeito que agente tem para as pessoas estudarem né, não tem outra forma né... então a experiência prática é fundamental, se você vai fazer uma oficina de minhocário, não dá para

fazer virtual ou mesmo o YouTube... e as perguntas das pessoas? E a pergunta, aquela dúvida que ela tá ali na hora e se ela não capito? E como eu trabalho: principalmente eu trabalho... eu desconstruo para depois construir... como é que você vai desconstruir algo a distância né... é uma atividade, é um assunto que mexe muito com as pessoas, que mexe com o interior das pessoas. Têm muitas pessoas, muitos alunos, que não conseguem seguir o curso, porque mexe de tal forma que eles vão e dizem: “para, para que eu não tô preparado”né... como é que você pode largar um aluno assim desconstruído? Então, assim, não existe... você tem que ter essa presença para diversos assuntos, não é uma coisa só teórica... teoria você passa, mas a prática tem muito da vivência né tem muita filosofia, que é para mudar o indivíduo, porque se não mudar o indivíduo não adianta nada e o objetivo qual que é? Mude você que o mundo melhora... é fundamental, enquanto você não tiver sua consciência de que você pode falar de reciclagem, pode falar de compostagem, pode falar do que seja, enquanto aquele lixo ainda não estiver incomodando o cidadão... não vai mexer, não vai mexer! É sobre mudar ou na dor ou no amor né... na dor é pela lei ou porque tá doente e no amor é o mais fácil de todos mas as pessoas são reticentes, então não é todo mundo que tá aberto né... é interessante, isso aí dá para pensar bastante....

Bárbara

Bem, caminhando agora para a penúltima pergunta eu queria saber sobre quais são as dificuldades e desafios que a organização enfrenta o já enfrentou?

Fernando

Todas as dificuldades. Todas, do tipo a gente fala algo que ninguém entende. Sustentabilidade é um assunto que ninguém no mundo sabe, ninguém... o mundo inteiro foi destruído, destruído, destruído que chegou em um ponto que ninguém sabe qual é a solução, tem várias ideias mas uma solução, não existe...são milhares ou milhões de ideias, de atitudes... o agir local pensar global tem tudo a ver. Então, quais são as dificuldades? Todas! A começar que você chega, por exemplo, dentro da Permacultura não existe lixo, o conceito de lixo não existe, e aí você chega para uma pessoa e diz: não, lixo não existe! Ai o cara olha para você e opa! Como não existe? Né... e o que que é isso e tal, e aí então você tem que trazer todo esse fundamento até a pessoa entender que lixo não é lixo, é um monte de produto acumulado mas que pode ser reutilizado para quitar tudo acumulado em tal local né, é o enxergar em círculo, não é o linear né... todas as pessoas estudam a vida inteira, trabalham a vida inteira, vivem a vida inteira de forma linear e de repente chega uma pessoa falando que tem que andar em círculo? Que as coisas tem que girar? Né...não entra na cabeça né... então assim, só o fundamento daquilo que você tá levando você já tem dificuldade de entrar no local, certo... as dificuldades são inúmeras porque você está trazendo algo que as pessoas estão buscando conhecimento, aí de repente uma obra... vou dar um exemplo assim, muito corriqueiro, bem, chega uma pessoa e diz: “Ah eu queria ver isso aqui tá, me dá umas dicas, que que pode colocar de Permacultura” aí você fala: olha o tanto de tanto de luz que você tem, olha essa parede fechada que você tem...põe uma janela!Além de ter ventilação, vai ter iluminação natural certo? Ai nossa, você é um gênio... não, não sou um gênio, se você andar aí pelas ruas de casas da década de

30, 40 você vai ver inúmeras tecnologias sem a dependência de energia elétrica, então assim, não é nada novo, é um olhar diferente, ninguém tá trazendo nada novo, é um olhar diferente, e esse olhar diferente nem sempre é aceito ou entendido de uma primeira mão... o resumo é esse.

Bárbara

E quais seriam as oportunidades ou potencialidades da organização, ou do contexto da Permacultura também?

Fernando

A tendência é de crescimento, a partir do momento onde a conscientização, o conhecimento, o assunto passa a ser... aparece na televisão! E hoje em dia a gente pode ver inúmeros programas que tem uma pegada totalmente diferente, por exemplo, tem aquele “menos é demais”, em que eles apresentam assim, uma revolução, dizendo olha, para que tudo isso? aquele sapato? para que tudo isso de tal coisa? Eles estão combatendo o consumismo, porque né, tem a máxima “menos é mais” e a Bela Gil ela acaba sendo uma revolução dentro da daqueles programas de culinária todos... querendo ou não é um canal popular, talvez com uma linguagem atrativa e aí acaba atingindo bastante gente né, dando uma nova roupagem para o conceito. Como eu costumo falar, as roupas que o mundo tem hoje não servem mais.. a gente tem que fazer tudo roupa nova.

Bárbara

E a última pergunta é qual poderia ser a frase chave do projeto/organização?

Fernando

“Ensinar o sistema a sair do sistema, usando o sistema... mas usando sem abusar né”.

APÊNDICE F – Entrevista 2 – Arboreser

Organização: Arboreser

Entrevistado: Julhiana – criadora e gestora do Arboreser

Data: 16/04/2018

Bárbara

Hoje é dia 16 do quatro, são 10 horas da manhã e estamos aqui no espaço Arboreser para entrevistar a Juliana a respeito da pesquisa de mestrado: Permanecendo na cidade relações e de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo.

A primeira pergunta é a respeito de como quando e em qual contexto, ou seja, por quê o projeto organização surgiu e como se relaciona com a área da Permacultura?

Julhiana

Bom o arboreser surgiu em 2013, março de 2013, com uma proposta de integrar e ser um espaço onde a gente pudesse compartilhar as propostas de agricultura urbana e Permacultura dentro da cidade... como que a gente poderia otimizar os espaços da cidade para produzir alimento? Então eu trabalhava no projeto de escola estufa e eu ministrei aulas durante três anos nesse projeto e quando esse projeto acabou né mudou a gestão e a gente não pôde mais trabalhar dentro dessas estufas, foi o momento que a gente sentiu a necessidade e nós do coletivo, no qual é formado eu, a minha irmã Camila e meu cunhado Daniel, a gente viu a necessidade de continuar desenvolvendo agricultura Urbana dentro da cidade de São Paulo. O espaço já existia, consolidado né, já era o espaço da família e aí foi quando a gente decidiu abrir as portas para receber as pessoas e compartilhar e mostrar um pouco do que a gente estava vivenciando ao longo daquele anos. Nosso objetivo maior, o que a gente costuma dizer aqui é: a reconexão - a reconexão com os ciclos naturais novamente, como a gente pode trazer o pensamento cíclico para dentro das casas, das praças, dos espaços urbanos da cidade e sair um pouco desse pensamento linear que hoje é a maior parte da nossa sociedade de consumo vive, então uma das propostas aqui do espaço é essa: a gente resgatar esse conhecimento ancestral e fazer esse link com as tecnologias de hoje que a gente já tem aí desenvolvidas, que é uma das propostas da Permacultura né, trazer a observação do que acontece no meio natural para esse ambiente planejado. A gente tá aqui para ser um suporte dentro da cidade de São Paulo enquanto Permacultura e agricultura urbana e agroecologia.

Bárbara

A segunda pergunta é sobre como o projeto organização se entende e se relaciona com os campos de política, economia, meio ambiente e o da cultura também?

Julhiana

Bom o arboreser ... eu acho que tem essa proposta mesmo do ativismo dentro da cidade, porque não só aqui no espaço a gente tá buscando realmente essa visão mais alternativa à sociedade de consumo que existe, mas a gente também vai para fora né, a gente abrange esse espaço urbano, trazendo a ocupação dos espaços públicos para mostrar realmente o que a gente poderia estar utilizando esses

espaços para produção de alimento, para as hortas comunitárias, para desenvolver realmente essa visão da produção cultural, então não só a produção de alimento, mas a gente também promove atividades culturais também né, dentro desses coletivos, junto com outros coletivos que também estão trabalhando com horta na Cidade de São Paulo... então a gente traz esse pensamento todo para fora também do espaço né, e a gente vê isso como um ativismo aí dentro dessa possibilidades da agroecologia e no fortalecimento mesmo da autonomia, das pessoas poderem produzir seu próprio alimento e terem essa essa possibilidade que todo mundo tem, mesmo às vezes morando numa sacada de apartamento, existem essas hortas né, que estão ao redor ali, que essas pessoas podem ser agentes participativos de volta nessa produção de alimentos, que é uma coisa que a gente perdeu né, só nesse momento da história e que a gente vê como uma janela que a gente está desconectado, mas essa reconexão já começou e os lugares públicos são espaços que tem um potencial muito grande para a gente agir dentro dessa questão da Permacultura e agroecologia também é o que a gente tenta fazer aqui no arboreser.

Bárbara

A terceira pergunta é sobre quais são as relações e interações e influências do projeto-organização com a cidade, o meio urbano e o seu entorno?E seu inverso? Acho que você até já comentou um pouquinho mas seria mais nessa nesta questão de quais influências de vocês e que vocês recebem também do meio urbano e para os outros grupos também...

Julhiana

Bem, aqui a gente tem percebido que depois que o Arboreser se consolidou aqui enquanto espaço de Permacultura, muitas pessoas da região passaram a procurar e a ter essa vontade e desejo de desenvolver algum projeto também que tenha relação com agroecologia ou com a Permacultura dentro da cidade, então o que a gente tem visto aqui é que muitas pessoas já vieram para como uma troca né, porque a gente sempre diz que aqui é um lugar de compartilhamentos né, a gente tenta passar o que a gente se envolve mas também vem muita muito material de fora, de pessoas que também estão em contato com com essa produção com esses movimentos agroecológicos e de Permacultura também e isso para gente é muito legal porque a gente já viu pessoas que saíram daqui e começaram a desenvolver algum tipo de trabalho na sociedade né, então um exemplo de um casal que vinha toda semana né - a gente tem um curso intensivo na agricultura Urbana - então eles vinham para cá às terças e Quintas de Porto Alegre, eles pegavam avião Porto Alegre vinham para cá para ter as aulas e a gente falava: nossa mas lá não existem esses movimentos? eles falavam: “Não por isso que a gente vai para São Paulo e a gente quer estabelecer e levar isso para lá” e aí foi muito legal porque aconteceu isso no sul do Brasil e no Norte, porque teve uma menina de Manaus que veio também fazer os cursos e ela levou esses conceitos né e abriu um espaço de Permacultura em Manaus, abriram também um espaço de Permacultura em Porto Alegre, então a gente percebe que isso abrange bastante né, e o que essas pessoas trouxeram também de trocas né, então trazendo um pouco do que tá acontecendo nessas regiões. No entorno (do Arboreser) também é muito legal, porque tem pessoas que moram perto da praça do Jaçanã, que fica aqui pertinho e que já nos

procuraram para a gente fazer parcerias e para começar a desenvolver uma horta lá, então a gente está com alguns projetos e também de levar isso para praça daqui de perto né, que também é um lugar histórico, que tem todas histórias mesmo do trem das Onze, que muitas pessoas utilizavam este trem para ir trabalhar e hoje já não existe mais, mas que ainda é um marco aqui da região, que fica no imaginário e que é uma identidade bem forte aqui também e que tem possibilidade da gente começar a fazer alguma coisa lá.

Bárbara

A quarta pergunta é a respeito de quais os valores e princípios que direcionam mesmo as ações do projeto organização e pelo lado inverso também, como se identifica e é identificado?

Julhiana

Bom acho que principalmente os princípios que a gente trabalha aqui, como eu já falei um pouco da reconexão, mas eu acredito que uma das potencialidades, uma das grandes importâncias é cada ser ser responsável e ser dotado realmente dessa possibilidade de ser um agente participativo no meio desse processo, logicamente e historicamente a gente passou por vários momentos e perdeu muito essa questão do fazer né e de ser um ser que faz e age dentro da sociedade. Então se falando de alimentação né, que é algo aí primordial e é algo sagrado mesmo, que sempre existiram a cultura e a sociedade que foram baseadas na agricultura e que a gente só se consolidou nas cidades a partir do momento que a gente aprendeu a plantar, isso há 10 mil anos atrás, então isso é tão primordiais e a gente acabou deixando essa ação e essa atividade para uma outra pessoa né, que no caso hoje a gente tem aí uma cultura extremamente destrutiva, então a gente traz essa possibilidade de realmente resgatar essa ancestralidade que está em cada um de nós e gente acredita muito nisso: que cada ser humano é um agricultor por natureza - e mesmo no espaço pequeno é possível resgatar esse valor e essa ancestralidade para que a gente consiga ser esse agente que participa dessa produção, então é por isso que a gente aqui trabalha muito também com as plantas que estão sumindo, com as plantas que estão desaparecendo, o que muitas delas são as chamadas PANC's - Plantas Alimentícias Não Convencionais - então a gente também procura resgatar essas plantas que tem essa rusticidade em si, porque a grande maioria das plantas e verduras que a gente consome mercados nas feiras são plantas muito dependentes da ação humanas né, e que elas acabaram perdendo a agressividade de sobrevivência no meio, então a gente acha muito importante também resgatar não só o ato do plantar, mas do que a gente vai plantar e o que a gente pode começar a consumir a partir de agora, sendo que a gente está no momento de mudança climática, a gente não sabe exatamente né o que pode acontecer daqui para frente com planeta, então a gente realmente tem que ter o conhecimento de plantas que a gente vai poder consumir que tão resistentes e resilientes, então a resiliência é um outro princípio que a gente usa aqui, é uma palavra dentro da Permacultura que é chave também, que significa a capacidade de adaptação a condições extremas, então a gente traz bastante os princípios dessa resiliência no nosso trabalho como princípio e um valor também.

Bárbara

Ahh legal, muito bom e só a respeito de como, digamos, o entorno e o público externo vê vocês também...eu acho que você até já deu comentada nas outras respostas, mas se você puder só fortalecer esse ponto de como vocês são identificados pelas outras pessoas?

Julhiana

Bem, esses conceitos e valores acabam ficando muito claros a medida do contato que a gente tem com quem chega até nós né, seja por um curso, uma oficina de um dia ou um evento que a gente promove, então mesmo até em um evento a gente tenta trazer esses conceitos né, na alimentação, no que a gente produz aqui né... e geralmente a visão que as pessoas trazem é realmente isso de ser uma... de ver isso como uma grande possibilidade, tem pessoas que chegam aqui olham nossa horta e falam: nossa! eu não sabia que dava para plantar em um caixote de madeira! - né - então isso mudou completamente a minha visão de produção de alimento, eu achava que eu tinha que gastar muito dinheiro - e aí vem que na verdade aqui a gente cria hortas a custos zero, porque a gente vai numa feira e coleta todos os materiais que a gente precisa e monta uma horta, Então é esta visão das pessoas verem a simplicidade que a gente precisa trabalhar né porque a gente tenta trabalhar muito com coisas simples e com materiais simples, a gente não traz coisas caras e tecnológicas para dentro do espaço, a gente trabalha com que a gente tem no entorno e a cidade é uma grande geradora de resíduos né então pelo fato dela gerar muito resíduo a gente também pode trabalhar e fazer essa relação, esse link, com a própria cidade e essa visão que eu acho que as pessoas saem daqui, que é muito fácil é muito simples é só a gente realmente ter a criatividade né... a agricultura urbana são desafios e criação, então é você olhar para um objeto e falar: nossa isso pode virar uma uma um Canteiro - então esse é um dos nossos objetivos né, despertar a criatividade.

Bárbara

Legal... a quinta pergunta é a respeito de como o projeto organização se relaciona com as outras organizações? Se se relaciona, de que forma, com que frequência e por quais meios?

Julhiana

Então a gente tem uma relação, uma parceria na verdade com muda SP né, que é o movimento urbano de agroecologia de São Paulo, são nossos parceiros, a gente sempre faz algum tipo de atividade com eles, seja numa feira agroecológica que eles convidam a gente para fazer parte, ou algum curso que eles precisam de que tenha alguém ali que fale um pouquinho sobre essa parte da agroecologia, da Permacultura também, então a gente sempre tem parceria com eles e se comunica pelos meios de comunicação aí né, nas redes sociais, whatsapp, enfim, aplicativos e tal, mas sempre a gente está em contato também porque eles são um coletivo né, são várias pessoas, e então quando tem algum evento ou eles vem aqui ou agente vai até eles também, e sempre tem as reuniões né que a gente também se encontra sempre que possível, porque não é sempre que a gente consegue então não é uma frequência constante, é uma frequência um pouco mais espaçada, por conta desse

monte de atividade, por conta de que realmente São Paulo ser uma cidade desse tamanho né e que tem poucos movimentos de agroecologia e Permacultura, a gente acaba tendo uma demanda de trabalho muito grande também né e isso é bom porque vai ali contagiando as outras pessoas que tem essa vontade né e essa potencialidade de trabalhar com isso. Outra parceria é com o SESC né, não só os SESC's da cidade de São Paulo mas a gente tem muita parceria com o Sesc do interior, então Bauru, Birigui, Sorocaba, Santos são cidades que a gente já foi e vai desenvolver algumas atividades ainda e a gente dá aulas e faz feiras também, eles tem o projeto vila ambiental, tem um outro projeto.. o Pétala por Pétala, o Primavera Periféricas, são feiras e eventos culturais que eles promovem e a gente sempre está junto levando o que a gente produz aqui no Arborecer, levando conhecimento também, levando oficinas e atividades que a gente desenvolve durante os eventos.

Bárbara

Vamos lá... caminhando para a sexta pergunta que é a respeito de como o projeto organização trabalha e se relaciona com o ensino-aprendizagem de Permacultura? Se sim, de que forma, com que frequência e por quais meios? Também acredito que você já falou um pouquinho mas se você também puder assim ser mais pontual nisso... então né, através de cursos, de workshops de longa duração, média...qual que é o formato assim de ensino e promoção de conhecimento que vocês fazem?

Julhiana

Então em relação à forma a Permacultura, tem duas formas que a gente trabalha... a gente tem um curso de Introdução à Permacultura que é um curso que tem a duração de um final de semana inteiro, é um bem curso introdutório mesmo, para as pessoas que querem ter um primeiro contato com a Permacultura, então dentro dele é passado todos os princípios né, os 12 princípios da Permacultura e as três éticas, então a gente trabalha em cima dos princípios e das éticas durante o final de semana com atividades teóricas e práticas né, e o Arborecer é um espaço que a gente abre ele para visitar eco educativas né, então que são essas visitas eco educativas? É quando a gente abre as portas da nossa casa para mostrar os conceitos de Permacultura urbana que foram aplicados aqui, então a gente tem um roteiro onde a gente mostra todos os elementos da casa que se conectam né entre si para que a gente consiga trazer essa ação cíclica dentro do sistema, para que a gente não precise trazer coisas eternas, comprar coisas de fora para usar aqui também e que a gente não gerem resíduos, então a gente tem essas visitas e a gente tanto faz com professores também da região de escola, quanto o público em geral que é quando a gente abre para receber as pessoas e forma grupos para mostrar realmente quais são os conceitos de Permacultura urbana e como a gente está aplicando no espaço...esses são os dois formatos que a gente mais desenvolve aqui.

Bárbara

A cada mês mais ou menos? Com que frequência?

Julhiana

As visitas eco educativas são mensais e o curso de introdução à Permacultura, ele tá tendo mais espaçado, a gente acabou de fazer um e agora a gente tem pretensão

de fazer um outro e talvez junho a gente vai ter um segundo, numa frequência de uns 3 meses assim.

Bárbara

A sétima pergunta é a respeito de quais dificuldades e desafios que o projeto organização enfrenta ou já enfrentou e também quais são as possibilidades e oportunidades potenciais com vocês visualizam?

Julhiana

Eu acho que o maior desafio é porque a gente tá indo totalmente contra fluxo né... a gente tá dentro de uma cidade super urbanizada, um dos maiores centros urbanos né, onde tudo é muito impermeabilizado e onde as pessoas tem o conceito de que folha é sujeira, então a gente precisa muito trazer a quebra desses paradigmas né e resgatar que não existe lixo dentro dos sistemas naturais...então tudo que é resíduo, dentro de um ciclo natural, para uma espécie, é início de ciclo para outra, então a gente tem alguns problemas no entorno em relação à reclamação de muita folha que cai no chão, então a gente tem esses desafios para lidar com o entorno e aí tentar mostrar um pouquinho que na verdade lixo é o que a gente coloca todo dia para fora da casa né, o plástico é o vidro é aquilo que vai para o aterro e vai causar um problema e a folha ela se decompõe ela vira alimento novamente e volta para o ciclo... então eu acho que o maior desafio é essa quebra de paradigma com as pessoas no entorno assim é tentar mostrar que aqui a gente não tá querendo voltar e resgatar e ser o homem das cavernas de novo né, mas a gente está querendo buscar realmente um viver mais harmonioso e coerente no meio urbano que é algo que tá bem longe de acontecer né, então nesse momento de transição, acho que todo momento de transição é muito difícil né, e a gente está nesse momento transitório, resgatando realmente todos os princípios e conceitos que eram e que sempre foram desenvolvidos pela humanidade e a gente tá trazendo ele para esse caos urbano, então acho que esse eu acho que já é um grande desafio que a gente enfrenta aqui.

Bárbara

E quais seriam as possibilidades, oportunidades potenciais? E que mais que você acha?

Julhiana

E de potencialidades assim, a gente acredita muito né, que assim, vendo os movimentos de agroecologia crescendo na cidade, embora sejam pequenos, mas existem muitas hortas comunitárias se consolidando, enquanto movimentos reais mesmo de desenvolver mutirões mensais e que estão unindo muitas pessoas, então a gente vê também que muitos desses lugares precisam de suporte, precisam de produção, produção de mudas, produção de composto... então como a gente é um espaço que tem a possibilidade de produzir esses insumos aqui, a gente também pode ser um auxiliar nessas ferramentas e movimentos que estão crescendo, sendo então como uma das potencialidades e possibilidades também.

Bárbara

Bem, para fechar, qual poderia ser a frase chave do projeto organização?

Julhiana

Nossa eu nunca pensei numa frase sozinha, difícil... a gente assim sempre pensa em tanta coisa... é que eu falo muito então eu vou ver...acho que o objetivo principal aqui é a reconexão né, a reconexão com os ciclos naturais, com essa potencialidade que a terra tem de trazer abundância, a gente sair desse pensamento de escassez que a gente vive hoje nas cidades e perceber que uma semente que você planta você colhe muita coisa então é isso que a terra tem para nos mostrar, é abundância... então acho que o Arboreser é a reconexão com ciclos naturais para a gente ter um entendimento da abundância novamente e poder agir no planeta com abundância né, como o planeta é e traz aí todos os dias para gente... e só para fechar, como a gente percebe até andando nas calçadas da cidade né, então a gente anda pela rua e vê a terra abundante querendo crescer de novo, então tudo que nasce nas frestas da cidade mostra para a gente que mesmo a gente cobrindo e impermeabilizando, é resiliência brotando ali no meio do asfalto.

APÊNDICE G – Entrevista 3 – Vila Itororó

Organização: Vila Itororó

Entrevistado: Diogo – Diretor e gestor do Polo Cultural Vila Itororó

Data: 17/04/2018

Bárbara

Hoje é dia 17 de Abril agora são por volta 10:30h e estamos aqui na Vila Itororó entrevistando o Diogo Viana. A entrevista é relativa a pesquisa de mestrado “Permanecendo na cidade: relações e identidades de grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo”.

A primeira pergunta é sobre como, quando em qual contexto o projeto- organização e como se relaciona com a área da Permacultura?

Diogo

Acho que se relaciona por esse uso de devolver para a sociedade um centro cultural de forma espontânea, onde as pessoas elas podem usufruir desse espaço, elas podem vir tocar um piano, vir fazer um processo dos seus espetáculos e também outras oficinas, elas podem vir utilizar esse espaço para cozinhar - a gente tem uma cozinha pública no espaço - também uma forma de acompanhamento com a clínica pública de psicanálise, que é bem legal, que tem o atendimento aos sábados e de atender todo o tipo de pessoa sem restrição.

Bárbara

Legal... E como que ela surgiu? Em qual contexto, em qual ano a Vila Itororó oficialmente foi fundada, ela foi legitimada ou tombada? Como foi o processo?

Diogo

Na verdade ela foi tombada em 2003 mas ela foi ocupada até 2013, onde saíram todos os moradores destas casas e se iniciou o processo de restauro da Vila Itororó e com o processo de restauro também abriu espaço para o que hoje é este Pólo Cultural e Criativo Vila Itororó para uso da população e do entorno, que a gente atende tanto a população aqui da Bela Vista como eu já conversei com pessoas que vieram de Guarulhos, da Mooca, da zona leste e de todos os lugares de São Paulo

Bárbara

Legal... E ela surge num contexto de não só recuperar um espaço histórico mas de abrir então o uso para a comunidade, para o entorno né?...

Diogo

Sim, ela surge também para debater um pouco o que vai ser o futuro desse centro cultural, se a gente vai ter um centro cultural com moradias para idosos, se a gente vai ter uma horta comunitária, se a gente área vai ter uma lavanderia comunitária, se a gente reabre a piscina, já que a gente tem uma nascente né no terreno da Vila Itororó, como reaproveitar a água.

Bárbara

Legal... a segunda pergunta é como o projeto-organização entende se relaciona com os campos de política, economia e meio ambiente? E o da cultura também.

Diogo

Então a Secretária (Municipal de Cultural) está fazendo essa gestão agora né, recentemente ela era gerida pelo Instituto Pedra né, que era uma instituição sem fins

lucrativos e a Secretária agora ela gere investindo em oficinas, então a gente vai dar oficinas de teatro, a gente vai ter vai ter oficina de fotografia, de capoeira, de dança afro, de dança de salão então é um espaço que o poder público ele tem essa responsabilidade de colocar em harmonia aqui com o bairro né, de colocar... para atividades mesmo com a população.

Bárbara

Há também uma questão de promoção da economia criativa e economia colaborativa? Esse ponto da economia né, como ela vista aqui dentro do espaço também? Por exemplo, a economia criativa ela está baseada justamente em ações artísticas e culturais né, na promoção ... aqui tem muitos grupos que eles ensaiam também né, isso acaba sendo sem dúvida uma maneira ou investimento até em relação ao espaço né vocês dão né?

Diogo

Ah sim, é uma oportunidade para os grupos, eles virem aqui fazer essa instalação e todo o projeto de criação de um espetáculo, tanto essa criação de um espetáculo como até a criação de uma tela, por exemplo, porque a pessoa pode vir e pintar uma tela, pode vir e usar o piano para praticar aulas de piano, tem toda essa relação sim...

Bárbara

Legal... e do meio-ambiente também a Vila Itororó se relaciona de uma maneira a resgatar e restaurar o ambiente antigo mas também de promover por meio das oficinas assim uma conscientização ambiental ?

Diogo

Sim, porque a Vila, ela passou por vários trajetos no meio ambiental, então aqui já teve horta, uma agrofloresta, e hoje com esse espaço sendo restaurado você não vê muito verde, mas o terreno, ele é super fértil, então tudo que se planta, nasce no terreno da Vila, então você andando nesse canteiro você vê um abacateiro com vida cheio de frutos né, tem uma mangueira né, tem muito verde que sobrevive ainda no decorrer do tempo e também tem esses tudo né de como trazer essa agrofloresta né, para esse terreno, num formato de centro cultural.

Bárbara

A terceira pergunta é sobre quais são as interações, relações e influências do projeto-organização com a cidade, o meio urbano e seu entorno? E o seu inverso? Acho que você já comentou um pouquinho mas seria mais nesse sentido mesmo de... é que isso está até na história do lugar né, na relação com o entorno e com a cidade né?

Diogo

É... é de proporcionar esses usos e ter esse espaço aberto para as pessoas usufruirmos desse espaço né, então a gente recebe escolas também, a gente recebe ONG's, agora também a gente tem atividades com um posto de saúde, as oficinas da cozinha também que é super legal, então é um jeito de abraçar essa população que necessita de um espaço cultural.

Bárbara

Legal... e o inverso também ocorre assim por exemplo, do que é produzido pelas pessoas aqui na vila Itororó muito também é levado para fora? As ações aqui são reproduzidas em outros lugares Tem gerado uma influência em outros espaços?

Diogo

Então, na verdade foi gerado esses móveis né que você vê para o espaço, mas muitas pessoas vem que participar das oficinas e trazem um material de caçamba para o próprio uso, então madeira pode virar uma cadeira, pode virar um armário, pode virar um banco então ele tem reaproveitamento muito pessoal.

Bárbara

A quarta pergunta é quais são os valores e princípios que são como diretrizes né, que direcionam o mesmo projeto organização e como se identifica e identificado pela também pela população e pelo entorno né?

Diogo

Então, desses usos né, porque as pessoas se sentem a vontade né... a gente abre e a partir que a gente abriu esse espaço, as pessoas podem entrar pode entrar sem precisar agendar, eu acho que é meio que isso, que as pessoas elas podem vir e ocupa livremente, tanto na hora do almoço né com essas redes, com as mesas dos jogos, com essa arquibancada que também pode ser uma sala de reunião, um cinema ou uma sala de dança...

Bárbara

Então não só ocupar o espaço mas como intervir né, reorganizar e criar também ... é uma relação bem ativa assim que vocês promovem para o público né?

Diogo

Diariamente...

Bárbara

E o público também identifica a Vila Itororó como? Você já recebeu algum relato assim, por exemplo, “nossa aqui eu sinto como se fosse minha segunda casa” ou “aqui é o meu estúdio, aqui é o meu atelier”, vocês já receberam relatos assim?

Diogo

Sim, tem muito isso... acho que esse primeiro impacto, as pessoas se identificam muito com a Vila né, tanto pela parte do galpão quanto à parte pela história mesmo que a Vila traz... quando você desce para o canteiro, ela tem toda uma história por si própria, então as pessoas elas querem e elas tem essa curiosidade de como as pessoas viveram e como ela foi construída, como esse espaço ele é muito de criação né, então elas tomam parte desse espaço para criação.

Bárbara

Legal... a quinta pergunta é a respeito de como o projeto organização se relaciona com outras organizações, com que frequência e por quais meios? Outras organizações nesse caso eu acredito que poderia ter desde os grupos de dança, de teatro que vem, até por exemplo grupos por vezes políticos, produtores culturais, como é feito né?

Diogo

Então, na verdade a gente tem a parceria com a CCA que é um grupo de escolas que sempre vem fazer a recreação com os alunos né, que vem com os monitores utilizar esse espaço em horário escolar, também com os grupos, então esses grupos

que têm essa relação do uso do espaço, que tem um controle com o uso do espaço, de se adequar e de saber onde tem cada espaço para eles ficarem.

Bárbara

E por exemplo há também outros centros culturais ou por vezes em galerias de arte, não sei, instituições em geral ou grupos independentes ou coletivos que vem beber da fonte de vocês também e às vezes vem pedir orientação e gestão ou algo assim? Há alguma parceria a nível institucional também?

Diogo

É, no momento a gente está nessa transição de administração, por hora eu não recebi essa ligação de outras instituições, mas a gente está em aberto para receber essas parcerias sim... só com eventos mesmo, então a gente tem eventos agendados para área da saúde, que é um movimento que vai receber as pessoas em situação de rua para fazer um debate aqui no espaço, então tem essa troca né, as pessoas vem sempre utilizar o espaço para isso mesmo

Bárbara

A sexta pergunta é a respeito de como a organização trabalha ou se relaciona com o ensino e aprendizagem de Permacultura? Se sim, de que forma, com que frequência e por quais meios?

Diogo

Eu acho que agora está muito ligado ao FABLAB, que tem essas construções que as pessoas elas podem vir criar seu projeto, ela pode tanto trazer um projeto, quanto ela pode vir pegar um projeto do catálogo né, do FABLAB para fazer essa criação, e também com os usos espontâneos do espaço acho que tem essa ligação

Bárbara

E com frequência mais ou menos existem atividades de Permacultura aqui sendo promovidas?

Diogo

De terça a sábado, a gente funciona das 09h às 17h horas.

Bárbara

Seria quase no horário de funcionamento do espaço, por conta de ser um espaço aberto para qualquer tipo de ação que possa vir a ocorrer?

Diogo

Sim...

Bárbara

E já houve algum tipo de encontro de permacultores ou, por exemplo, uma intenção de encontro de até mesmo de agroecologia, alimentos orgânicos... eu vi que vocês têm ação de composteira ali por exemplo e de coleta seletiva né?

Diogo

Já teve uma ação de cozinhar coletivamente, então foi feito nesse coletivo foi feito um encontro que as pessoas foram até a uma feira próxima e eles pegaram a xepa da feira, para fazer esse almoço coletivo, então teve esse encontro, também em

formato de oficina, para reaproveitamento desses alimentos da xepa da feira... que foi bem legal, bem produtivo com cerca de 35 pessoas participaram desse evento.

Bárbara

E isso faz quanto tempo que ocorreu?

Diogo

Ahh já faz uns três meses.

Bárbara

E isso pela maneira como ocorreu foi legal, então dá para ser promovido de novo? E tem algum tipo de grupo ou organização de Permacultura que está se relacionando com vocês para promover ações além do FABLAB?

Diogo

Tem o coletivo Riacho que os integrantes são os antigos moradores da Vila,então eles fazem esse debate e dão sugestões e eles sempre também debatem o que levar para Vila Itororó...

Bárbara

Isso é quase como um grupo de conselheiro que se formou a partir dos moradores e que segue atuando para a gestão né?

Diogo

Isso, também tem esse grupo de voluntários né, que são o grupo de psicanalistas, que fazem um atendimento na clínica de psicanálise aos sábados...

Bárbara

Que é direcionado aos moradores ou ao público em geral?

Diogo

A princípio foi direcionado para o atendimento para os moradores e agora, como eles estão em quantidade maior de psicanalista, eles também deixaram aberto para a população, então essa primeira acolhida ela é feita aos sábado às 9 horas da manhã, a pessoa chega e retira uma senha, deixa o nome e é atendida e se ela precisar de um acompanhamento, ai é durante semana com a disponibilidade do psicanalista.

Bárbara

A penúltima pergunta é: quais as dificuldades e desafios que o projeto-organização enfrenta ou já enfrentou e também o oposto né, então quais são as possibilidades e as oportunidades potenciais para a Vila Itororó?

Diogo

A Vila é, na verdade, agora com essa nova gestão da prefeitura, um desafio está sendo recontratar os oficineiros né, mas que já está sendo aplicada, porque agora no mês de Abril

a gente já recebe oficina de capoeira, de teatro, de fotografia, de dança de salão, de dança afro e de jogos também, de construção de jogos... e de o que fazer na Vila, acho que a Vila tem essa abertura né, tem um espaço de 5000 metros quadrados, então dá para se pensar e discutir muitas coisas para a Vila, como um Centro Cultural com uma cozinha pública em uma das casas... um Centro Cultural de marcenaria, um Centro Cultural de moradia para idosos, um centro cultural com uma

agrofloresta, com uma horta comunitária né, devolvendo também a piscina para população, então dá para se discutir muita coisa.

Bárbara

E só em relação mais ao início, que você acabou até já comentando um pouco, que foi tombado em 2003 ela fica ocupada até 2013 né, de 2003 a 2013, então acredito que esse também foi um processo de uma dificuldade, um desafio? Como isso foi visto na época?

Diogo

Sim, na verdade é essa tentativa né, porque os antigos moradores eles resistiram até 2013 e o que foi oferecido: apartamentos ao entorno mesmo, porque muitos desses antigos moradores foram morar em CDHU aqui na Bela Vista e uma parte em CDHU no Bom Retiro, então essa contrapartida né, de deslocamento, porque muitos moradores já habitavam a Vila a 20 anos, 25 anos, então teve essa dificuldade de desapropriação, tanto que a última moradora, ela ficou morando na vila sozinha até 2013, que foi a última resistir e ela só saiu realmente porque foi demolido a escada da entrada da casa dela, então ela não tinha como entrar e sair da casa.

Bárbara

Ah entendi...e em relação às possibilidades e oportunidades, além dessa questão do futuro, de tantas outras opções podem ser desenvolvidas, mas mais em relação a investimento e parcerias né... os recursos vêm diretamente do poder público através da secretaria ou também há parceiros privados que transformam o imposto de renda, enfim, de outras maneiras e fazem o investimento no espaço?

Diogo

Por agora as oficinas elas têm esse investimento da Secretária, o restauro vem é através da lei rouanet Lei Rouanet, e o FABLAB é através de uma parceria com a Secretaria Municipal de Cultura.

Bárbara

Estas seriam as parcerias atuais né?Legal... para fechar: qual poderia ser a frase chave do projeto-organização? Qual poderia ser a frase chave que representa a Vila Itororó?

Diogo

A frase que representa... eu acho que é: ocupem esse lugar - porque esse lugar é de vocês, é do público - venha para a Vila Itororó, porque este espaço é realmente um espaço de criação, de libertação e é um espaço muito bacana para a sociedade em geral.

APÊNDICE H – Entrevista 4 – Ponto de Cultura Quebrada Sustentável

Organização: Ponto de Cultura Quebrada Sustentável

Entrevistado: Vinicius – Gestor e líder do projeto Quebrada Sustentável

Data: 19/04/2018

Bárbara

Estamos dando início a entrevista com o Vinicius do Ponto de Cultura Quebrada Sustentável, hoje é dia 19/04/2018 e a entrevista está sendo feita para pesquisa de Mestrado com título: Permane (sendo) na Cidade: Relações e identidades de grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo. A primeira pergunta a respeito de como, quando e em qual contexto, ou seja, por que surgiu projeto organização e, dentro disso, como ele se relaciona com área da Permacultura?

Vinicius

Então o bairro foi urbanizado pelo CDHU na região de São Miguel Paulista Miguel Paulista, união de Vila Nova né, na maioria dos bairros da Várzea e por conta da demanda da população local, criaram um viveiro de mudas, que era tem outro espaço nessa rua mesmo, que depois foi transferido para cá e lá virou uma reciclagem e no início quando fizeram, chegaram até a fazer algumas oficinas de plantio e produção de mudas e coisas do tipo, que eu não sei exatamente quanto durou porque eu não participei, ai depois eu sei que finalizou esse projeto, ficou parado e ai aqui ficou ficou sem projeto especificamente e meio ambiente, de horta e de coisas do tipo, o que tinha que era um ou outro morador que vinha a fazer algum trabalho voluntário mais pontualmente, dentro das possibilidades, mas nada muito permanente ou com caráter assim maior né, era mais individual... aí, o Hermes, que é um dos fundadores do Instituto NUA, Nova União da Arte, que está aqui há uns 15 anos fazendo projetos de cultura, de arte e outros projetos, resolveu começar a fazer alguma coisa na área de Meio Ambiente né, e viu esse espaço aqui precisando de cuidado, precisando melhorar e viu potencial né, e aí fez um projeto com esse nome: Quebrada Sustentável, com o FUMCADE, Fundo Municipal da Criança e do Adolescente, que tinha um caráter mais de educação ambiental, que eu chamo mais tradicional, por conta de ser aquela educação ambiental que a gente tinha há, sei lá, uns 20 anos atrás sabe, do tipo: “jogue o lixo no lixo”, mas também que previa alguma coisa de horta, de produção, mas em uma escala pequena assim, e aí por indicação me apresentaram para ele, que estava procurando alguém para coordenar esse projeto e ele gostou de mim, da minha experiência, e eu moro mora aqui perto, em Itaim Paulista, e daí ele me convidou e aí eu já ressignifiquei todo projeto, trazendo a questão da Permacultura, da agroecologia, eu vi o potencial do espaço de ser um centro de trocas de comunitárias, de convivência, de empreendedorismo até... isso foi mais ou menos no final de 2014, Novembro eu acho... aí aqui também era ponto de cultura em algum momento que eu não sei se precisar, só o Hermes mesmo que vai saber melhor, que era Ponto de Cultura Cabo de Cabroeira da ZL, com ações de música, dança, hiphop, isso mais ou menos em 2015, 2016, só que ai quando ele vem a ser um ponto de cultura, ele (o Instituto NUA e Hermes) já tinha previsto dentro do ponto de cultura essa interface do meio ambiente também, então a gente pegou fez uma solicitação na Cultura (Secretaria Municipal) para transferir

para cá o ponto de cultura e mudar o nome, do Cabo de Cabroeira da ZL, onde virá o ponto de cultura Quebrada Sustentável, onde algumas ações de música e dessas coisas continuavam correndo no NUA, e as ações de meio ambiente ocorria aqui, sarau, feira de economia solidária também, tudo isso ocorria aqui com o apoio como centro cultural e de centro de meio ambiente... e também depois a gente conseguiu, junto com a Secretaria de Trabalho, uma bolsa, dentro do programa operação trabalho, tem um projeto de hortas e viveiros, que aí a gente conseguiu uma bolsa de R\$ 900,00 reais acho, uma coisa assim, para a gente desenvolver os projetos aqui... a sigla é POT - Programa Operação Trabalho, aí dentro desse POT tem várias linhas e uma dela é hortas e viveiros... acho que durou uns dois anos, aí depois foi suspenso na troca de governo e agora voltou, com menos bolsas e não pode repetir as pessoas também...

Bárbara

O que por um lado é bom que inclui novas pessoas mas ao mesmo tempo de ar uma descontinuidade né não faz com que as pessoas que estavam antes não possam me levar...

Vinicius

Primeiro que tem esse suspense e demora muito para retomar, segundo que você não puder mesmo ter um limite assim... é porque esse programa ele tem um caráter de política assim, de apoio por dois anos, a ideia é que a pessoa se capacite profissionalmente e passe a empreender, coisa que se faz assim, faço...

Bárbara

Bem, a segunda pergunta é sobre como o projeto organização entende e se relaciona entende com os campos de política, economia, meio ambiente e o da cultura? No sentido de se existe uma justamente uma promoção de economia solidária, criativa, um ativismo político, um ativismo ambiental, ou seja, um pouco dessas facetas assim...

Vinicius

Com certeza, o próprio caráter do projeto... um projeto de Permacultura na periferia eu acho que é um ato político e a gente vem trazendo uma nova cultura né, é um processo para transformar né, mas você vê que está transformando, da competição para a colaboração e de uma economia solidária e criativa sim, porque a gente tá trabalhando em outros moldes né, não é o paradigma posto aí, tradicional... a gente está regenerando a terra, regenerando as relações dividindo o trabalho né, dividindo os ganhos, os aprendizados e fazendo sempre discussão tanto local quanto para fora, tanto virtual quanto presente, sobre o que é meio ambiente, sobre o que é política pública na periferia, que que é qualidade de vida, que que é saúde, que que é o acesso a uma alimentação de qualidade e orgânica, que que é organização de base, como que a gente gera também o respeito por gênero, por classe... eu acredito que a nossa prática é bem dentro disso assim.

Bárbara

Legal... a respeito já da terceira pergunta: quais são as relações e interações e influências do projeto organização com a cidade, com o meio urbano e o seu entorno? E o seu inverso? Ou seja, quais são os diálogos existentes sobre as ações

feitas aqui na periferia com a região da zona leste e ademais com a cidade inteira? Quais são as redes que se formam ou se formaram? Enfim, um pouco disso...

Vinicius

Aqui é o marco pro bairro assim... quem conhece aqui, quem se aproximou desse projeto aqui no bairro sabe que é um projeto que se tornou uma referência né, não só no bairro talvez, até um dos projetos entre outros que existe na cidade que se tornou referência em Permacultura na periferia né... de transformação assim... então nós temos muitos relatos aqui de cura de depressão, de melhorias de qualidade de vida, de ganhos financeiros por conta desse projeto... e a regeneração que você vai tendo, o embelezamento que você vai tendo, o contato com a natureza e as crianças que você proporciona, então isso vai causando impacto. Eu também participo do Conselho Regional de Meio Ambiente, que é o CADES de São Miguel e a gente concorreu também e ganhamos na comissão de desenvolvimento sustentável municipal, que foi uma comissão que eles abriram por regiões né, por exemplo, Zona Leste seriam duas ou três ONG'S que representariam e a gente tá lá, só que infelizmente nunca funcionou né, eles nunca convocaram para funcionar esse Conselho Municipal de Meio Ambiente...

Bárbara

Ele foi criado um tanto assim no papel, não realmente no campo prático?

Vinicius

Não foi... até saiu uma convocação no Diário Oficial, mas nunca funcionou...

Bárbara

E por falta de mobilização dos agentes ou...

Vinicius

Do poder público, porque é o poder público que convoca...

Bárbara

Ahh... então houve uma formação e não houve uma convocação e um início de movimento?

Vinicius

É... foi aberto o chamado para concorrer, enviamos um monte de papelada, burocracia e nunca houve uma convocação da primeira reunião.

Bárbara

E isso dentro do CADES, não?

Vinicius

Isso é municipal, é como se fosse um CADES da cidade...

Bárbara

Ahh só que direcionado para o meio ambiente... e qual que era o nome, perdão?

Vinicius

Acho que é Comissão de Desenvolvimento Sustentável, alguma coisa assim...

Bárbara

E isso foi que ano foi?

Vinicius

Acho que foi ano passado ou retrasado... a gente se relaciona com outras instituições aqui também e com a rede, com as redes né, tem a rede permaperifa, os coletivos de Permacultura da periferia, tem também... já tivemos ação junto com o

MUDA, já fizemos ações e projetos junto com a associação de agricultores da Zona Leste, já tivemos projeto, parceria com o SESC Itaquera, já teve também ação aqui no bairro do verdejando, que é um programa voltado para o meio ambiente né, da Globo, e relações fora do bairro também, Sesc de outros lugares... já participamos do festival Cocidade, do virada sustentável, já fizemos parceria com outro projeto na Cracolândia de fazer plantio... a gente já teve muitas conexões, já recebemos muitos grupos, de faculdade, de escola de CCA, de deficientes, vários assim, de estrangeiros, já teve muita gente que veio aqui já.

Bárbara

Legal... partindo agora para quarta pergunta: quais os valores e princípios do projeto organização e como se identifica e é identificado dentro da rede, dentre as pessoas envolvidas, o entorno?

Vinicius

É, os valores básicos da Permacultura mesmo né, o cuidado com a terra, com as pessoas, a partilha justa, mas tem que ter um recorte assim né, periférico, bem forte... de classe estudantil, isso é uma coisa bem forte né... e eu acho que é bem forte também na questão da mudança de paradigma, tanto das técnicas em si, de plantio, de fazer, quanto à da questão da democracia interna, das questões de poder, das relações de poder, é uma transição o que a gente vem fazendo aqui, de uma hierarquia mais vertical por uma mais horizontal e aí são períodos que está mais horizontal, aí tem períodos que volta a dar uma verticalizada verticalizada e vai tendo essa oscilação assim, tanto verticalização quanto horizontalização, é um processo que né, vai se construindo...

Bárbara

E existe algum tipo de nome ou palavra ou talvez imagem, identidade que as pessoas envolvidas e os visitantes, os participantes, eles veem aqui o lugar, o projeto?

Vinicius

Então as pessoas daqui chama muito de viveiro, viveiro escola, porque surgiu com esse nome, mas eu acho que as pessoas de fora conhecem mais como quebrada sustentável né, porque foi realmente o que colocou na rede e causou um impacto e transformação maior com a Permacultura né, nessa linha e foi ele que foi para fora e para a rede e extrapolou e tudo mais.

Bárbara

Legal... partindo agora para quinta pergunta, eu gostaria de saber como o projeto organização então se relaciona com as outras organizações? De que forma, com que frequência e por quais meios? No sentido de, exemplo, comércio da venda dos orgânicos ou mesmo da questão de capacitação também né, com as outras organizações não só a nível do Entorno mas o nível um pouco mais fora da rede mesmo, ou seja, como ocorre né, quais são as principais parcerias que rolam nesse sentido e quais meios né, se é uma organização que começa virtual e depois vai para nível físico e com que frequência também, em média?

Vinicius

Então, vou falar da relação com o poder público... a gente atualmente tem essas bolsas da Secretária do Trabalho e essa matéria orgânica que você vê aqui

acumulada vêm das podas da Secretaria do Verde, a gente tem uma parceria que eu não diria nem que é institucional assim, é um contato que a gente tem com próprio coordenador do serviço né, a pessoa que coordena a poda sabe desse espaço, da importância.. e para ele é bom também, porque ele tem pouco espaço para armazenar esse material, então para ele escoar para cá é uma solução e para a gente também, então é bom para os dois... e com o poder público é só, é só essa relação de bolsas e poda... e já houve editais, a gente já conseguiu edital com o fundo socioambiental casa, foi bem legal e atualmente a gente já tem novos editais aprovados no FUMCADE e no CONDECA, só que a verba tá parada e não sei por quê, faz um ano já... e relações com outras organizações, tem o CREM, que trabalham com nutrição e o resíduo orgânico deles vem para cá para fazer compostagem e também já houve visita dos usuários deles aqui, que os nutricionistas vem falar de alimentação orgânica, suco verde, o Marista também, que é uma organização daqui, já veio algumas vezes aqui, já visitou, fez oficina, já contratou serviços nossos né, porque aqui dentro aqui do Quebrada, eu gosto de usar a palavra incubado o grupo de mulheres de agricultura Urbana, o Mulheres do GAU - Grupo de Agricultura Urbana, porque a ideia é que elas tenham autonomia em algumas ações que dizem respeito somente a elas né, das produções, da divisão de lucro, de decisões, algumas coisas que elas podem exercer esse protagonismo independente das relações de poder que existem né, elas podem talvez não decidir o destino do espaço, mas se tem um serviço, elas que decidem entre elas como, quando e por quem esse serviço vai ser feito, que já é algum nível de autonomia conquistado... semana passada mesmo elas foram servir um café lá no SASP, onde eu comecei a dar um minicurso Permacultura e, digamos assim, quando eu vendi meu projeto para eles, eu incluí elas para elas fazerem um café da manhã de abertura, para as pessoas verem né, que é possível fazer coisas gostosas e saudáveis né, então elas deram uma palestra super legal e a degustação dos produtos, do suco verde e todo mundo curtiu e vai rolar agora também no feriado, uma feira, em Registro no SESC, que vários produtos daqui vão ser vendidos lá...

Bárbara

E a frequência do espaço dialogar com outras organizações aqui, diríamos uma vez ao mês? Uma vez a cada quanto?

Vinicius

Tem a questão do CDHU que é uma convivência, então assim você pode pensar que o Grupo de Agricultura Urbana é o que tá cuidando aqui dia a dia, que tá nessa convivência com o CDHU, mas esse grupo de agricultura urbana é informal, a instituição que é o apoio desse grupo é o NUA, o apoio institucional, e as vezes de recurso e articulação né, então as vezes quando tem coisas para dialogar é o CDHU com o NUA, junto com o grupo de agricultura urbana, é mais ou menos essa engrenagem... quando eu tava aqui, a gente fazia quase que semanalmente reuniões e algumas reuniões para lidar com questões maiores era mais mensais.

Bárbara

A sexta pergunta é a respeito de como o projeto organização trabalha ou se relaciona com o ensino e aprendizagem de Permacultura? Se sim, de que forma, com que frequência e por quais meios? Ou seja, aqui mesmo já foi assediado curso

de Permacultura né, tem acho que o próprio campo escola né, se você pudesse contar um pouquinho das ações que já foram feitas aqui em relação a Permacultura...

Vinicius

Já teve bastante mutirão, é muito mais prática do que teoria, mas já teve curso também, então já teve curso de captação de água da chuva, a gente tinha ali um sisteminha, mas é que a base quebrou e a gente reconstruiu uma outra base e aí tá precisando finalizar... já teve curso de detergente ecológico, de agrofloresta, de bioconstrução, marcenaria sustentável, vários cursos já teve aqui e muitas vivências, o que não deixa de ser curso de alguma forma.

Bárbara

E aqui de estrutura física como exemplo de ações de Permacultura, quais são?

Vinicius

Captação de água da chuva, círculo de bananeira, compostagem, agrofloresta, bioconstrução, economia solidária, tem a casinha de trocas, produções de mudas, arborização urbana também, reutilização de água pluvial, água de nascente e de lençol freático.

Bárbara

Beleza... a penúltima pergunta é a respeito de quais as dificuldades e desafios que o projeto organização enfrenta ou já enfrentou e também quais as possibilidades e potenciais oportunidades? Né, dentro desse período de existência e ação...

Vinicius

A questão dos recursos financeiros, que é sempre uma questão que pega, não tem jeito... e acho que a falta de um design social para a questão dessas relações de poder, acho que é um desafio muito grande, acho que tinha que ter algum tipo de estatuto ou regulamento que previsse alguns princípios e desse alguns direcionamentos, algumas diretrizes de como as decisões são tomadas, quem é responsável pelo que sabe... essas questões de participação social mesmo, acho que isso seria bom se existisse, se estivesse mais desenhado ... esse eu acho que é um dos maiores desafios, é mais ainda do que a falta de recursos.

Bárbara

E quais seriam as principais potencialidades, possibilidades e oportunidades potenciais assim para aqui, o entorno, o projeto?...

Vinicius

Eu acho que tem potencial para ser um negócio social né, a gente tem aqui desenhado um projeto de fazer uma padaria, um café, assim profissional, regularizado e com licença da ANVISA e claro, dentro das limitações que a ANVISA impõe, a gente incluir o máximo possível de sustentabilidade também na construção do projeto, mas a ideia é ter uma padaria que possa produzir pães, tortas, salgados, sucos, cafés e um lugar aconchegante para que as pessoas possam vir e tomar um café, ter um café da roça, além de um forno industrial, pode ter um forno e fogão a lenha, fazer rodadas de pizza, cinema ao ar livre, ter wifi livre sabe... ser um ponto assim até de turismo para a periferia, eu acho que esse é um dos maiores potenciais

aqui do espaço e também potencializar isso de ser um viveiro escola, de ser um ponto de Permacultura e potencializar isso, fazer cursos que gerem recursos para o projeto, para o espaço, então você pode promover cursos para instituições e pessoas que possam pagar e de repente dar bolsas para quem é daqui, ou de outra periferia e que não tem condição... e que isso sempre foi feito na verdade e remunerar né, o espaço, as pessoas, eu acho que tem esse potencial para fazer isso né... assim como tem um potencial de ter outras parcerias, de repente ser um espaço para locação de eventos ou coisas do tipo... então assim, eu vejo esse espaço como potencial projeto de negócio social, onde na prática é uma cooperativa, na formalidade não sei se seria, mas na prática é uma cooperativa, mas esbarra nas outras questões que a gente já falou, dos desafios... recursos e poderes.

Bárbara

Agora para fechar então eu gostaria de saber qual poderia ser a frase chave do projeto organização? O que talvez poderia numa frase representar o que vocês tentam fazer aqui, o que vocês estão fazendo aqui na verdade né, enquanto projeto e organização Quebrada Sustentável?

Vinicius

Eu diria que “Resistência é amor”... acho que é um processo de determinação, diante os desafios, resistir para transformar. Resistência é por que? Por amor... porque se você tirar tudo, tudo mesmo, e for na essência... é por amor!

APÊNDICE I – Entrevista 5 – UMAPAZ

Organização: UMAPAZ

Entrevistado: Agni – Funcionário gestor da UMAPAZ

Data: 21/04/2018

Bárbara

Hoje é dia 21, sábado, agora são 11 horas da manhã, a gente está fazendo a entrevista com o Agni da UMAPAZ, que vai responder dentro da sua perspectiva pessoal a respeito das atividades que desenvolve, ele não está respondendo pela instituição. Bem a primeira pergunta é a respeito de como, quando e Em qual contexto, ou seja, por que surgiu o projeto organização e como se relaciona com a área da Permacultura?

Agni

A UMAPAZ surgiu ... acho que foi por volta de 2005, não tenho a data exata, foi a secretário do Verde e Meio Ambiente, o Eduardo Jorge, e nessa hora, pelo que eu sei, ele resolve inovar a educação ambiental, que tinha uma forma de atuar na Cidade, e ele cria esse espaço físico aqui né, que esse espaço é e sempre foi da Secretaria do Verde mas estava emprestado, para uma outra secretaria, ele então ocupa esse espaço e pede para o pessoal sair e então cria esse conceito aí de uma Universidade Aberta né, pela Prefeitura, o que é uma inovação, acho que nunca soube de algum outro exemplo... e aí ele coloca a Rose Inojosa né, a Rose Marie inojosa que foi a primeira diretora da UMAPAZ e que criou o conceito, filosofia, o trabalho né, inclusive a questão da cultura de paz aí também né que vem ser colocada junto com a questão ambiental, o que pode-se dizer também que é uma inovação, não tem nenhum outro município que eu saiba que colocou isso como um tema, uma agenda... a questão da cultura de paz que conversa com a questão ambiental, mas poderia estar em outro lugar, mas ele coloca junto... isso foi mais ou menos nessa época aí de 2005. Dentro das temáticas, das ideias, uma dos incentivos é trabalhar a questão ambiental né, e dentro disso a questão de agricultura orgânica e outras práticas mais sustentáveis né.... o próprio Eduardo Jorge era vegetariano e ele incentivava isso né, então na época também tinha aí as temáticas de vegetarianismo, inclusive como uma prática que é condizente com a preservação ambiental, porque se você pensar na produção de carne, a área que você tem que ter para produzir carne, e esse mesma área que poderia produzir muito mais alimento vegetal né, então tem toda essa questão aí de produção de alimento, segurança alimentar, tudo isso vem e naturalmente da agricultura orgânica, na eco economia, nos serviços ambientais, tem vários nomes né... na época tinha economista mais ambiental né, hoje em dia essa parte econômica não está tão forte, enfim e aí a Permacultura vem nesse contexto entendeu... mas hoje inclusive, até hoje, a gente tem o curso de agroecologia, a própria escola de jardinagem incentiva né, que seja feita uma jardinagem com componentes naturais, então farinha de osso, torta de mamona, esse tipo de coisa que não tem nada de insumo químico né... a Permacultura tá dentro então aí!

Bárbara

Legal... e acaba sendo até então como uma consequência, não necessariamente uma ação de início né?

Agni

É, não foi o carro chefe, até porque a gente é uma Secretária de Verde e Meio Ambiente num ambiente bem urbano né, então tem outras temáticas que naturalmente vem primeiro, como discutir a questão da agricultura urbana talvez pode falar né, que em uma Cidade como São Paulo ela vem antes até né, do que Permacultura... então a agricultura urbana sempre teve ai, como um tema também né, que circulou e que sempre circula, aqui você tem vários cursos que conversam com tudo isso né... na época da Rose ela botou muito curso conhecido como Carta da Terra, que é um curso antigo, tradicional e está baseado na Carta da Terra que vem junto com a Agenda 21 né, na ECO-92 né que é lançado a Carta da Terra né, e toda essa filosofia né, esses valores que estão dentro da Carta da Terra, a Rose fez virar um curso né, que até hoje existe...

Bárbara

E é interessante também porque na ECO-92 também que oficialmente a Permacultura entra no Brasil, foi em Porto Alegre, com Bill Mollison né, quando ele vem e cedia o primeiro curso também

Agni

É, nessa época aconteceu muita coisa né, muita coisa ao mesmo tempo... a própria Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, ela é criada em 93, com decorrência disso né, antes disso a gente não tinha uma Secretária do Verde, ou do Verde e Meio Ambiente... foi criado justamente na esteira do ECO-92... acho que, pode-se dizer assim, a parte de meio ambiente ficava dentro da Secretaria de Obras, no departamento de parques e áreas verdes, então se você pega a UMAPAZ, ela tá dentro da Secretaria do Verde, mas a Secretaria do Verde ela vem do DEPAV, um departamento de Parques e Áreas Verdes, que cuidava da manutenção dos parques e áreas verdes da Cidade, mas ficava na Secretaria de Obras e serviços... então esse DEPAV, ele é colocado como núcleo, faz-se a Secretaria do Verde a partir desse núcleo e a escola de jardinagem também estava nesse núcleo... a escola jardinagem tem 40 e poucos anos né... e aí que tá, a ideia da UMAPAZ, acho que ela ajudou nesse sentido, porque continua sendo feita a educação ambiental que tinha antes, já existia o Departamento de Educação Ambiental que foi criado em 93, junto com a secretaria, só que aí ganha uma projeção, porque você ganha um espaço físico, então aqui virou, pelo menos na minha visão e de alguns colegas, a gente considera que aqui é um espaço de referência, não que a gente vá atender a Cidade inteira né, mas a gente tem um atendimento que muita gente vem até aqui né, gente da cidade inteira né, da Zona Leste, extremo Sul, mas a gente aqui virou, vamos dizer, o que a gente chama de centro de referência, então vamos dizer, na época da Rose, a gente tinha verba para contratar oficineiros e descentralizar o trabalho daqui né, então o que a gente não conseguia alcançar no espaço físico né, nas pontas, reproduzia através dos oficineiros e a gente dava uma supervisão, orientava né...

Bárbara

A segunda pergunta é referente sobre como projeto organização se entende e se relaciona com os campos de política, economia e meio ambiente e o da cultura?

Agni

É... a gente tá dentro do Município né, então o município ele já, naturalmente quando você tem os três níveis né, federal, estadual e municipal, então o local, como característica do nível local, não é muito mexer com economia, não influencia muito na economia do país né... então você pode falar que a gente tem políticas públicas né, de meio ambiente né, que aí é o que eu falei agora pouco que a UMAPAZ é criada nesse esteira né, da criação da Secretaria em 93, e aí vamos dizer, numa evolução né, numa estratégia talvez até que o Eduardo Jorge pensou que seria interessante criar esse espaço físico para facilitar a disseminação das políticas de educação ambiental, claro que isso é uma opinião dele, mas que tem colegas que tem outras opiniões, que pensam em outras estratégias para políticas de educação ambiental entendeu, uma das críticas é isso né, a capilaridade né, como que você chega na ponta né... agora a questão tem isso, mexe com questão de recursos né, econômicos aí né... mas assim, a gente não influencia a economia sustentável né, porque a gente não tem esse poder talvez... a Secretaria, não a UMAPAZ, mas a secretaria do meio ambiente já teve algumas estratégias de influenciar um pouco a economia né, com programas, por exemplo, assim que incentiva o uso de papel reciclado né, a gente aqui até hoje usa aqui papel reciclado né, não usa papel branco, até os copos descartáveis né, que na verdade a gente incentiva os alunos a trazerem a canequinha deles né.... e bem, a UMAPAZ ela entra como uma estratégia para a educação ambiental né, e a questão da economia, a gente aqui dá cursos que discutem que a temática da economia ambiental, criativa, economia verde né, tá dentro e que ali você vai ter a discussão desse tema da economia e como que ela pode ser mais sustentável dentro dos cursos né, a gente não tem condição de influenciar a economia, mas como eu te falei, a prefeitura e a Secretaria do Verde já tiveram políticas públicas, no sentido de até comprar material né, que a prefeitura compra materiais né, nesse sentido ela pode influenciar o mercado né, que ela é uma compradora grande... aí se você pensar nas escolas, Secretaria de Educação que compra muito material para escola, então se a Prefeitura fala “olha amanhã eu só vou começar a comprar papel reciclado, aí você impacta o mercado, então nesse sentido, você vira um comprador que exige comprar papel reciclado né, e o mercado começa a produzir esse tipo de insumo, esse tipo de material né, então nesse ponto a Secretaria do Verde já teve várias iniciativas nesse sentido né, de influenciar a economia e fazer com que ela se torne mais sustentável né... a UMAPAZ aqui é mais no campo das ideias né, dos cursos, de disseminar valores né, trocas... o espaço aqui é para isso né, troca de informações, as tribos se encontram aqui, tem um pessoal da dança circular né, que é o que eu falei, que tá mais ligado a isso que a gente chama de práticas integrativas né, então são pessoas mais ligadas na percepção do que tanto no conteúdo teórico né, mas também trabalham as pessoas né, a medida que as pessoas acalmam e se conectam com o ambiente né, outra linha né... você conecta pelo conceito, teoria, mas você pode conectar na percepção, na sensibilidade, no acalmar né, aí vem mesmo até questão de saúde né

Bárbara

Legal ... a terceira pergunta é quais as relações e interações e influências do projeto organização com a cidade, o meio urbano e seu entorno ?E o seu inverso?

Agni

Eu acho que aqui o nosso contato né, como eu disse, é no campo das ideias né, a gente difunde ideias e é um espaço também para virem à atores ai, se expressarem aqui em parceria junto com a Instituição, a gente ,como eu disse, aqui é a gente é um órgão da prefeitura né, então a gente tem uma formalidade né, a gente tem um estilo de agir de uma organização governamental né, a gente não é uma ONG né, as vezes o pessoal acaba confundindo, então eu falo que a gente é uma OG né, mas a gente tem essa relação natural, porque se a gente está dentro de uma Prefeitura né, a relação com a cidade vem naturalmente nesse nosso próprio escopo de trabalho, da prefeitura, como eu falei, da secretaria do verde e do departamento de educação ambiental, e a gente se relaciona nesse sentido, como eu falei, fisicamente a gente gostaria de alcançar mais a ponta, até no momento a gente está aí com o edital né, para contratação de oficinairo, então é o que eu te falei, é essa estratégia de como a gente não tem braços e pernas para ir até todos os lugares da Cidade, a gente procura usar os equipamentos públicos, então a gente pode usar por exemplo um parque né, você pode pegar um parque da cidade que tem uma estrutura ali que é uma sala de aula, com um equipamento de mídia que pode oferecer aí para você projetar um slide né, então aí quando tem essa estrutura a gente usa esse espaço e vai até a ponta, aí pode até uma pessoa daqui né, um professor aqui da UMAPAZ, que é mais difícil né, porque a gente já tem agenda daqui, mas a gente fica sempre à disposição para treinar, que já aconteceu isso, a gente já treinou multiplicadores, então é uma estratégia né, com essa relação com a Cidade, é treinar multiplicadores e contratar também né, o multiplicador pode ser até um voluntário tá tem gente que vem na base do voluntariado, tem aí toda uma formalidade, aí a pessoa vem e preenche um documento também para mostrar que não há vínculo profissional e se colocar como voluntária, tem uma serie de critérios que estão todos no edital né... e aí isso vem para ajudar a gente justamente nesse descentralização, então tem 51 áreas temáticas se não me engano né, e abrangendo, digamos, todo o escopo do nosso trabalho e um pouco do que a gente também não faz, então tem áreas temáticas que a gente não tem competência para falar, porque não profissional aqui, então às vezes a gente chama alguém para complementar a nossa deficiência né...

Bárbara

E vocês então recebem pessoas da cidade inteira que vem até aqui e ao mesmo tempo, no inverso, vocês também tentam partir daqui para as outras partes da cidade, para levar até as outras partes da cidade... existe uma concentração talvez das atividades mais frequentes aqui, de ter um público mais da região, do entorno? Como é a relação com o entorno?

Agni

É, sempre que você tem um espaço físico, lógico que o pessoal mais próximo vai ter mais facilidade de acesso né, a gente tá aqui por uma conveniência na época, como eu te falei na época em que o Eduardo Jorge resolveu criar, de que já tinha uma

estrutura nossa né, da Secretaria do Verde, porque se não a gente teria que alugar um espaço né, aí envolve a sustentabilidade econômica né, e esse espaço já era da Secretaria do Verde e estava emprestado para outra Secretária, então foi ocupado né, não incorremos em nenhum custo extra, então foi muito mais fácil...

Bárbara

E a relação com o Parque Ibirapuera mesmo?

Agni

Sim, então, não dá para desassociar né, então porque, pela uma questão ambiental, seria muito difícil, mas até poderia falar da questão ambiental num prédio no centro da cidade, então como tem essa parte que a gente chama de práticas integrativas, que tem essas outras áreas que a pessoa absorve, que não são só teóricas né, que é estar no lugar... então a gente tem uma série de cursos que usam esse espaço né, então eu diria que assim, a UMAPAZ é indissociável do Parque nesse sentido, por isso que a gente procura usar até outros parques que tem alguma área verde, para poder reproduzir alguns cursos que a gente dá aqui, então, por exemplo, você tem a trilha da Aventura né, que você leva as crianças e os adolescentes, jovens, para andar no espaço e que você usa a própria vegetação do parque como sala de aula né, o curso de jardinagem é outro exemplo, que tem o campo experimental, que é um espaço que fica aqui dentro do parque e onde já tem toda uma série de vegetação que a gente plantou, tem horta né, então tem uma série de áreas lá que já são para fins didáticos, então a gente está naturalmente ligado né, o parque com a UMAPAZ e uma série de outras atividades que usam né, o Viveiro Manequinho Lopes, o próprio parque, o campo experimental... então toda essa massa verde, inclusive ali o Jardim de Chuva né, que tá ali e talvez você vão mostrar em uma foto, então tudo isso está aqui, não teria como você não dar aqui, agora a gente pode reproduzir em outros outros parques da cidade, mas é que aqui também não foi possível né, a gente faz, como eu te falei, esse trabalho com os oficineiros, com voluntários e tenta reproduzir o que é possível, e o que não a gente chama para vir aqui né, a gente dá vários cursos aqui ligado a vários instituições da prefeitura para treinar zelador de praça né, tem um programa que chama zeladores de praça, então são pessoas que cuidam de áreas verdes da cidade, então eles vem aqui receber capacitação com a gente entendeu, e então a gente precisa desses espaços verdes para mostrar né.

Bárbara

É... e eu acho que tem uma curiosidade né, porque o parque é muito grande, recebe uma demanda grande de visitantes e turistas até, e infelizmente da proporção dos visitantes, nem todos realmente conhecem a UMAPAZ, mas ainda eu acredito né, falando leigamente, que a UMAPAZ por si também já tem uma demanda bem grande né, uma procura grande e que deve poucas vezes chegar a ter atividades que ficam em branco né...

Agni

Ahh não, a gente tá tentando até suprir outros horários e dias da semana né, mas tem muita demanda sim, o curso de jardinagem por exemplo, a gente faz o possível para ter o máximo de turmas por ano e mesmo assim tem uma fila de espera,

porque o curso é bom, realmente tem qualidade e a gente tem aqui alguns cursos que são únicos né...

Bárbara

Sim, e ao meu ver, particularmente, eu acho que existe uma questão de você se apropriar do espaço, por exemplo, do Parque mesmo né, você criar uma relação mais forte de pertencimento né, a partir do momento que você constrói e a ajuda de alguma maneira para aquele espaço e como um saber que você também né... então rola uma apropriação assim muito positiva...

Agni

É então, a ideia é essa, fazer as pessoas gostarem da natureza né e conectarem com ela porque aí você ajuda né... você só preserva o que você gosta né, então a relação emocional também é importante, é uma coisa que não se fala muito mas que é importante... mas é essa pessoa que começa a aprender a se conectar com a natureza, tem a questão de saúde também né, autocuidado... tem haver com o sensorial, com conectar com o meio ambiente...

Bárbara

Quarta pergunta: quais os valores e princípios da organização, como se identifica e é identificado? Acho que até já passamos um pouco mas se você puder talvez ressaltar esses pontos...

Agni

Então, eu não estou falando pela instituição né... mas a gente tem alguns valores que eu vou lembrar, porque são os que eu tenho mais afinidade, mas por exemplo, acho que só essa questão que eu coloquei no início, sobre a cultura de paz, junto com a questão ambiental e um pouco que eu já falei também aqui das práticas integrativas né, que não são só teóricas né, que são vivenciais né, são práticas que você experiência né, como a dança circular e outras práticas que tem aqui de conexão com a natureza né, já mostra alguns valores, ou seja, a gente pretende que a pessoa também se integre com o meio ambiente né, que ela realmente se conecte né, e perceba... muitas vezes as pessoas não têm olhar para o meio ambiente, quando elas vem aqui a gente começa a trazer reflexões né, então são valores de sustentabilidade né, quando a gente vem falando... essa questão do urbano né, como é que é a questão ambiental no ambiente urbano né, fazer muito as pessoas se preocuparem com os recursos naturais por exemplo, a água né, a questão de, valores né, preservação do meio ambiente, o não desperdício, por exemplo a questão da água mesmo né, São Paulo alguns anos atrás vivia uma crise hídrica né, então foi até uma oportunidade para a gente discutir esse assunto aqui né... valores assim, tem inúmeros né... não sei eu consigo lembrar de todos, mas como eu que eu falei, a questão da cultura, de paz preservação ambiental, conexão com meio ambiente né... a questão do diálogo né, por exemplo, uma das práticas aqui né, dos cursos, é o curso de diálogo né, de comunicação não violenta, de mediação de conflito, que está tudo ligado à cultura de paz... a própria questão ambiental, se você for ver, muitas vezes ela está inserida num território, então quando você tem os atores num território e eles discutindo a questão ambiental, você acaba de tendo que ter mediação, acaba tendo que ter diálogo né, então as pessoas discutindo numa praça mesmo né, num bairro, você já tem a questão da cultura de paz, da

convivência, da tolerância, diálogo e a questão ambiental junto né... o que pode ser um link aí né...

Bárbara

E só essa questão de, por exemplo, como se identifica e é identificado, ou seja, como vocês ... o que você comentou antes, por ser um lugar de referência né... dessa questão de capacitação ou mesmo de conteúdos ambientais né, uma fonte mesmo de conhecimento né, então como vocês se identificam e ao mesmo tempo também como... se já houve também algum relato de algum visitante, participante de “nossa aqui eu vejo vocês como...” sabe... alguma coisa... então como é identificado

Agni

É difícil eu falar por todos né, mas eu entendo sua pergunta... eu acho assim, aqui tem uma coisa positiva na UMAPAZ né, é que ele sempre foi um laboratório, então a gente faz muitas experiências aqui e vai selecionando o que dá certo né, e a gente tem avaliações dos cursos e a gente usa o feedback dos alunos também para melhorar né e como eu te falei, até no momento a secretaria está fazendo uma reestruturação, então tá sendo discutido aqui internamente com os técnicos e professores essa questão dos valores né, a gente tá atualizando um pouco e revendo né, essa questão dos valores... mas aqui, eu acho, a nossa identidade é como pessoas que querem, vamos dizer assim, passar o conhecimento né, da Secretaria do Verde porque tem muito conhecimento produzido pelos técnicos da secretaria, ao mesmo tempo de também servir de canal né, de comunicação do poder público com a sociedade civil né, porque a gente aqui está entre um setor técnico né, e o próprio o cidadão né, que recebe esse conhecimento, então a gente tem esse canal de mão dupla, a gente pode levar de volta um pouco da percepção, as questões que os alunos trazem né, para ver o que o público possa até falar “poxa vida, a gente podia estudar esse assunto que está sendo pedido, que está sendo solicitado”, então a gente faz um pouco essa interface né, eu posso identificar a gente também muito como uma interface do poder público com o cidadão né, com usuário dos serviços ambientais né, fazendo esse meio de campo..como eu disse, isso é uma percepção minha né, não estou falando pela instituição.

Bárbara

Sim.. legal. Quinta pergunta: como o projeto organização se relaciona com outras organizações? de que forma, com que frequência e por quais meios?

Agni

Bom, a gente tem primeiro as próprias instituições da prefeitura né, então tem várias secretarias que pedem pra gente né, cursos focados para o público-alvo deles né, pessoas da área de saúde e professores e a gente tenta atender dentro do possível né, dentro da prefeitura... instituições fora... tem muitas organizações da sociedade civil né, que vem até nós né e propor parcerias, algumas coisas desse tipo... a gente não tem tempo né, e nem talvez o perfil mesmo, de trabalhar com essas associações e iniciativas fora, mas aqui dentro a gente recebe palestrantes, como eu te falei né, ou voluntários né, então essas instituições muitas vezes participam de debate até, seminários, até exposições que a gente promove junto, tem várias ONGs que tem um viés parecido com o nosso, ambiental, e que aí promovem cursos, agora mesmo está tendo um curso aí que é promovido pela Secretaria do Verde e

meio ambiente lá na UNIFESP, lá em Santo Amaro, que então é uma parceria né, não é nem da UMAPAZ inclusive, é da Secretaria do Verde... e ahh, a frequência não para, é diária né, a gente está aqui disponível e o canal aqui né, de expressão e dessas parcerias acontecerem, sempre é através de cursos né, conteúdos né ligados a questão ambiental e cultura de paz, então são seminários, iniciativas como palestras, atividades... por exemplo às vezes o pessoal vem aqui fazer a troca, tem a feira de troca de sementes, então os alunos mesmo que participam dos cursos, às vezes eles vem aqui e a gente oferece o espaço né para esses alunos junto com uma atividade nossa né, fazer até uma feira de troca de semente... tem vários meios né, mas sempre aqui no caso o espaço físico presencial acaba sendo o espaço aqui da UMAPAZ né, como eu te falei, a gente tenta e tem iniciativas nas pontas também, com esse trabalho dos voluntários e oficinairos né, dentro dos editais de contratação né...

Bárbara

Bem a sexta pergunta é a respeito de como o projeto/organização trabalha ou se relaciona com o ensino e aprendizagem de Permacultura? Se sim, de que forma, com que frequência e por quais meios?

Agni

É, acho que é um pouco do que eu respondi aí né... mas é através desses conteúdos que a gente vem tratando naturalmente dentro do curso né, no caso da Permacultura a gente tem né cursos aí, por exemplo das PANC's - Plantas Alimentícias Não Convencionais, agroecologia, esses temas correlatos eles estão sempre conversando com Permacultura e são sempre através de cursos, palestras, e palestrantes de fora e às vezes algum palestrante aqui, mas a gente aqui, os professores da UMAPAZ, não temos ninguém que tem um acúmulo mesmo, teórico, uma pessoa que entenda de Permacultura em profundidade né, o que nós temos são engenheiros agrônomos, que dentro da escola de jardinagem trabalham com essa visão de usar os insumos mais naturais e orgânicos né, na questão da jardinagem né e tem alguns colegas que eles trazem palestrantes aí para essa área de agroecologia e Permacultura, então isso através de convites, os meios né, para, de novo, trabalho voluntário ou como no caso aí do edital que vai ter agora, de contratação como oficinairo né, esses conteúdos procuram ser contemplados pela UMAPAZ né, agricultura urbana né, outros sistemas aí... e frequência entra até na questão dos recursos né, porque quando a gente tem recursos a gente contrata como oficinairo né, e quando não tem recurso financeiro disponível a gente procura trabalhar mais na base do voluntariado né, palestrantes... e a gente não tem aqui professores né...

Bárbara

Tá jóia ... penúltima pergunta: quais são as dificuldades e desafios que o projeto organização enfrenta ou já enfrentou? E também na outra ponta, quais são as possibilidades ou as oportunidades potenciais também?

Agni

Olha, dificuldade, é mais a questão dos recursos mesmo né, porque a gente gostaria de fazer mais né, mas como todos os setores da prefeitura tem limitações né, então os recursos são limitados por definição né, recursos humanos, recursos financeiros,

recursos materiais, então nosso limite está aí... na vontade eu não vejo tanto, porque você tem vontade da equipe, uma estrutura aqui razoável mesmo de trabalho, então os recursos, por exemplo, para contratar pessoas de fora, nem sempre estão disponíveis né, natural, então as limitações estão mais nesse campo financeiro mesmo ou nos temas claro, a gente não conhece tudo, a gente não esgota aqui todos os assuntos relacionados ao meio ambiente, então a gente tem limitações dessa área de conhecimento, pode-se dizer, e até física né, como eu falo, de alcançar pontas né, porque São Paulo e região metropolitana né, a gente já tem alguns dados aqui e a gente atende até a região metropolitana de São Paulo né, mas a gente não consegue chegar lá né, nas pontas, por conta das nossas limitações naturais, então a gente faz o que for possível né, e tem muito material que a gente coloca na internet disponível né, você entrando no site da secretaria e da UMAPAZ, você consegue achar vários materiais que ajudam até um professor de uma escola pública que quer baixar algum conteúdo né, algum material... a gente tem até alguns materiais aí disponíveis

Bárbara

Legal... e quais as possibilidades e oportunidades potenciais?

Agni

Olha... de possibilidades e oportunidades né... eu vejo aqui, como eu te falei, aqui é um laboratório né, então eu vejo aqui a equipe é muito criativa, muito proativa né, com todas as limitações que tem né e como sempre vão ter, eu vejo a equipe sempre procurando ir além né, por exemplo, a escola de jardinagem tinha um currículo ligado a uma momento histórico da Jardinagem, recentemente nos últimos 5, 6 anos a gente tentou incorporar novos temas né, as PANC's como eu te falei, a questão da troca de sementes, vários temas aí, agricultura Urbana que foram chegando para nós e a gente foi incorporando, então de possibilidades eu vejo assim, por exemplo, essa questão dos professores e técnicos aqui, por estarem até com essa conexão com a sociedade civil, a gente consegue receber dali demandas e a gente tem essa possibilidade de junto com a sociedade civil tentar contemplar novos temas e promover essa discussão né, porque novos assuntos vão aparecendo né, a questão urbana ambiental ela é dinâmica né, então como eu te falei, a gente teve um momento de crise hídrica né há 4 anos atrás, então isso suscitou que a questão da água viesse à tona, então toda uma série de coisas desdobrou a partir daí...

Bárbara

Legal... e o último ponto na verdade é: qual poderia ser a frase chave do projeto/organização...da UMAPAZ?

Agni

Poxa eu? haha, aí é muita responsabilidade... eu acho que... poxa uma frase para sintetizar né... isso é quase a missão da instituição né, como eu te falei que nós estamos conversando e discutindo isso no momento né... mas eu acho assim que a gente, não sei se seria uma frase emblemática assim, pum, agora... mas eu acho que a gente se apoia nessa estrutura da Secretaria do Verde né, e a gente busca inovar como eu falei, então eu acho que aqui tem muita criatividade, proatividade

também ... a partir dessa base, dessa raiz que é a Secretária do Verde e a UMAPAZ, que é um departamento da Secretaria, a gente busca inovar, trazer temas novos, então tem uma coisa muito de laboratório, como eu te falei, nesse sentido de ser uma coisa dinâmica né... a gente pode dizer que a UMAPAZ é um laboratório que trabalha com temas (ambientais) e cria junto com a sociedade civil.

APÊNDICE J – Entrevista 6 – Instituto Casa da Cidade e Coletivo Permasampa

Organização: Instituto Casa da Cidade e Coletivo Permasampa

Entrevistado: Marjory – gestora Casa da Cidade - e Andressa – Coordenadora pedagógica coletivo Permasampa

Data: 27/04/2018

Bárbara

Hoje é dia 27 de Abril de 2018, estamos na Casa da Cidade, com a Marjory e a Andressa para fazer entrevista da pesquisa de mestrado: Permane (sendo) na cidade: Relações e identidades de grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo.

A primeira pergunta é a respeito de como, quando e em qual contexto, ou seja, por que surge o projeto e organização e como se relaciona com a área da Permacultura?

Marjory

Esse projeto (o Curso de Formação em Permacultura promovido na Casa da Cidade) surgiu como uma vontade espontânea minha, quando eu vim trabalhar aqui, eu comecei com umas edições de feira orgânica onde os agricultores da Zona Leste e de Parelheiros vinham e a nós conseguimos fazer uma três, quatro edições, só que o que eu reparei é que eles voltaram com os excedentes.... vinham de muito longe né, saiam lá do local para fazer uma ação aqui no centro da cidade, no umbigo da Cidade, e voltavam com os excedentes... então eu acabei deixando esse projeto de lado e comecei a pensar na Permacultura que eu sempre quis fazer muito... principalmente quando meus filhos eram pequenos, mas assim, esses cursos sempre aconteciam fora de São Paulo, 10 dias, cursos caros, então nunca consegui fazer e fiquei trabalhando essa ideia durante um ano, consegui fazer um curso Permacultura na sub de Pinheiros, que foi uma ação de um grupo que a Claudia visoni que é uma das educadoras hoje aqui do Permasampa estava conduzindo, conseguir fazer esse curso e elaborar com ela um pouco esse projeto de trazer esse curso, porque lá era só uma introdução a Permacultura, e de trazer esse curso para cá... aí fui chegando numa pessoa que poderia ser o coordenador e cheguei, depois de um ano, no Tomaz Lotufo e ele topou na hora, coincidiu de ele estar vindo para São Paulo, porque ele morava em Botucatu, e ele fez a grade do curso, no início de Janeiro, e em 3 semanas vendemos o curso... e pela minha surpresa foi um curso onde vieram na maioria empresários e com as vagas sociais né, então curso muito de formador de opinião, atendendo uma demanda que devia tá existindo já em São Paulo e foi um curso muito interessante né, porque a gente reparou realmente né essas diferenças sociais e tudo e nos deu essa vontade e possibilidade da continuidade. A Casa da Cidade é um espaço que tem história nas paredes né, ela existe desde 2000 é uma casa com enfoque muito em políticas públicas né, era e é uma casa de encontro de pessoas para discutir, sempre foi né, uma casa um polo onde as pessoas se encontram para discutir a cidade e as suas gestões, os seus problemas assim com muito enfoque também em urbanismo, meio ambiente e cultura... tem uma programação muito diversificada né, realmente eu acho que é um lugar muito especial né, em São Paulo que permite né, discussões progressistas né,

para discutir uma cidade melhor... então quando o projeto vem para cá, já começou a transformar esse ambiente né, o projeto do curso de Permacultura - se der para filmar um pouquinho esse quintal aqui já foi uma transformação do projeto de design do curso e fora as outras ações né - então esse projeto aqui dentro da Casa que Cidade é uma parceria muito assertiva, porque também a Permacultura contribui para essa visão urbanística da cidade né, então funciona muito bem né, acho que é um lugar muito muito... acho que não podia ter um lugar melhor para estar um curso de Permacultura do que aqui. Um dos fundadores da Casa é o Nabil Bonduki né, ex vereador, arquiteto, urbanista, relator do plano diretor da Cidade, então assim, ele é muito feliz em atender esse projeto...ele gosta muito desse projeto aqui na Casa e aceita bastante, então é uma parceria feliz né, e acho que é uma pessoa que pode contribuir para falar né, dessa relação se possível, mas fundamentalmente é isso.

Bárbara

E só para registrar, quando começa esse movimento com as feiras orgânicas, qual ano?

Marjory

Então, das feiras orgânicas foi em 2014 e do curso em 2015, já em Março de 2015 foi a primeira edição. Fora o curso né, a gente sempre também faz alguns debates né, na área de Meio Ambiente, assim o que tenha relação com meio ambiente né, a gente já fez muitas discussões, têm até a relação se você quiser... a gente também já conseguiu fazer a discussão aqui nas feirinha dos Agricultores né, com ONG's né... então assim, o que é importante é esse papel da casa, que ela permite essa conexão também né, desses encontros né, de pessoas de várias regiões, mais periféricas, com as pessoas do central né, então é um ponto de referência e que está se tornando um ponto de referência para Permacultura para esses encontros né, para essas discussões e reflexões né

Bárbara

Legal... e só também para entender, a própria casa da cidade no ano de 2000 ela surge dentro de um contexto aqui, talvez até na Vila Madalena ou na Cidade? Qual foi o contexto assim?

Marjory

Político, é as pessoas se encontravam para discutir política e é uma casa que ficou conhecida primeiro como a Casa da Rodésia, depois virou uma associação em 2005 e em 2015, um Instituto, muito em função de um projeto que veio para cá, do projeto de capacitação e formação do plano diretor, onde aconteceram cursos e em todas as regiões de São Paulo né, então esse foi um projeto que teve uma doação né, da fundação Ford e ainda conduzido pelo Nabil.

Bárbara

Ahh e para promover a participação das pessoas no plano diretor né... legal. Bem, a segunda pergunta é sobre como o projeto organização entende e se relaciona com os campos de política economia e meio ambiente e o da Cultura? Você de alguma maneira até já contextualizou, mas diríamos assim, qual que é a postura então, qual que é o direcionamento e as diretrizes que levam as ações daqui da Casa?

Majory

É eu acho que é muito por uma outra perspectiva, acho que a relação do coletivo Permasampa com a cidade acaba trazendo uma outra perspectiva desse olhar né, urbanístico né, porque realmente a Permacultura traz soluções que às vezes, esse conhecimento de arquitetura urbana em seu conteúdo tradicional não tem né, então eu vejo que essa relação do coletivo Permasampa com a Casa da Cidade, ela contribui muito em função disso né, de abrir horizontes, abrir possibilidades, soluções que sejam mais sustentáveis e ecológicas para a Cidade...

Andressa

É... o urbanismo em geral muitas vezes negligencia o meio ambiente, na maioria das vezes o urbanismo é pensado para resolver problemas pontuais e a gente não pára para olhar o todo né, como isso se relaciona com o todo, haja vista as enchentes em São Paulo, então as decisões urbanísticas que a gente vem tomando, não só em São Paulo, na humanidade em geral, mas especificamente falando de São Paulo é... ignora o meio ambiente né, então é como se a gente estivesse batalhando com o meio ambiente né, ao invés de usar as forças do meio ambiente a nosso favor...

Marjory

É e também assim, eu espero né, que nessa relação amadureça e evolua né, porque se os especialistas em Permacultura, muitos deles educadores do Permasampa, fossem consultados, antes de fazer uma parede vertical verde, ou mesmo os canteiros que poderiam ser comestíveis e os jardins de chuva, seria outra lógica, então se gasta muito dinheiro em concreto para tentar solucionar aí, sendo que a Permacultura traz soluções aí muito mais viáveis, baratas e que embelezariam a Cidade né, também.

Bárbara

E a beleza como harmonia dos elementos né... legal. Acho que é isso... e aí só pegando um pouco pelo campo da economia, pelo que eu conheço um pouco da casa mas vocês puderem confirmar ou falar melhor, eu acho que tem um tanto de promoção da economia solidária, colaborativa, criativa? Por por meio de debates, cursos ou por meio das próprias ações, eventos?

Marjory

Sim... nós fizemos aqui na Casa dois cursos de Economia com parceiros, pessoas, amigos da Casa né, que é ex ministros... pessoas assim que foi incrível...provavelmente esse ano vai acontecer, mas no Permasampa nós fizemos também, agora nessa edição mais ainda né, porque com a Livia, eu acho que vamos entrar mais fundo nessa parte de economia solidária e tudo, mas sim, a Casa tem também essa vertente de discutir economia...,

Andressa

É... dentro da grade do PDC (Permaculture Design Course) um dos temas é economia.

Bárbara

Legal... a terceira pergunta é respeito de quais são as relações, interações e influências do projeto/organização, da Casa, com a cidade o meio urbano e seu

entorno? E o seu inverso também? Ou seja, como as ações que são feitas aqui se relacionam com, a nível, diríamos assim, micro do bairro ou talvez da própria que Zona Oeste da cidade e até para as outras área da cidade né, e o seu inverso também, como as pessoas de outras regiões vem beber dessa fonte ?

Marjory

É, para ir para outras regiões vai pelo Coletivo né, a Casa vai como parceira. Em relação ao espaço, realmente é entender que Casa da Cidade é um espaço que já tem um legado histórico né, de uma política que discute sempre uma cidade ou as relações de uma maneira progressista né, que é uma casa de esquerda né, se for falar, então assim, sempre tem essa preocupação de olhar para o micro e macro né, então, por exemplo, depois que o Lula foi preso, sexta-feira foi feito um evento e domingo tava acontecendo aqui com o André Singer e outras pessoas e tinha gente explodindo porque sabia que tem que ir na Casa da Cidade para poder saber, que as pessoas ficam né... então assim, é um ponto de referência para ter um entendimento do que está acontecendo na política, porque a gente não pode desprezar isso né... a gente só pode atuar politicamente com Permacultura se a gente entender esse guarda chuva, que está integrado né, essa relação é super importante, então eu acho que assim, a gente está no lugar certo, que se a gente quiser realmente fazer Permacultura com impacto social a gente tem que conversar com o legislativo, a gente tem que conversar com a política né, se não como a gente vai fazer uma ação social de grande impacto e a gente não conversar com o governo, com a prefeitura né... entender um pouco disso... então é importante, acho que a gente tem aqui que amadurecer lógico, mas a gente tem que pensar a longo prazo que a gente pode até, com a Permacultura que está sendo gerida aqui, fazer coisas muito maiores né, fazer ações muito maiores...

Bárbara

Legal... e por meio do coletivo é como as ações são levadas para fora né?

Andressa

Então, uma coisa que eu acho importante pontuar é que assim, o Permasampa e o PDC não é da Casa da Cidade... a Casa da Cidade abriga o Permasampa, então o Permasampa é um coletivo independente da Casa da Cidade, que age em parceria para executar o PDC, que surgiu aqui dentro, então essa parceria surgiu desde o princípio né, mas são duas coisas diferentes... e quando a gente fala de Permacultura urbana, é impossível a gente não falar de política, principalmente na Permacultura urbana, porque tudo que agente fazer, a gente esbarra na política, então sempre a gente tem que estar lidando com a legislação... a ação no espaço cultural Jardim Damasceno, que é esse lugar onde a gente tem uma atuação mais forte... porque o que acontece é que o PDC, as aulas teóricas são aqui, mas as aulas práticas são na periferia, então assim, você perguntou, quais as relações, interações e influências do projeto/organização, da Casa, com a cidade o meio urbano e seu entorno, e na verdade o nosso entorno é a Cidade de São Paulo, a gente não está falando do entorno imediato aqui da Zona Oeste, mas a gente está atuando na Cidade, então quatro PDC's tiveram práticas no Jardim Damasceno, que é na Brasilândia, um dos PDC's teve as práticas na Quebrada Sustentável, na Zona

Leste, e outro PDC foi feito na Casa Ecoativa, na Zona Sul, então o Permasampa se entende como coletivo de Permacultura que tem a intenção de ligar os pontos e de quebrar essas barreiras da Cidade, então como que a gente dissolve essas barreiras sociais e econômicas também né, de como a gente levar esse conhecimento também para a periferia, trazer o pessoal da periferia para ter aula aqui também né, oferecendo essas bolsas que a gente tem, essas bolsas sociais... e a gente hoje cada vez mais tem se entendido nessa função né, de conectar o centro e as bordas e ir dissolvendo essa centralidade cada vez mais, promovendo essa descentralização, então o nosso objetivo maior é essa descentralização né, como a gente pulverizar esse conhecimento para promover autonomia...

Marjory

Ou mesmo né... que é uma coisa que acontece quando a gente chega na periferia que é assim, perceber que as pessoas já tem o conhecimento, e que a Permacultura... quando a gente vai falar de Permacultura, a pessoa vai e fala “ahh mais isso eu sei fazer, porque meus avós, a geração x todo mundo fazia”... porque né, todo mundo plantava, todo mundo fazia bioconstrução com barro de alguma forma né, então é isso que é... as pessoas começam a valorizar uma coisa que foi deixado para trás né... muito em função do consumo né, tudo bem, a gente sabe que o capitalismo vem e dilacera né, esses conhecimentos tradicionais, mas é bem interessante que a Permacultura vem com uma solução, mas as pessoas já sabem, por exemplo, você vai numa periferia e vai falar de ervas medicinais e todo mundo sabe mais que você, então tem muito uma troca né... quando a gente vai pro GAU, para a Quebrada Sustentável, que você aprende com as mulheres do GAU é mais do que você sabe, muito mais né... então essa troca é muito interessante.

Andressa

É, isso que a Majory falou né... quando a gente fala leva o conhecimento é isso né, a gente não tá levando conhecimento, a gente tá sempre trocando né, então quando a gente pega um pessoal que é super da bolha, elite, central, e leva para periferia, tem muita gente que nunca foi, e chega lá pela primeira vez né, e vai desconstruindo uma imagem né, vai criando afeto, a gente tem essa relação com a Escola sem Muros também, que é um projeto que surgiu aqui dentro, em parceria com o Permasampa, que tem esse objetivo de levar o pessoal para fazer uma imersão em alguma comunidade, e construir junto com a comunidade e que o objetivo é esse, é conviver, é trocar, conversar... e isso que a Marjory falou do conhecimento que muitas vezes o pessoal da periferia tem muito mais, do que o pessoal que mora no centro, que ainda tem essa relação com a terra mais forte, que veio recentemente, muitas vezes do campo para Cidade, e que conhece plantas, plantas que curam né, que a gente não conhece mais, então assim, é um conhecimento muito rico de uma geração atrás e que tá aqui, mas que está correndo o risco de se perder... e muitas vezes a gente conversando, você vai vendo o quanto isso tá rico ainda, esse pessoal que veio recentemente do campo... no espaço cultural Jardim Damasceno, que é esse lugar onde a gente está atuando agora, e que uma das lideranças de lá está fazendo o PDC aqui, que é a Noêmia, e eles fazem rodas de chás lá, e nas

rodas de chás cada um vem trazer seu conhecimento sobre aquela planta e ela contando assim, surgem coisas incríveis, porque esse conhecimento é ancestral e que é isso né, que está no conhecimento oral e que às vezes a gente ainda nem tem isso catalogado né, tem tantas coisas, tantas plantas no Brasil, que a gente nem sabe até...

Bárbara

Sim...a quarta pergunta a respeito de quais os valores e princípios do projeto/organização, da Casa, e como se identifica e é identificada né, talvez vocês até já comentaram um pouco antes, mas vocês puderem assim pontuar...de ambos né...

Marjory

Então, a Casa é realmente um espaço para promover debates, encontros aí, seminários, o principal foco é este, para discutir a cidade, para discutir a política, para discutir pontos importantes né, de alguma ação, principalmente da gestão que pode estar interferindo né, na cidade, então, por exemplo, esse ano é um ano eleitoral, é um ano em que a Casa vai ser muito usada para discutir quais os novos rumos né, com tanta coisa acontecendo né, então assim é muito importante né, então a Casa tá assim realmente tentando e se dedicando em trazer pessoas chave assim né, para realmente falar de política, não só municipal, mas nacional né, então a gente precisa ter esse entendimento que a gente também tá em um momento muito complicado.

Bárbara

Legal... e essa seria como vocês se identificam e são identificados também né... e como o coletivo Permasampa, poderia dentro dos princípios e valores que regem, como poderia ser identificado?

Andressa

Então, o coletivo Permasampa tem o objetivo de formar permacultores né, então o objetivo é do coletivo é a formação de permacultores através do PDC que é o curso que foi sistematizado pelo Bill Mollison, na Austrália, que é o sistematizador da Permacultura né, adaptado para a realidade urbana, então a gente tem esse cuidado de olhar para a realidade que a gente tá aqui e como a Permacultura pode ser feita na Cidade de São Paulo e aí entra como valores aquilo que a gente falou agora pouco que é promover autonomia, descentralização, reconexão com a natureza, conexão entre as pessoas, o cuidado né... a Permacultura tem esses três princípios éticos que é cuidar das pessoas, cuidar da terra e partilha justa de excedentes, então dentro do coletivo a gente tem esses três princípios éticos como norteadores também...

Marjory

E uma coisa que acaba acontecendo né, das pessoas que passam por aqui e fazem o curso é... uma que é de se conectar consigo mesmo, numa coisa que ela vem buscando e aí ela se conecta... e aí ela se conecta com a turma, que é a rede que ela vai continuar conectando na cidade em que ela mora, e isso tem super haver com a Casa, que é assim, essa coisa do pertencimento, de você se perceber cidadão e que você pode interferir, atuar, ocupar espaços sabe... então muda uma chavinha... numa Cidade que você sente que só trabalha, trabalha, trabalha e você

não se sente interferindo e mudando nada né, a sua voz é menos escutada... então eu vejo que o curso potencializa muito isso, um vínculo com a cidade, com as pessoas, com esperança e possibilidade de pequenas mudanças, por que é um dos princípios da Permacultura né, mudanças lentas duradouras né... então, eu vejo muita transformação nas pessoas que fazem o curso, elas saem vendo uma outra perspectiva né, que é a perspectiva e lógica da abundância, o paradigma da abundância né, onde na cidade que você se sente cada vez tendo menos, eu acho que as pessoas viram essa chavinha e saem pensando que não, a gente pode ter uma horta em casa, uma horta na praça do lado, ou ir fortalecer uma ação de um coletivo em um outro local, e isso eu acho que é bem um princípio de cidadania, não é que você paga só imposta né, você é um agente também transformador na cidade né, aquela lógica que tem que sempre ficar esperando os governantes que tem sempre que fazer né, então assim, você vê as pessoas muito reclamando né, do que os governantes não fazem, sendo que você é o principal ator né disso, e que pode reivindicar né, fazendo você pode reivindicar muito mais do que só esperando a solução dos governos aí né, do direito à cidade né, essa consciência...

Bárbara

Muito bom... a quinta pergunta é a respeito de como o projeto/organização se relaciona com outras organizações, de que forma, com que frequência e por quais meios? Bem, já tem esse vínculo básico, inicial, diríamos né, entre a Casa da Cidade e o Permasampa, mas além disso, além talvez desde as feirinhas orgânicas né, como surge essa relação?

Andressa

Tem essa relação muito forte com esses lugares onde a gente faz as práticas do PDC né e, inclusive, bem... tem o Instituto Casa da Cidade e Permasampa, aí o Permasampa fez o PDC no Jardim Damasceno e estabeleceu essa relação super forte, fez o PDC na Quebrada Sustentável, e essa relação também se estabeleceu, tanto que agora dentro desse PDC tem tutorias de agrofloresta que vão acontecer na Quebrada Sustentável... fez PDC na Casa Ecoativa, então essa relação Permasampa e Ecoativa também é uma relação que se mantém, também vão ter tutorias desse PDC lá e a gente sempre procura então ir ampliando essa rede a relação, então tantos os alunos que passaram por aqui, que conhecem esses lugares, que passaram a frequentar esses lugares, e participar dos mutirões, que incentivam essa rede, que consomem os produtos que são produzidos por esses lugares, que ajudam a divulgar... então tem alunos que não são desse lugares mas que já trabalham com agroecologia ou com algum tipo de Permacultura ou de plantação e a gente ajuda a distribuir esses alimentos, então tem uns meninos que produzem shimeji e a gente divulga na rede "olha pessoal, quem quer shimeji", entre os alunos a gente tem um grupo de Facebook, de todos os alunos que passaram pelo PDC e então as pessoas podem divulgar suas ações lá, tanto de cursos, quanto de venda de produtos distribuir, então isso que a Marjory falou da rede é muito importante, porque é isso, é o fortalecimento de uma rede que está se expandindo e se fortalecendo né, uma teia de conhecimento, que tá por toda a cidade mas que ainda está na fase de mapeamento né ...

Bárbara

E só sobre a frequência, é mais relacionado mesmo aos PDC's né?

Andressa

Mais ou menos, depende, a gente participa às vezes de curso fora do PDC, por exemplo, ah a Ecoativa tá oferecendo um curso... ou, a Ecoativa tem a parte cultural muito forte, então muitas vezes os alunos do PDC por conta própria vão lá, ou mesmo a gente, além de mutirão... então além do PDC existe uma frequência... mais ou menos uma vez ao mês pelo menos... mas bomba mesmo no PDC, agora que estão acontecendo as tutorias, tem muita coisa acontecendo, inclusive o Lucas que é um dos nossos educadores sociais faz muitos trabalhos, no assentamento do MST, faz trabalho em horta escolar, então acaba ampliando ainda mais essa rede que há além desses lugares que o Permasampa atua diretamente né, tem uma coisa mais indireta né, que os educadores acabam levando os participantes do PDC para outros lugares que não são diretamente relacionados ao Permasampa né, mas que indiretamente né, a Horta das Corujas, da Claudia né...

Bárbara

Legal...bem, a sexta pergunta é sobre como a Casa da Cidade, por meio do Permasampa, então trabalha e se relaciona com o ensino-aprendizagem de Permacultura? Sabemos que sim né, se relaciona, mas se você pudesse fazer assim um briefing do PDC, qual é o formato, enfim né, como funciona...

Andressa

O PDC Permasampa ele vem acontecendo duas vezes ao ano, um por semestre, e o nosso objetivo agora é a gente conseguir fazer um PDC popular no segundo semestre, então fazer como a gente tem feito no primeiro semestre, fazer um PDC popular no segundo semestre, que ainda está na fase de gestação né... mas o PDC tradicional ele acontece imersivo, então são 80 horas direto, no mínimo 72h, normalmente ele acontece fora da cidade, em sítios, ecovilas, e o PDC Permasampa tem especificidade que é acontecer em módulos, então ele se adapta à realidade urbana também no seu formato né, então o formato do PDC Permasampa são três módulos, uma semana por mês, durante a noite e um sábado também e no último módulo dois sábados, que é com esse objetivo de se encaixar a realidade urbana para que as pessoas possam né... quem pode parar 10 dias na cidade para fazer um curso né? Não caberia... e é legal que esse esquema de três módulos, ele fortalece ainda mais esse vínculo que a Marjory comentou, porque quando você vai fazer um PDC em outra cidade, geralmente as pessoas que se encontram lá não moram na mesma cidade né, e aí depois vai cada um para o seu canto e aqui não, todo mundo mora então esse fortalecimento dessa rede é algo muito legal que surge né, no PDC Permasampa, que a gente vem observando né... eu vejo por mim, eu fiz o PDC também né e os meus maiores amigos hoje são colegas que fizeram PDC comigo, tanto amigos quanto de trabalho, e a gente vê isso se repetindo né, então as pessoas continuam convivendo, pensando coisas juntas, tanto profissionais quanto de amizade...

Bárbara

E tem talvez a intenção de promover o PDC Permasampa em algum outro espaço da Cidade?

Andressa

Sim... isso que a gente tava falando do PDC popular a ideia é inscrever em algum edital, a gente ainda não sabe se foi contemplado ou não, mas mesmo que não tenha sido, a ideia é continuar tentando porque a ideia é levar o PDC inteiro para a periferia, então as aulas não seriam na Casa da Cidade e sim na periferia e aí se for possível a gente poderia fazer cada ano em um lugar... a gente se inscreveu na Zona Norte, mas a ideia é que isso possa acontecer... um já foi na Zona Sul, extremo Sul, na Casa Ecoativa, em que tiveram várias vagas sociais também, inclusive indígenas, os Guaranis que são da região participaram, foi maravilhoso... tem seis aldeias lá, no planalto né, antes de descer a Serra, lá em baixo tem mais ainda...

Bárbara

Tá jóia... bem, a sétima pergunta é a respeito de quais as dificuldades e desafios que a Casa já enfrentou e enfrenta ainda hoje? Tanto nessa questão do viés político, como também nesse ativismo ambiental, se eu posso dizer assim, por meio do Permasampa e PDC e quais as possibilidades e oportunidades potenciais e também depois em paralelo eu gostaria de perguntar a mesma coisa para o Permasampa...

Marjory

Dificuldades da Casa... não sei assim qual muito seria a dificuldade... a Casa é uma entidade sem fins lucrativos né, então ela tem uma questão de saúde financeira né, essa eu acho que é um ponto assim, mas acho que o Permasampa contribui né, tem os cursos, mas assim, não vejo muita dificuldade, a Casa assim faz parte desse processo como estrutura física, acho que contribui muito porque é um espaço que tem uma estrutura física que permite né, realizar os cursos, então entre muito como um apoiador... e agrega muito né, porque, por exemplo, cada curso que faz aqui, ou cada debate, é um público novo que vem, conhece a casa, então assim é uma parceria que um contribui com o outro né, agrega muito...

Bárbara

E só para firmar, dentro das possibilidades e oportunidades potenciais, além diríamos do crescimento do PDC aqui na casa também, me corrija se eu estiver errada, mas eu visualizo também essa questão da política, das discussões políticas talvez aderirem a essa postura, posição, perspectiva mais ecológica né...

Marjory

Sim, mais ecológica... que é um conhecimento que realmente está chegando com força maior aqui, mas que precisa de espaço né, por exemplo, um técnico de uma subprefeitura ou mesmo de um órgão muito ligado aos projetos da Cidade, não tem um permacultor trabalhando lá dentro... por que? Esse é um grande desafio né...

Andressa

Esse é um grande desafio... até mesmo aqui dentro da Casa da Cidade... de interligar mais os grupos né, porque o Permasampa e os frequentadores da Casa da Cidade não são tão interligados...

Marjory

É então... mudou um pouco quando o Bernard Mink veio para cá, em início de 2017, que até o próprio Nabil Bonduki participou, onde não tinha mais onde colocar gente na Casa né... que o Bernard Mink é um arquiteto, urbanista, permacultor, alemão, que trabalha com a Permacultura na cidades como soluções há muitos e muitos anos, tá anos a frente da gente, tá quase se aposentando dos projetos, e aí quando ele veio fazer a palestra o próprio Nabil assistiu e opa... pera aí né, então assim, por que? Porque a Permacultura eu acho que ela é ainda muito estigmatizada, ela ainda ela é vista de maneira muito alternativa né, e não é... então assim se você for para Alemanha, Inglaterra, países de primeiro mundo, mesmo até nos Estados Unidos, a Permacultura está entrando muito como solução... agora a Vila Madalena, você vai olhar os prédinhos, já tá começando né, porque é isso, já chega com uma pendência, com uma moda, um estilo de vida né, entendeu, mas não é só isso... então assim, é aqui essa cultura mesmo, chega como uma coisa para poucos né, em um preço altíssimo né...

Andressa

É acho que isso é importante falar também, bem lembrado, que um dos objetivos PDC Permasampa também é abaixar o custo do PDC, então oferecer um PDC a um preço mais acessível para que mais pessoas possam realmente conhecer e difundir a Permacultura...

Bárbara

Isso seria um desafio ou uma oportunidade?

Andressa

É um desafio porque a gente sempre trabalha com os custos muito apertados né...

Marjory

E a gente gosta de fazer a partilha justa, que é um dos princípios da Permacultura certo, então assim, se a gente traz educadores, pessoas que moram fora de São Paulo né, que trabalham no Brasil inteiro com projetos né, porque isso já vem acontecendo há um tempo, então a gente gosta de pagar um valor que seja justo né...

Bárbara

Como valorizar o trabalho e a formação né, das pessoas, sem ao mesmo tempo limitar o acesso né... é uma problemática. E em relação ao Permasampa, quais as possibilidades e potenciais oportunidades que você visualiza?

Andressa

Nossa eu visualizo inúmeros...

Marjory

A gente tava no meio dessa discussão, até tentando fazer um planejamento estratégico...

Andressa

É... eu acho assim, o maior potencial do Permasampa é educação né, capacitação... e é maravilhoso porque eu acredito que é isso mesmo, que o que mundo realmente o mundo é a educação, porque a educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo, então... Marjory

É a formação de agentes multiplicadores né, que aí sim né...

Andressa

A gente pensa em agora amplia para fazer cursos de aprofundamento em Permacultura, aprofundamento nos temas específicos né, quase uma especialização, um curso de aprofundamento em tratamento de água, um curso de aprofundamento em solos, então a gente tá pensando agora em pegar esses temas específicos e aprofundar né, porque o PDC é um geralzão né, a gente dá uma noção do todo né...

Marjory

E a gente tá indo pro Sul agora em Junho para fazer uma formação de educadores, para sistematizar e trazer para cá né...

Andressa

Formação de instrutores de PDC, em Lajes, interior de Santa Catarina... eles são referência assim na Permacultura assim, por formação, inclusive o Tomaz Lotufo que foi o primeiro coordenador do curso né, fez o curso lá e indicou a gente para fazer...

Bárbara

Legal... bem para fechar assim, uma de cada, qual poderia ser a frase chave da Casa da Cidade? E qual poderia ser a frase chave do Permasampa?

Marjory

Eu acho que a palavra ou frase chave da Casa é promoção de reflexão sobre a Cidade, sobre a atuação política, sobre perspectivas políticas de quebra de desigualdade, de uma política mais para todos né... a Casa sempre tenta fazer essa discussão, de como que a política pode ser mais ampla para todos, não importa partido, não importa... mas assim, realmente, é uma Casa de muita reflexão política, políticas públicas em todas as suas linhas assim, de reflexão e do coletivo, para mim, eu acho que é muito essa parte de formação e conexão... não sei, para mim, o coletivo, além de tudo, ele faz essa coisa que é tão difícil na Cidade que é essa conexão das pessoas mesmo, que eu acho que isso é o grande potencial do curso.

Andressa

E é aquilo que a gente já falou na conversa, que é a educação para autonomia e descentralização.

APÊNDICE K – Folhas das escaneadas das entrevistas

Permane (sendo) na Cidade: relações e identidades de grupos de
Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo.

EACH USP - 2018

Mestranda Responsável: Bárbara Machado Mazzetti

Data e Horário: 12/4 - 15:40

Organização: Pira Melhor Ambiente

Entrevistado: Fernando J.B.P. Neme

1 - Como, quando e em qual contexto - por quê - surge o projeto/organização? Como se relaciona com a área da Permacultura?

Nasce naturalmente - interesse social - multiplicação /
2009/2010 dia a dia

Promover a conscientização - uniu os princípios
do Perma

2 - Como o projeto/organização entende e se relaciona com os campos de política, economia e meio ambiente? E o da cultura?

Com ~~po~~ atividade, cidadania política ambiental
→ cultura → Danças circulares / artesanato
↳ conhecimentos dia a dia → conscientização

3 - Quais são as relações, interações e influências do projeto/organização com a cidade, o meio urbano e seu entorno? E o seu inverso?

Interferência em hortas urbanas / jardins comestíveis
Fundação é muito importante - orgânica, holística

4 - Quais os valores e princípios do projeto/organização? Como se identifica e como é identificado?

100% permacultura - identifica

Multiplicação de conhecimentos - é identificado

5 - O projeto/organização se relaciona com outras organizações? De que forma, com que frequência e por quais meios?

↳ mt presenciais

Recentemente seguiu 50%

Sempre buscando o coletivo

100% coletivo

Contribuição - virtual

6 - O projeto-organização trabalha ou se relaciona com o ensino e aprendizagem de Permacultura? Se sim, de que forma, com que frequência e por quais meios?

↳ Na formação de permacultores
atuando direto na
conexão multiplicadora

7 - Quais as dificuldades e desafios que o projeto-organização enfrenta ou já enfrentou? Quais as possibilidades e oportunidades potenciais?

⊗ O que não entendo ^{dificuldades}
e existe solução + maneiras de olhar ^{debaixo}
tendência é crescimento ^{funcionamento}
nova roupagem pro conceito

8 - Qual poderia ser a frase chave do projeto-organização?

"Ensinar o sistema a
sair do sist. usando o sist
sem deixar o sist."

OBSERVAÇÕES GERAIS

olhar diferente:

⊗ Com auto dependência

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada Permane (sendo) na cidade: Relações e identidades de grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo, desenvolvida por Bárbara Machado Mazzetti. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] pela Prof. Dra. Madalena Pedroso Aulicino, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail mada.lzt@usp.br. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender como ocorre, por que e por quem a Permacultura é praticada e difundida no Município de São Paulo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará por meio de entrevista semi-estruturada, a ser registrada e gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, 12 de abril de 2018

Assinatura do(a) participante: _____

Fernando J. P. Nogueira

Permane (sendo) na Cidade: relações e identidades de grupos de
Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo.

EACH USP - 2018

Mestranda Responsável: Bárbara Machado Mazzetti

Data e Horário:

16/11/18 - JCH

Organização:

Arborecer
Juliano

Entrevistado:

1 - Como, quando e em qual contexto - por quê - surge o projeto/organização? Como se relaciona com a área da Permacultura?

2013 → março → projeto p/ integrar permacultura & agricultura urbana → Rio interior de exata estado → compartilhar esp. doméstico c/ ciclo & pensamento coletivo → delegar de com. muito amigável

2 - Como o projeto/organização entende e se relaciona com os campos de política, economia e meio ambiente? E o da cultura?

Arborecer → atividade dentro do espaço → ocup. dos espaços públicos
→ pensamento c/ possibilidade de espaços públicos
Promover a auto-suficiência econômica → produção cultural
→ potencial dos esp. →

3 - Quais são as relações, interações e influências do projeto/organização com a cidade, o meio urbano e seu entorno? E o seu inverso?

Consolidação do esp. → busca de pessoas do entorno
→ troca → esp. de compartilhamento
→ disseminação / multiplicação de conhecimentos
→ Parcerias setoriais p/ esp. público p/ outras áreas / vida

4 - Quais os valores e princípios do projeto/organização? Como se identifica e como é identificado?

Princípios de reconexão → possibilidade de cada ser
Alimentação → logo primordialmente um agente parte ativa

Resgate do amoralidade / trabalhar c/ PANC's → resiliência

5 - O projeto/organização se relaciona com outras organizações? De que forma, com que frequência e por quais meios?

Parceria MUNESP → feiras, cursos, -seletores - reuniões
contato & demanda alta < Comunique - s virtual
SESC's → interior → feiras, cursos, projetos - eventos cul
Esp. públicos entorno / praças / parques
Dispersar a criatividade
@Cidade como grande gerador
de ideias

Simplificado

A
Poucos valores
como novas possibilidades

Resiliência

6 - O projeto-organização trabalha ou se relaciona com o ensino e aprendizagem de Permacultura? Se sim, de que forma, com que frequência e por quais meios?

3 meses.
Introdução a Permacultura - o que é Permacultura e princípios
Visitas educativas - conexão dos elementos
Cursos de escolas e região - mensal

7 - Quais as dificuldades e desafios que o projeto-organização enfrenta ou já enfrentou? Quais as possibilidades e oportunidades potenciais?

Desafio: Ir contra o fluxo -> quebra de paradigmas -> c/ as
pessoas c/ o tempo -> o que é lixo -> pessoas
Momento de transição de resgate no meio urbano
Aumento dos movimentos necessários de suporte

8 - Qual poderia ser a frase chave do projeto-organização?

"Reconexão c/ os ciclos naturais p/ o entendimento
sair do ciclo de escassez da chemocência do
planeta e ciclos
Resiliência que habita naturalmente -> o que
nas frestas do
ciclo."

OBSERVAÇÕES GERAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada Permane (sendo) na cidade: Relações e identidades de grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo, desenvolvida por Bárbara Machado Mazzetti. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] pela Prof. Dra. Madalena Pedroso Aulicino, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail mada.lzt@usp.br. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender como ocorre, por que e por quem a Permacultura é praticada e difundida no Município de São Paulo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará por meio de entrevista semi-estruturada, a ser registrada e gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, 16 de abril de 2018

Assinatura do(a) participante: _____

Juliana Lopes Costal
Juliana Lopes Costal

Permane (sendo) na Cidade: relações e identidades de grupos de
Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo.

EACH USP - 2018

Mestranda Responsável: Bárbara Machado Mazzetti

Data e Horário: 17/4/18 - 10:30

Organização:

Vila Itoró

Entrevistado:

Diego Viana

1 - Como, quando e em qual contexto - por quê - surge o projeto/organização? Como se relaciona com a área da Permacultura?

Surge p/ debater e usar o espaço público c/ o uso e desenvolver p/ construir um esp. cultural e público - atender pessoas em 2008 tombado - 2013 ocupado - projeto de intervenção no esp. do entorno

2 - Como o projeto/organização entende e se relaciona com os campos de política, economia e meio ambiente? E o da cultura?

Secretaria da Cult. faz a gestão - monitora e instala Esp. p/ rede pública - tem a intenção em oficinas resp. de estar em harmonia c/ o entorno Grupos - Proj. de criação / Ambiental - festa / oferta - tudo de como trazer e

3 - Quais são as relações, interações e influências do projeto/organização com a cidade, o meio urbano e seu entorno? E o seu inverso?

Relação de proporcionar o uso do esp. p/ o entorno - curso, oficinas - p/ o bazar a população

4 - Quais os valores e princípios do projeto/organização? Como se identifica e como é identificado?

Lugar p/ ocupar diretamente um diferente horários - relação ativa p/ o público Identificação c/ espaços e história da rua - curiosidade - de criação

5 - O projeto/organização se relaciona com outras organizações? De que forma, com que frequência e por quais meios?

CCA - grupo que traz grupos esboços Momento de transição de gestão - sem parceria Eventos grandes p/ área da cidade inst. Espaço de troca

ex membros
7

→ clínica → sol.

6 - O projeto-organização trabalha ou se relaciona com o ensino e aprendizagem de Permacultura? Se sim, de que forma, com que frequência e por quais meios?

Coletivo
Ricocheio
FABIAS → construtores - cursos → criação de projetos
→ sobre o uso espontâneo do espaço
→ 3ª a 5ª → 9h - 17h
Cesinha coletivamente → encontro oficina da
shopo
flora

7 - Quais as dificuldades e desafios que o projeto-organização enfrenta ou já enfrentou? Quais as possibilidades e oportunidades potenciais?

Duafio → aconchegar o cinema p/ novo gesto
Oportunidade → o que fazer na rua → 5 mil m²
Pastor: resistência de antigos membros
Parceiros: Destino → Lei Rouanet + FABIAS

8 - Qual poderia ser a frase chave do projeto-organização?

"Ocupem este lugar, este
é libertação"

OBSERVAÇÕES GERAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada Permane (sendo) na cidade: Relações e identidades de grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo, desenvolvida por Bárbara Machado Mazzetti. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] pela Prof. Dra. Madalena Pedroso Aulicino, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail mada.lzt@usp.br. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender como ocorre, por que e por quem a Permacultura é praticada e difundida no Município de São Paulo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará por meio de entrevista semi-estruturada, a ser registrada e gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, 17 de abril de 2018

Assinatura do(a) participante: _____

Diego Viana

Permane (sendo) na Cidade: relações e identidades de grupos de
Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo.

EACH USP - 2018

Mestranda Responsável: Bárbara Machado Mazzetti

Data e Horário: 19/11/18

Organização: Ponto de Cultura Suburbano Sustentável

Entrevistado: Vinícius Moraes ↳ FUNCAP

1 - Como, quando e em qual contexto - por quê - surge o projeto/organização? Como se relaciona com a área da Permacultura?

no esp. A subpref. São Miguel Paulista subornigação por CDHU
15 anos + cursos oficinas → área verde → número
Hermes → Instituto NUA → Nova União Arte → 2014 → Suburbano Sustentável
2 - Como o projeto/organização entende e se relaciona com os campos de política, economia e meio ambiente? E o da cultura?

Permacultura na periferia é um ato político
↳ processo → da competição p/ cooperação
↳ regenerando a terra, as relações
Discussão: o que é meio ambiente, p. p.
qualidade de vida

NUA
↳ 2015
Ponto de Cult
Englobando
aspectos cult
e meio
ambiente
POTI → Hortas e
Vineiras

3 - Quais são as relações, interações e influências do projeto/organização com a cidade, o meio urbano e seu entorno? E o seu inverso?

Marcos p/ o curso → projeto referencial → permacult. Vineiras
na periferia
↳ # Casa de cura
↳ Regeneração do meio + CDHU São Miguel Paulista
↳ Lucratividade p/ crianças
↳ Comissão de Desenv. Sustentável
2016 / 2017 → sem retorno do
Poder Público

4 - Quais os valores e princípios do projeto/organização? Como se identifica e como é identificado?

Rede: Valores da Permacultura
Suburbano Sustentável + Resorte periferia → mudança de paradigma
transição de poder → técnicas / democracia
Nome: Vinícius Escola → entorno X horizontal

NUA - Parceiras
SESC Jd. Iguatemi
Valegão
Permacultura
Sociedade
Vibros. Sust.

5 - O projeto/organização se relaciona com outras organizações? De que forma, com que frequência e por quais meios?

Poder Público → boletins + podas (parceria c/ secretário do verde e
meio ambiente)
↳ Edital → já houve
CREM → desenho p/ compostagem + mistos p/ oficinas

Festas Feiras SESC

MARIETA

↳ CDHU → comunidade diária + NUA + GAU

↳ Incubadora: MULHERES DO GAU - Grupo de Agricultura Urbana
no
Projeto

6 - O projeto-organização trabalha ou se relaciona com o ensino e aprendizagem de Permacultura? Se sim, de que forma, com que frequência e por quais meios?

Multirões / Cursos de Água da chuva

Vixências

↳ mananciais
↳ produtos de limpeza naturais,
Captção do solo / Agrofloresta
↳ construção / muros / reaproveitamento da água pluvial

7 - Quais as dificuldades e desafios que o projeto-organização enfrenta ou já enfrentou? Quais as possibilidades e oportunidades potenciais?

- Recursos financeiros

potencial
c/poema
- Falta de um design social → p/ as relações de poder
↳ como as decisões são tomadas
e responsabilidades
↳ participação social
mais consensual e comu.
- Potencial p/ ser um negócio social
↳ At. turismo Potaria e cafe
↳ Veneiro, disc. → Remun. sustentável

8 - Qual poderia ser a frase chave do projeto-organização?

"Resistência é amor"

OBSERVAÇÕES GERAIS

↳ + Espaço p/ encontros

↳ na prática seria uma cooperativa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada Permane (sendo) na cidade: Relações e identidades de grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo, desenvolvida por Bárbara Machado Mazzetti. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] pela Prof. Dra. Madalena Pedrosa Aulicino, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail mada.lzt@usp.br. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender como ocorre, por que e por quem a Permacultura é praticada e difundida no Município de São Paulo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, 19 de Abril de 2018

Assinatura do(a) participante: Marcus Vinicius Ramos Oliveira de Moraes

Marcus Vinicius Ramos Oliveira de Moraes

Permane (sendo) na Cidade: relações e identidades de grupos de
Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo.

EACH USP - 2018

Mestranda Responsável: Bárbara Machado Mazzetti

Data e Horário: 25/4/18 - 11h

Organização: UNAPAZ

Entrevistado: Agni

1 - Como, quando e em qual contexto - por quê - surge o projeto/organização? Como se relaciona com a área da Permacultura?

Agenda 21
Costa do Leste
UNAPAZ → 2005 → Eduardo Jorge → secretário de meio ambiente e meio ambiente
+ Diretora: Rosy Mary → *improva a educação ambiental*
Agricultura urbana + Economia + Agricultura orgânica + Cultura de paz + Veterinário + Permacultura + Vegetarianismo
2 - Como o projeto/organização entende e se relaciona com os campos de política, economia e meio ambiente? E o da cultura?

Relações
Município local → município + políticas públicas
UNAPAZ → estratégia de política pub
+ promoção de economia sustentável
+ formalidade de org. governamental
3 - Quais são as relações, interações e influências do projeto/organização com a cidade, o meio urbano e seu entorno? E o seu inverso?

51 área
temáticas
UNAPAZ → difusão de ideias
+ trabalho natural e a cidade → *relações de encontro*
+ *estruturas multiplicadoras*
+ *parque + valores indissociáveis*
+ *Entorno + mais fidelidade de acesso*
4 - Quais os valores e princípios do projeto/organização? Como se identifica e como é identificado?

Identidade
laboratório
Foodbank
Valores → *integração com o meio ambiente / conexão*
+ *sustentabilidade* → *diálogo com ambientes no urbano*
+ *preservação e não desperdício*
5 - O projeto/organização se relaciona com outras organizações? De que forma, com que frequência e por quais meios?

Canal
Interfere
entre poder público e sociedade civil
+ *outras inst. da prefeitura* → *secretarias e demandas da área*
+ *Sec. Civil* → *Parceria com associações org. voluntárias*
+ *no local* → *UNAPAZ*
Frequência → *constante* → *demandas*
Meios → *cursos / eventos / ateliês e iniciativas*
+ *esp. físico da UNAPAZ* → *base pl*

+
 @ Meios propostos p/ voluntários / membros

6 - O projeto-organização trabalha ou se relaciona com o ensino e aprendizagem de Permacultura? Se sim, de que forma, com que frequência e por quais meios?

Sim, através da ed. ambiental → temas correlatos
 (Permacultura → parte 5, Agrofloresta)
 frequência → reuniões \$
 Meios →

7 - Quais as dificuldades e desafios que o projeto-organização enfrenta ou já enfrentou? Quais as possibilidades e oportunidades potenciais?

Dificuldades → recursos \$ p/ fazer mais.
 Possibilidades → limites um área de conhecimento tema
 Laboratório de equipe → atender pontos → limitações naturais do esp.
 mt criatividade e postura → possibilidades no momento novo tempo
 8 - Qual poderia ser a frase chave do projeto-organização? Resposta: c/ ideias novas demandas

Apoiar na estrutura do secretariado p/ inovar c/
 criatividade
 UNIAZ é um laboratório que ...

OBSERVAÇÕES GERAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada Permane (sendo) na cidade: Relações e identidades de grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo, desenvolvida por Bárbara Machado Mazzetti. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] pela Prof. Dra. Madalena Pedroso Aulicino, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail mada.lzt@usp.br. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender como ocorre, por que e por quem a Permacultura é praticada e difundida no Município de São Paulo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará por meio de entrevista semi-estruturada, a ser registrada e gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, 21 de abril de 2018

Assinatura do(a) participante: _____

GUSTAVO BEUTTENMÜLLER

**Permane (sendo) na Cidade: relações e identidades de grupos de
Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo.**

EACH USP - 2018

Mestranda Responsável: Bárbara Machado Mazzetti

Inst:

Data e Horário: 27/12/2018

Organização: Casa do Cabelo

Entrevistado: Margery e Anelissa

1 - Como, quando e em qual contexto - por quê - surge o projeto/organização? Como se relaciona com a área da Permacultura?

Casa do Cabelo → instituto
2000 → início do projeto no ano → fúrias orgânicas → 4º curso
conteúdo → Permacultura contribui c/ a → desde 2000 → fôra um política pública
p/ debater → urbanística do cidade → Mobil → espaço de encontro p/ debate → permite disse
política → projeto do meio ambiente → seus projetos

2 - Como o projeto/organização entende e se relaciona com os campos de política, economia e meio ambiente? E o da cultura?

Baixa p/ tempo curto perspectiva → olhar sobre o urbano
Contribuição permeia longa → abrir horizontes → não sólogia
Economia blástica: quais os / considerar → olhar de todo
(2º curso) + PDC recursos materiais e meio ambiente

3 - Quais são as relações, interações e influências do projeto/organização com a cidade, o meio urbano e seu entorno? E o seu inverso?

Casa → espaço c/ legado histórico da política de discussões
→ obra e → ponto de referência > fazer permacultura c/
permacultura) parceria desde o princípio impacto social
→ integração de PDC → aulas técnicas no casa e
situação política na cidade

4 - Quais os valores e princípios do projeto/organização? Como se identifica e como é identificado?

→ promover discussões conhecimentos, → não sem nunca
→ busca de conhecimento ambiental → trabalho
Casa → espaço p/ discussões / debates político
Coletivo Permacultura → formação de permacultores → p/ meio
→ promover autonomia, descentralizar, conectar → PDC

5 - O projeto/organização se relaciona com outras organizações? De que forma, com que frequência e por quais meios?

Relações c/ os lugares de PDC → ampliar pertencimento
→ Jardim Domasceno → a não no urbano
→ espaço sustentável → se perceber
→ Praxina → PDC → urbano
→ Cursos fora do PDC → fase de movimento → potencialize
+ 1 vez p/ mês → o número
Fazendo gente trans-Paradigma de
no comunidade formar abundância as pessoas

intenção de levar p/ periferia

6 - O projeto-organização trabalha ou se relaciona com o ensino e aprendizagem de Permacultura? Se sim, de que forma, com que frequência e por quais meios?

PDC Permacultura → da 00 ano → PDC popular, por semestre
→ diferente de PDC normal (30h de aula)
→ se sobra a realidade urbana, 3 módulos
criam locais para o número 1 semana - a noite

7 - Quais as dificuldades e desafios que o projeto-organização enfrenta ou já enfrentou? Quais as possibilidades e oportunidades potenciais?

Casa → saúde financeira → Permacultura contribui
↳ desafios → interligar grupos e ações
Permacultura → desafio → reduzir os custos / possibilidades
* Permacultura ainda é mt estigmatizada / tendência
8 - Qual poderia ser a frase chave do projeto-organização?
Casa → promover a reflexão sobre a cidade / e estilo de vida
e perspectivas políticas amplas / e riqueza
Permacultura → educação p/ autonomia / gerando
e descentralizada / de gente multi

Colaboração: conectar pessoas

OBSERVAÇÕES GERAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada Permane (sendo) na cidade: Relações e identidades de grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo, desenvolvida por Bárbara Machado Mazzetti. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] pela Prof. Dra. Madalena Pedroso Aulicino, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail mada.lzt@usp.br. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender como ocorre, por que e por quem a Permacultura é praticada e difundida no Município de São Paulo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará por meio de entrevista semi-estruturada, a ser registrada e gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, 27 de abril de 2018

Assinatura do(a) participante:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada Permane (sendo) na cidade: Relações e identidades de grupos de Permacultura no meio urbano do Município de São Paulo, desenvolvida por Bárbara Machado Mazzetti. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] pela Prof. Dra. Madalena Pedroso Aulicino, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail mada.lzt@usp.br. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender como ocorre, por que e por quem a Permacultura é praticada e difundida no Município de São Paulo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará por meio de entrevista semi-estruturada, a ser registrada e gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, 27 de Abri de 2018

Assinatura do(a) participante:

André Malpica Capiglian